

ALPHA

ISSN 2448-1548

Vol. 23, n. 1, jan./jul. 2022





Revista do Centro Universitário de Patos de Minas

UNIPAM | Centro Universitário de Patos de Minas

Reitor

Henrique Carivaldo de Miranda Neto

Pró-reitora de Ensino, Pesquisa e Extensão

Maria Marta do Couto Pereira Rodrigues

Pró-reitor de Planejamento, Administração e Finanças

Renato Borges Fernandes

Coordenadora de Extensão

Adriana de Lanna Malta Tredezini

Diretora de Graduação

Mônica Soares de Araújo Guimarães

Coordenador do Núcleo de Editoria e Publicações

Geovane Fernandes Caixeta

A **Revista ALPHA** é uma publicação semestral dos cursos de História, Pedagogia e Letras, do Centro Universitário de Patos de Minas. Coordenador dos cursos de Pedagogia e História: Marcos Antônio Caixeta Rassi. Coordenadora do curso de Letras: Mônica Soares de Araújo Guimarães. **Imagem da capa:** CARPACCIO, Vittore. *The Virgin Reading*. 1505. Pintura, óleo sobre tela, 78 x 51 cm.

Catálogo na Fonte
Biblioteca Central do UNIPAM

R454 Revista ALPHA [recurso eletrônico] / Centro Universitário de Patos de Minas. – Dados eletrônicos. – Vol. 1, n.1 (nov. 2000)-. – Patos de Minas : UNIPAM, 2000-

Annual: 2000-2015. Semestral: 2016-
Disponível em: <<https://revistas.unipam.edu.br>>
ISSN 1518-6792 (impresso)
ISSN 2448-1548 (on-line)

1. Cultura – periódicos. I. Centro Universitário de Patos de Minas. II. Título.

CDD 056.9

ALPHA

Revista do Centro Universitário de Patos de Minas

ISSN 2448-1548

Vol. 23, n. 1, jan./jul. 2022

Patos de Minas: Alpha, UNIPAM, v. 23, n. 1, jan./jul. 2022: 1-129



Centro Universitário de Patos de Minas



Núcleo de Editoria e Publicações

Alpha © Revista do Centro Universitário de Patos de Minas
<https://revistas.unipam.edu.br/index.php/revistaalpha>
E-mail: revistaalpha@unipam.edu.br

Editor

Geovane Fernandes Caixeta

Conselho Editorial Interno

Carlos Roberto da Silva (UNIPAM)
Carolina da Cunha Reedijk (UNIPAM)
Elizene Sebastiana de Oliveira Nunes (UNIPAM)
Geovane Fernandes Caixeta (UNIPAM)
Gisele Carvalho de Araújo Caixeta (UNIPAM)
Mônica Soares de Araújo Guimarães (UNIPAM)

Conselho Consultivo

Agenor Gonzaga dos Santos (UNIPAM)
Ana Cristina Santos Peixoto (Universidade Federal do Sul da Bahia)
Bruna Pereira Caixeta (Sagah Soluções)
Carlos Alberto Pasero (Universidad de Buenos Aires)
Eliane Mara Silveira (Universidade Federal de Uberlândia)
Elaine Cristina Cintra (Universidade Federal de Uberlândia)
Erislane Rodrigues Ribeiro (Universidade Federal de Goiás)
Fábio Figueiredo Camargo (Universidade Federal de Uberlândia)
Hélder Sousa Santos (Instituto Federal do Triângulo Mineiro)
Helena Maria Ferreira (Universidade Federal de Lavras)
João Bosco Cabral dos Santos (Universidade Federal de Uberlândia)
José Olímpio de Magalhães (Universidade Federal de Minas Gerais)
Luís André Nepomuceno (Universidade Federal de Viçosa – Campus Rio Paranaíba)
Manuel Ferro (Universidade de Coimbra)
Maria Aparecida Barbosa (Universidade Federal de Santa Catarina)
Maria do Carmo Viegas (Universidade Federal de Minas Gerais)
Maria José Gnatta Dalcuche Foltran (Universidade Federal do Paraná)
Mateus Emerson de Souza Miranda (Universidade Federal de Minas Gerais)
Roberta Guimarães Franco Faria de Assis (Universidade Federal de Lavras)
Silvana Capelari Orsolin (Centro Universitário de Patos de Minas)
Silvana Maria Pessoa de Oliveira (Universidade Federal de Minas Gerais)
Sueli Maria Coelho (Universidade Federal de Minas Gerais)
Susana Ramos Ventura (Universidade Federal de São Paulo/ Campus Guarulhos)
Teresa Cristina Wachowicz (Universidade Federal do Paraná)

Revisão

Geovane Fernandes Caixeta
Gisele Carvalho Araújo Caixeta
Rejane Maria Magalhães Melo

Diagramação

Lorrany Lima Silva

Editorial

As pesquisas feitas nos ambientes acadêmicos não estão completas se não forem comunicadas a grupos específicos ou à sociedade. Nesse sentido, este número da *Revista Alpha* é um canal que viabiliza essa comunicação, ou seja, um veículo para textos e pensamentos que se comunicam com textos e pensamentos de nossos leitores.

Os onze textos deste número são uma possibilidade de se fazer ecoar na sociedade um conjunto de saberes construído com zelo e cuidado por seus respectivos autores. Parafraseando João Cabral de Melo Neto, precisamos de leitores que apanhem esses textos – ou pelo menos um deles – e que, aceitando-os ou refutando-os parcial ou totalmente, faça o lançamento dele(s) a outros leitores, tecendo, assim, uma produção cultural que se funda na e pela linguagem.

Em “Caminhos sincrônicos e diacrônicos de fraseologismos na tricotomia coseriana: uma proposta”, Roosevelt Vicente Ferreira e Elizabete Aparecida Marques propõem novas formas de consolidar os estudos sobre fraseologismos brasileiros. Em “Análise discursiva das manchetes jornalísticas do Patos Hoje Notícias”, Andréa Cristina de Paula e Kamilly de Fátima Magalhães Silva analisam marcas de subjetividade discursiva em manchetes jornalísticas. Rodrigo Conçole Lage, em “Elementos metapoéticos do poema ‘Poética da transcrição’, de António Barahona” examina o poema “Poética da transcrição”, de António Barahona. Em “Saberes e práticas de ensino de leitura em inglês no Ensino Médio”, Daniel Mateus O’connell e Dirce Charara Monteiro discutem a coerência entre os saberes de duas professoras de inglês do ensino médio a respeito das diferentes abordagens de leitura e como eles se tornam presente na prática.

Lucas Rocha Coelho e Geovane Fernandes Caixeta, em “O roubo de Europa por Júpiter, de Ovídio: uma análise das metonímias na perspectiva da Linguística Cognitiva”, mostram, a partir das ocorrências no poema “O Roubo de Europa por Júpiter”, de Ovídio, a riqueza expressiva das metonímias, tendo como background a sua operação dentro de um Modelo Cognitivo Idealizado. Em “Tulips, de Sylvia Plath (1932-1963): rastros e vozes da memória”, José Ignacio Ribeiro Marinho e Mathias Vinícius Santos Rocha apresentam a vida e a obra de Sylvia Plath e trazem à luz uma análise de “Tulips”, mapeando rastros e vozes da memória dessa autora. Ezequiel Flávio de Sousa, em “A sutileza da opressão em ‘Emma’, de Jane Austen”, identifica e analisa as formas de opressão e exclusão social presentes em “Emma”, de Jane Austen. Juliana Cristine Brandão da Silva e Márcio Roberto Sardela Júnior, em “Contrapontos entre a poesia marginal de 1970 e a literatura marginal/periférica”, esclarecem as diferenças e semelhanças entre a poesia marginal da década de 1970 e a literatura marginal/periférica, considerando o campo literário e o social. Robson Stigar e Edenilson Fernando do Nascimento, em “A autonomia da razão e a razoabilidade do dom da fé em Blaise Pascal”, refletem, por meio de uma linguagem poética, sobre a pessoa de Blaise Pascal em torno da autonomia da razão e a razoabilidade do dom da fé.

Na resenha “O fim do Brasil”, o resenhista Roberto Carlos dos Santos propõe um exame da obra de Lívio Soares de Medeiros, apontando que o livro é bastante agradável e sedutor e permite ao leitor a identificação e a avaliação de problemas nevrálgicos e crônicos da sociedade brasileira. Já na resenha “A linguagem rural da região de Major Porto, município de Patos de Minas (MG): uma visão linguístico-ecossistêmica”, o resenhista Erick Samuel Silva Thomas emite seus julgamentos favoráveis ao livro de Hildo Honório do Couto e salienta que é uma obra de vital relevância para o desenvolvimento da Ecolinguística e da Linguística Ecossistêmica nos ambientes acadêmicos, além de dar uma visão geral da linguagem da região de Major Porto (MG).

De posse das ideias veiculadas por esses textos, os leitores podem contribuir para a tessitura de novos saberes. Para isso, é necessário fazer com que suas ideias, de uma forma ou de outra, circulem na imensa produção cultural instituída pela linguagem.

GEOVANE FERNANDES CAIXETA

Editor da *Revista Alpha*

Sumário

Caminhos sincrônicos e diacrônicos de fraseologismos na tricotomia coseriana: uma proposta.....	09
Roosevelt Vicente Ferreira Elizabeth Aparecida Marques	
Análise discursiva das manchetes jornalísticas do <i>Patos Hoje Notícias</i>.....	20
Andréa Cristina de Paula Kamilly de Fátima Magalhães Silva	
Elementos metapoéticos do poema “Poética da transcrição”, de António Barahona.....	31
Rodrigo Conçole Lage	
Saberes e práticas de ensino de leitura em inglês no Ensino Médio.....	41
Daniel Mateus O’Connell Dirce Charara Monteiro	
<i>O roubo de Europa por Júpiter</i>, de Ovídio: uma análise das metonímias na perspectiva da Linguística Cognitiva.....	54
Lucas Rocha Coelho Geovane Fernandes Caixeta	
<i>Tulips</i>, de Sylvia Plath (1932-1963): rastros e vozes da memória.....	69
José Ignacio Ribeiro Marinho Mathias Vinícius Santos Rocha	
A sutileza da opressão em <i>Emma</i>, de Jane Austen.....	83
Ezequiel Flávio de Sousa	
Contrapontos entre a poesia marginal de 1970 e a literatura marginal/periférica.....	93
Juliana Cristine Brandão da Silva Márcio Roberto Sardela Júnior	
A autonomia da razão e a razoabilidade do dom da fé em Blaise Pascal.....	104
Robson Stigar Edenilson Fernando do Nascimento	
Resenha: <i>O fim do Brasil</i>.....	116
Roberto Carlos dos Santos	
Resenha: <i>A linguagem rural da região de Major Porto, município de Patos de Minas (MG): uma visão linguístico-ecossistêmica</i>.....	125
Erick Samuel Silva Thomas	

Caminhos sincrônicos e diacrônicos de fraseologismos na tricotomia coseriana: uma proposta

Synchronic and diachronic paths of phraseologies in Coserian trichotomy: a proposal

ROOSEVELT VICENTE FERREIRA

Doutorando do PPGLetras - UFMS

E-mail: roosevf@uol.com.br

ELIZABETE APARECIDA MARQUES

Professora Doutora do PPGLetras - UFMS

E-mail: elizabete.marques@ufms.br

Resumo: Este trabalho propõe novas formas de se visualizarem as consolidações de fraseologismos na visão tripartida da linguagem proposta por Coseriu (1959, 1967 [1962]). Por intermédio de uma revisão bibliográfica das obras de Eugenio Coseriu e um aprofundamento nas conceituações da tricotomia da linguagem, sugerimos novos campos sincrônicos na tríade *parole x norma x sistema* que devem ser acessados por pontos de vistas distintos. O contraste dos momentos sincrônicos possibilitou a implementação de uma trajetória diacrônica para a consolidação dos fraseologismos, tendo como base os campos da tríade linguística coseriana. Assim, sugerimos uma trajetória histórica prospectiva de um fraseologismo desde a sua verbalização inicial no ato concreto da fala até a sua incorporação ao acervo sistêmico da língua, e, também, uma possibilidade de um pequeno caminho retrospectivo. Com esta pesquisa, esperamos colaborar com os estudos dos fraseologismos brasileiros em cenários teórico-linguísticos, principalmente sob a perspectiva da linguística estrutural.

Palavras-chave: Fraseologia. Norma. Sincronia. Diacronia.

Abstract: This work proposes new ways of visualizing the consolidations of phraseologies in the tripartite view of language proposed by Coseriu (1959, 1967 [1962]). Through a bibliographic review of Eugenio Coseriu's works and a deepening of the concepts of the trichotomy of language, we suggest new synchronic fields in the triad *parole x norm x system* that should be approached from different points of view. The contrast of the synchronic moments made it possible to implement a diachronic trajectory for the phraseologies consolidation based on the fields of the Coserian linguistic triad. Thus, we suggest a prospective historical trajectory of phraseology, since its initial verbalization in the concrete act of speech until its incorporation into the systemic collection of the language, and a possibility of a short retrospective path. With this research, we hope to collaborate with the studies of Brazilian phraseologies in theoretical-linguistic scenarios, mainly from the perspective of structural linguistics.

Keywords: Phraseology. Norm. Synchrony. Diachrony.

1 INTRODUÇÃO

Os pressupostos fraseológicos sistematizados por Bally (1909) ganharam terreno ao longo do século XX. Que pese os desacertos teóricos e metodológicos dos estudos em vários países, podemos afirmar que, neste século, os saberes investigados a respeito do universo pluriverbal atingiram uma sólida visão acerca do comportamento das unidades fraseológicas. Em termos gerais, observamos que, à sombra do aspecto formal, os estudos buscam o entendimento dos fenômenos de restrição combinatória léxica ou sintática, suas possibilidades e impossibilidades e os motivos de se apresentarem muitas vezes mais desejáveis. No domínio da significação, as pesquisas de cunho léxico-semântico recaem sobre o fenômeno da integração total ou parcial, ou da não integração, dos significados dos elementos formantes da estrutura. Já no aspecto discursivo-pragmático, o alvo das pesquisas são as unidades léxicas complexas que constituem atos de fala por si mesmas e funcionam como enunciados com características de texto (provérbios, ditos populares, etc.).

Em nosso país, esses fenômenos fraseológicos são estudados em maior grau sob a perspectiva sincrônica, cuja fundamentação teórica produzida embasa a descrição, a comparação e a classificação das unidades pluriverbais em uma perspectiva diferencial, com o objetivo maior de aplicação nos processos de tradução, lexicográficos e nas metodologias de ensino, e, em menor grau, sob o panorama diacrônico, o caminho histórico das unidades fraseológicas e as concepções pluriverbais frente às teorias linguísticas.

Diante desse fato, este trabalho, por meio de uma revisão bibliográfica, aprofunda os olhares conceituais da tricotomia da linguagem coseriana *parole x norma x sistema* e propõe uma percepção sincrônica e diacrônica da consolidação das unidades fraseológicas, em uma determinada comunidade linguística.

2 VISÃO DUALISTA DE SAUSSURE

As fundamentações linguísticas estruturais propostas por Saussure (2012 [1916]) formam a base da linguística como ciência contemporânea. A partir de seus postulados, inúmeros outros conceitos foram produzidos, mas sempre em função de defender, complementar ou refutar as posições marcantes do mestre genebrino, principalmente nas análises da dicotomia *língua x fala*.

Para o linguista genebrino, a linguagem é constituída de dois aspectos essenciais e correlativos, a *langue* (língua) e a *parole* (fala ou ato linguístico). A primeira se apresenta como um “sistema de signos”, elementos esses que se relacionam organizadamente dentro de um todo, posicionando-se linearmente e associando-se por oposição, concebendo uma ligação arbitrária de um conceito com uma imagem acústica. Para Saussure (2012 [1916], p. 128), “a língua é um sistema do qual todas as partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica”.

Por sua vez, a fala recebe um papel dialógico para com a língua na formação da linguagem. Afirma Saussure (2012 [1916], p. 51-52) que é a fala, de caráter psicofísico, que faz com que a língua evolua e se estabeleça, vindo historicamente sempre antes desta. “Nada existe, portanto, de coletivo na fala; suas manifestações são individuais e

momentâneas”. Assim, a língua é totalmente interdependente da fala, onde se realiza e se transforma coletivamente, sendo ao mesmo tempo instrumento e produto. Com essas premissas, a dicotomia saussuriana *langue x parole* estabelece oposições entre os aspectos social e individual e abstrato e concreto da linguagem.

A posição dos fraseologismos¹ na concepção linguística dicotômica *parole x langue* é bem definida por Saussure (2012 [1916]). Para o autor, nosso falar é formado minimamente por signos isolados e quase que exclusivamente por grupos de signos que formam próprios signos. Para Saussure (2012 [1916], p. 173), na língua existem inúmeras expressões denominadas de frases feitas, cujas estruturas “o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas”. Ressalta o linguista que não basta considerar a relação que une entre si as diversas partes de um sintagma, mas sim levar em conta a vinculação do todo com as diversas partes. Dessa forma, o mestre genebrino caracteriza a frase regular como um sintagma livre que pertence à fala (*parole*), e as frases feitas (é importante aqui percebermos a forte vinculação do todo com as partes) se posicionam no campo da língua (*langue*). Para o autor, devemos atribuir à língua, e não à fala, todos os tipos de sintagmas construídos sobre formas regulares e que foram registrados em número suficientemente grande.

3 TRICOTOMIA COSERIANA

Distintas percepções em relação à dicotomia saussuriana *langue x parole* foram apresentadas no universo linguístico no decorrer do século XX. Dentre elas, Coseriu (1959) que, partindo da premissa que Saussure concebe três conceitos de língua (acervo linguístico, que consubstancia o patrimônio de formas linguísticas acumulado na consciência dos indivíduos falantes; instituição social, um sistema comum do falar de variados indivíduos pertencentes a uma comunidade; e sistema funcional de diferenças e oposições significativas), contra-argumenta que na visão da língua como instituição social não se pode opor nitidamente o aspecto social ao aspecto individual, tendo em vista que o indivíduo não pode se contrapor à sociedade em que vive. Ressalta, também, que o aspecto social se manifesta no próprio falar concreto e nos atos linguísticos do indivíduo.

Em relação à visão funcional, o linguista destaca que não se pode confrontar o aspecto individual e concreto ao aspecto formal, visto que no próprio falar do indivíduo atuam também estruturas formais. Para Coseriu (1959), nem tudo que é normal, social e constante (instituição social) é funcional (sistema funcional), ou seja, há pressupostos que não coincidem na visão social e na visão funcional.

Questiona Coseriu (1959, p. 17): como podemos atribuir à *parole*, entendida como linguagem concreta, fenômenos normais e constantes numa língua e não só no falar concreto deste ou daquele indivíduo? Com essa indagação, o autor quer mostrar

¹ Adotamos o termo “fraseologismo” para as estruturas polilexicais que se aproximam de um unidade conceitual (locuções) e enunciados fraseológicos, como os provérbios, rifões e ditos populares. As solidariedades léxicas (colocações), em princípio, não fazem parte do universo por nós vislumbrado.

que, se as consolidações (atualização e realização) sociais do ato linguístico acontecem no campo da *parole* ou no campo da *langue*, a visão dicotômica de Saussure, nos pontos de vista social e funcional, fica prejudicada. A esse respeito, Brøndal (1932 *apud* COSERIU, 1959, p. 19), já havia asseverado que:

[...] resulta evidente que, permanecendo por ora sobre o terreno saussuriano, ou é necessário admitir que a *langue* não é só sistema funcional, mas actualização normal, ou se apresenta então como imprescindível a necessidade de encontrar para elas um terceiro campo, por exemplo aquele que certos estudiosos têm identificado vagamente com o chamado *uso linguístico*, que deveria ser qualquer coisa como uma norma intermédia e secundária permitida pelo sistema abstracto, a situar precisamente entre o sistema propriamente dito e a *parole*.

Como solução para o imbróglio, Coseriu (1959) aponta a necessidade de substituir a concepção dualista de Saussure, *langue* x *parole*, propondo a inclusão de um campo intermediário (*norma*) e a substituição de língua (*langue*) por *sistema*, argumentando que o conceito de língua é histórico, enquanto o de *sistema* e *norma* são conceitos estruturais e, portanto, sincrônicos.

Para Coseriu (1959), os conceitos de *norma* e *sistema* não são aplicados ao falar concreto e menos ainda às realidades autônomas destacadas da fala, mas sim nas formas que se manifestam e são distinguidas nos próprios atos linguísticos individuais. Enfatiza o linguista que as formas do falar concreto sofrem abstrações sucessivas, confrontando os atos linguísticos concretos com um falar anterior inserido mediante um outro processo de abstração no sistema que o autor denomina de isoglossas².

Nesse caminho, Coseriu (1959, p. 26) conclui que o *sistema* é um complexo de liberdades mais que imposições, e a *norma* “pode considerar-se como um sistema de realizações obrigatórias, de imposições sociais e culturais, e depende da extensão e da índole da comunidade considerada”. O conceito de *norma*, de acordo com o linguista, é visualizado por dupla abstração: eliminação dos atos linguísticos subjetivos e originais e uma norma geral e única para uma comunidade mais ou menos vasta.

Em relação aos fraseologismos, Coseriu (1967 [1962]) os posiciona na tricotomia diferenciando as estruturas sintáticas em frases regulares e frases fixas e defendendo que as últimas pertencem à *norma* por serem realizações tradicionais ou esquemas sintáticos permitidos pelo *sistema*. No entanto, salienta que algumas realizações podem ser “normais” em uma língua e serem “anormais” em outras, adquirindo a normalidade somente sob uma determinada convenção estilística.

Na obra posterior, Coseriu (1977, p. 113, tradução nossa) atualiza a sua visão em relação às combinações léxicas, destacando que, dentro da sincronia, é preciso diferenciar a “técnica do discurso” do “discurso repetido”. A primeira engloba as unidades léxicas e gramaticais e as regras para as modificações e as combinações nas

² De acordo com Coseriu (1951 [1986], p. 17), o sistema de isoglossas define o conjunto de atos linguísticos de uma comunidade de indivíduos falantes.

orações, e o “discurso repetido” “compreende tudo o que tradicionalmente está fixado como “expressão”, “giro”, “modismo”, “frase” ou “locução”, cujos elementos constitutivos não são substituíveis ou recombináveis segundo as regras atuais da língua”³. Para o linguista, esse tipo de discurso pode conter elementos incompreensíveis no ponto de vista da técnica livre e são resquícios de estados da língua ultrapassados que sobreviveram diacronicamente na sincronia.

Em resumo, na visão de Coseriu os fraseologismos são estruturas fixas que são repetidas diacronicamente até que se estabeleçam como um modelo no *sistema*, sob uma visão sincrônica e, dessa forma, estacionam-se no campo *norma* como um regramento social em uma determinada comunidade linguística. No entanto, mesmo com esse posicionamento categórico a respeito do “discurso repetido” na percepção tricotômica, muitas outras visões foram concebidas sobre a vinculação dos fraseologismos aos campos propostos, ao longo dos estudos das combinações léxicas.

Na investigação das fraseologias das línguas românicas, Thun (1978 *apud* CORPAS PASTOR, 1996, p. 38-41) considera como unidades fraseológicas do *sistema* as que não são percebidas pelo significado categorial e pelos elementos integrantes. Para o linguista, as estruturas da *fala* compreendem os rifões, provérbios, ditos populares etc., e as colocações são fixadas apenas no campo da *norma*, constituindo, sob o ponto de vista do *sistema*, sintagmas completamente livres. Enfatiza o teórico que as unidades fraseológicas do *sistema* são ao mesmo tempo da *norma*, e que as da *norma* são ao mesmo tempo da *fala*.

Já Zuluaga (1980) defende que as unidades fraseológicas são unidades de *língua*, porque são elementos conhecidos antes do ato de *fala* onde são empregadas e atualizadas, entretanto a estrutura interna das unidades revela características de produtos da *fala* e a fixação empresta o status de elementos da *língua*. Por sua vez, partindo do conceito de enunciado como unidade mínima de comunicação, Corpas Pastor (1996) define as estruturas que não correspondem a um enunciado completo em unidades do *sistema*, no caso as locuções, e as fixadas na *norma* aquelas que, sob o ponto de vista do *sistema*, são combinadas a partir de regras de fixação determinadas pelo uso. Em contrapartida, os enunciados completos são fixados na *fala* e são os que concebem os enunciados fraseológicos. Nesse caminho, Ruiz Gurillo (1997) adota a percepção coseriana, e Santamaría Perez (2000) argumenta que as unidades fraseológicas fazem parte do uso comum, pertencendo, dessa forma, à *norma*.

Diante disso, podemos perceber que, sob um olhar sincrônico, alguns teóricos vislumbram, de forma geral, as unidades na *norma*, e outros as colocam ora em um campo, ora em outro ou as classificam conforme o nível fixacional: colocações, na *norma*, locuções, no *sistema*, e provérbios ou enunciados, na *fala*.

³ [...] abarca todo lo que tradicionalmente está fijado como “expresión”, “giro”, “modismo”, “frase” o “locución” y cuyos elementos constitutivos no son reemplazables o re-combinables según las reglas actuales de la lengua.

4 PROPOSTA SINCRÔNICA

Da observação das premissas disponibilizadas nas obras de Coseriu (1951, 1959, 1962, 1977), podemos apontar algumas considerações importantes para argumentar a nossa proposta de um novo olhar sincrônico: (i) o “discurso repetido” é historicamente construído ao longo de momentos sincrônicos, dessa forma necessita de um espaço diacrônico para que aconteçam as “repetições”; (ii) a aplicação dos conceitos de *norma* e *sistema* só são possíveis sob um olhar sincrônico e são percebidos nos atos linguísticos individuais, no interior de uma determinada comunidade linguística; (iii) a dupla abstração do conceito de *norma* consolida a existência de atos linguísticos subjetivos e originais e dos que fazem parte do regramento social em um grupo linguístico específico.

Das considerações (i) e (ii), postulamos que, na visão de Coseriu (1977), os fraseologismos dependem de repetições, no seio de uma comunidade linguística, para que se transformem em blocos de discurso homologados pelo *sistema/norma*. Questionamos então: em que campo da tríade coseriana acontecem as repetições antes da cristalização no *sistema* e a adoção como *norma*? Com essa indagação, vislumbramos que precisamos de um campo para posicionarmos as “repetições” que ainda não alcançaram o acervo do *sistema*.

É possível construir uma proposição através de duas concepções de Coseriu, demandadas em obras distintas:

Com efeito, o registro de actos linguísticos novos e ainda não generalizados (“erróneos”, do ponto de vista da norma em vigor num dado momento) permite-nos verificar, num determinado tempo, se foram impostos como novas normas ou, melhor ainda, quais desses atos foram impostos e quais, por outro lado, foram rejeitados pelo “uso”, ou seja, nos permite surpreender em certa medida o futuro da língua⁴ (COSERIU, 1951, p. 83-84, tradução nossa).

Nessas colocações, que antecederam a fundamentação da tríade, Coseriu (1951 [1986]) já adverte que alguns atos linguísticos impostos ao uso podem ser rejeitados socialmente e, dessa forma, não adotados pela *língua*. Por sua vez, em Coseriu (1967 [1962], p. 69, tradução nossa) os elementos não acervados pelo *sistema* são também classificados na *norma*, desconfigurando o que prega a segunda abstração:

Mas onde devem ser colocados na linguagem aqueles elementos normais e constantes em uma língua e, no entanto, “não pertinentes” do ponto de vista funcional,

⁴ En efecto, el registrar actos lingüísticos nuevos y todavía no generalizados (“erróneos”, desde el punto de vista de la norma vigente en un momento dado) nos permite comprobar, dentro de cierto tiempo, si se han impuesto como nuevas normas o, mejor, cuáles de esos actos se han impuesto y cuáles, en cambio, han sido rechazados por el “uso”, es decir que nos permite sorprender en alguna medida el devenir de la lengua.

uma vez que não podem ser classificados no sistema? Bem, precisamente, naquela outra abstração, anterior ao sistema, que chamamos de norma⁵.

Se levamos em consideração a posição sincrônica de Coseriu (1967 [1962], p. 69, tradução nossa) que impõe que os fraseologismos “representam realizações tradicionais de esquemas contidos no sistema mesmo, ou seja, são atos de norma”⁶, ousamos então afirmar que, em uma visão diacrônica, as “repetições” são processos transitórios de homologação de estruturas funcionais que acontecem no campo da *norma*, não como um regramento social, mas de forma transitória esperando a validação social para a aceitação como modelo no *sistema*.

Diante disso, propomos, sob o ponto de vista da *norma* e sob uma percepção diacrônica, que os fraseologismos podem ser classificados como pertencentes à *norma transitória* ou à *norma social*. Na primeira estão as estruturas “em teste” aguardando a aceitação social e na segunda as que já foram inventariadas no *sistema* e ganharam o *status* de norma geral na comunidade linguística pertinente.

Por extensão, se deslocamos o nosso ponto de vista para o *sistema*, um fraseologismo verbalizado pode estar acervado no *sistema* da comunidade linguística, sendo dessa forma convencionalizado e funcional ou ainda não ter sido homologado, sendo assim, não convencionalizado ou afuncional.

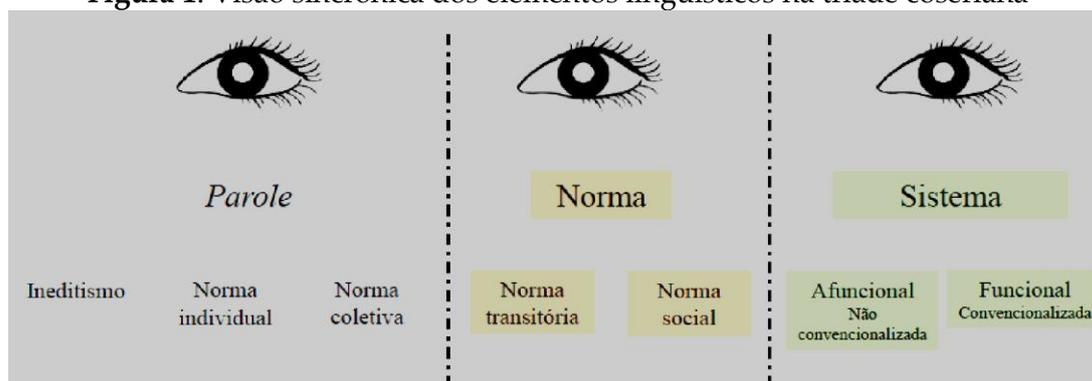
Os postulados em (iii) proporcionam-nos a possibilidade de movermos o ponto de vista para a *parole* e visualizarmos que um fraseologismo verbalizado num ato linguístico individual pode ser uma estrutura inédita, fruto da criatividade ou empréstimo, ser uma norma individual do falante ou já pertencente a uma norma coletiva.

Em resumo, as reflexões sobre a dupla abstração da *norma* concebida por Coseriu (1959, 1967 [1962]) e o papel sincrônico dos campos da *norma* e *sistema*, dão-nos a possibilidade de inferir que os enunciados linguísticos manifestados no campo concreto participam de construções mentais diferenciadas conforme o posicionamento do ponto de vista nos domínios da tríade coseriana. Assim, sob o ponto de vista da *parole*, percebemos as realizações classificadas como *ineditismo linguístico*, *norma individual* e *norma coletiva*. Sob a ótica da *norma*, podemos vislumbrar a *norma transitória* e a *norma social* sistematizada funcionalmente, e, finalmente, sob o panorama do *sistema*, apontamos as unidades que são convencionalizadas ou não, ou funcionais ou afuncionais. Sintetizamos essa percepção na Figura 1.

⁵ Pero ¿dónde hay que colocar en el lenguaje esos elementos normales y constantes en una lengua y, sin embargo, “no-pertinentes” desde el punto de vista funcional, dado que no pueden clasificarse en el sistema? Pues, justamente, en aquella otra abstracción, anterior al sistema, a la que hemos llamado *norma*.

⁶ [...] representan realizaciones tradicionales de esquemas contenidos en el sistema mismo, es decir, que son hechos de norma.

Figura 1: Visão sincrônica dos elementos linguísticos na tríade coseriana



Fonte: elaboração dos autores.

Essas novas percepções acontecem pelo deslocamento de pontos de vista, o qual percorre sincronicamente as abstrações da norma proposta por Coseriu (1959, 1967 [1962]). Na primeira fotografia sincrônica, sob o ponto de vista da *parole*, o fraseologismo verbalizado no ato concreto da fala pode ser classificado como *inédito* ou pertencente à *norma individual* ou à *norma coletiva*. O *ineditismo* fraseológico pode ser fruto de uma criação momentânea do indivíduo ou uma repetição de uma construção linguística ouvida em outro grupo linguístico e até mesmo uma tradução de uma outra língua. Para a observação do *ineditismo*, é preciso levar em consideração a perspectiva do grupo social onde o ato concreto é realizado. A estrutura pode ser inédita em um grupo e já ser uma *norma coletiva* em outro.

A *norma individual* abarca os fraseologismos que integram o acervo linguístico de um falante. Essas unidades podem ser repetidas por outros falantes no mesmo grupo ou em outros, a partir de uma chamada introdutória: “como diz ou dizia fulano de tal...”. Já os fraseologismos entendidos como pertencentes à *norma coletiva*, são construções que, sob o panorama da *parole*, são internalizadas por uma comunidade linguística, integrando um *sistema* próprio que pode ou não estar convencionalizado no *sistema* da língua. Esses grupos podem ser famílias, grupos profissionais e até mesmo grupos de lazer. Esses pressupostos nos permitem inferir que, sob o prisma da *parole*, o ângulo social recai nos pequenos ou subgrupos que formam uma comunidade linguística plena. Essa ideia corrobora o que preza Coseriu (1959) ao postular que a norma é variável segundo os limites da comunidade considerada, limites que se estabelecem convencionalmente.

Ao movimentarmos o ponto de vista para a *norma*, a ótica social se desloca para a comunidade linguística detentora da *langue*. Sob esse aspecto, propomos um campo transitório onde os fraseologismos pertencentes aos subgrupos sociais e os que estão sendo “repetidos” aguardam a homologação pelo *sistema funcional*, e o domínio da *norma social* que abrange as estruturas utilizadas como um regimento pelo *sistema*, caracterizando a segunda abstração da *norma* proposta por Coseriu (1959, 1967 [1962]).

Finalmente, sob a ótica do *sistema*, no ato concreto da fala podem ser formulados fraseologismos que já estão convencionalizados no acervo institucional e funcional e, também, aqueles que ainda não foram admitidos como estrutura da língua, e desse modo, não convencionalizados sob a ótica sincrônica. Os primeiros, normalmente, são

dicionarizados como parte do acervo linguístico geral de uma comunidade linguística, e os demais se apresentam como variantes regionais ou em processo de consolidação no acervo sistêmico.

5 PROPOSTA DIACRÔNICA

Com a implementação dos olhares sincrônicos da consolidação de fraseologismos na tricotomia coseriana, passamos a construir, por meio de contrastes sincrônicos, um caminho diacrônico das combinações léxicas fraseológicas na concepção tricotômica coseriana.

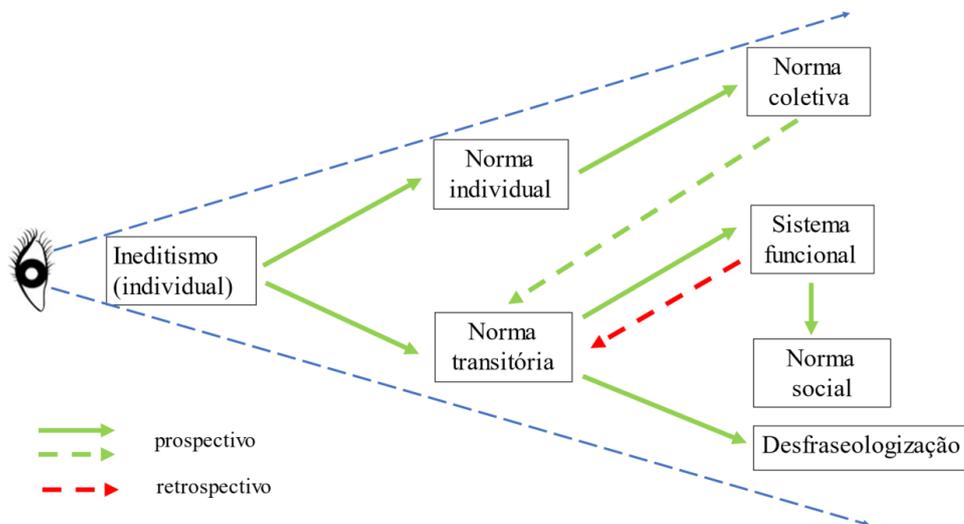
Numa primeira visão histórica, o fraseologismo nasce ou aparece⁷ no ato concreto da fala (*parole*) de forma individual proveniente de uma construção particular de um indivíduo ou por empréstimo de um outro grupo social. A estrutura pode seguir dois caminhos distintos: consolidar-se como uma *norma individual* e posteriormente à *norma coletiva*, que pode ou não se transferir para a *norma transitória* para o processo “das repetições” e homologações pelo grupo social. Caso a expressão seja aceita pelo grupo como uma estrutura funcional, será integrada ao *sistema funcional* da coletividade linguística geral.

A outra trajetória concebe, de forma prospectiva, a formulação inédita de um fraseologismo no ato da fala, a sua passagem para o campo da *norma transitória*, onde, após o processo de homologação social, pode ser rejeitado pelo uso coletivo e consequentemente desfraseologizado, ou ser acatado pelo *sistema* como um modelo convencionalizado, podendo, dessa forma, integrar o campo da *norma social* como uso normativo.

Também é possível antever, sob um olhar diacrônico retrospectivo, a possibilidade dos fraseologismos, já consolidados e convencionados no *sistema* de uma determinada comunidade linguística, retrocederem para o campo da *norma transitória* através de um novo ato linguístico concreto, e assim novamente passarem pelo crivo da *norma* para mudanças nas características de fixação e de idiomaticidade, podendo haver um fortalecimento ou um enfraquecimento dessas características, até mesmo ao ponto da desfraseologização, respeitando, assim, o *continuum* que caracteriza as unidades fraseológicas. Essa dinâmica ocorre independentemente nos aspectos que caracterizam uma unidade fraseológica, ou seja, sintaticamente um fraseologismo pode estar no *sistema*, porém, no aspecto semântico pode estar ainda sendo homologado pela *norma transitória*. Esquematizamos a proposta diacrônica na Figura 2.

⁷ Não é objetivo destas reflexões a análise das motivações etimológicas dos fraseologismos.

Figura 2: Caminhos diacrônicos dos fraseologismos na tricotomia coseriana



Fonte: elaboração dos autores.

6 CONCLUSÃO

Com o objetivo de colaborar com estudos das combinações léxicas classificadas no universo fraseológico, tendo como fundo a perspectiva estrutural, neste trabalho buscamos, por meio de um aprofundamento nas conceituações da tricotomia coseriana, a construção de uma proposta de novas formas de se visualizar as consolidações de fraseologismos na visão tripartida da linguagem proposta por Coseriu (1959, 1967 [1962]).

Construímos novos momentos sincrônicos que devem ser acessados por pontos de vistas distintos, conforme os campos da tríade *parole x norma x sistema*. As fotografias sincrônicas sugeridas trazem novas posições linguísticas na tricotomia para o posicionamento de um fraseologismo verbalizado por um falante em um contexto social-linguístico determinado. Os contrastes dos momentos sincrônicos possibilitaram a implementação de uma trajetória diacrônica para a consolidação de um fraseologismo tendo como base os campos da tríade linguística coseriana.

Nesse íterim, esperamos ter conseguido implementar reflexões teórico-linguísticas a respeito da consolidação dos fraseologismos em uma comunidade linguística, qualquer que seja a sua amplitude considerada. Seguramente a construção de um *corpus* representativo poderá confirmar a existência dos fraseologismos nas competências individuais, familiares e em grupos sociais diversos, bem como o caminho histórico proposto. Esse desafio se mostra necessário e justifica o prosseguimento de estudos futuros acerca do tema.

REFERÊNCIAS

BALLY, Charles. **Traité de Stylistique Française**. v. 1, 5. ed. Genève: Librairie de l'Université George & Cie S. A., 1970 [1909].

BRØNDAL, Viggo. **Morfologi og syntax**. Nye Bidrag til Sprogets Theori. Copenhagen, 1932.

CORPAS PASTOR, Gloria. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 1996.

COSERIU, Eugenio. **Introducción a la lingüística**. Madrid: Editorial Gredos, 1986 [1951].

COSERIU, Eugenio. **Sistema, norma e fala**. Comunicação enviada ao VIº Congresso Internacional de Linguistas. Coimbra: Livraria Almedina, 1959.

COSERIU, Eugenio. **Teoría del lenguaje y lingüística general**. Madrid: Editorial Gredos, 1967 [1962].

COSERIU, Eugenio. **Principios de semántica estructural**. Versión española de Marcos Martínez Hernández. Madrid: Editorial Gredos, 1977.

RUIZ GURILLO, Leonor. **Aspectos de fraseología teórica española**. València: Universitat de València, 1997.

SANTAMARÍA PEREZ, María Isabel. **Tratamiento de las unidades fraseológicas en la lexicografía bilingüe español-catalán**. 2000. 388 f. Tesis (Doctorado en Filosofía y Letras) – Universidad de Alicante. Departamento de Filología Española. Alicante, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2012 [1916].

THUN, Harald. **Probleme der phraseologie**. Untersuchungen zur wiederholten Redemit Beispielen aus den Französischen, Italienischen, Spsnischen und Romänischen. Beihefte zur Zeitschrift für Romanische Philologie 168. Tübinga, Max Niemeyer, 1978.

ZULUAGA, Alberto. **Introducción al estudio de las unidades fijas**. Frankfurt am Maim: Peter Lang, 1980.

Análise discursiva das manchetes jornalísticas do *Patos Hoje Notícias*¹

Discourse analysis of journalistic headlines of Patos Hoje Notícias

ANDRÉA CRISTINA DE PAULA

Doutora em Letras - UFU
E-mail: andreapaula@iftm.edu.br

KAMILLY DE FÁTIMA MAGALHÃES SILVA

Estudante de Iniciação Científica - IFTM
E-mail: kamilly.silva@estudante.iftm.edu.br

Resumo: Objetiva-se, com a realização deste trabalho, analisar marcas de subjetividade discursiva nas manchetes jornalísticas veiculadas pelo Jornal Virtual *Patos Hoje Notícias*, um dos principais veículos de informações de Patos de Minas (MG). Para tanto, desenvolveu-se um estudo acerca das seis funções da linguagem, com foco na função referencial e apelativa; em seguida, realizaram-se leituras sobre as características dos textos informativos, dando ênfase para a notícia e as manchetes jornalísticas. Na sequência, buscou-se refletir sobre a teoria dos atos de fala, segundo a qual em todo dizer existe um componente perlocutório capaz de exercer efeitos sobre o interlocutor. Após analisarem-se algumas manchetes extraídas do Jornal *Patos Hoje*, chegou-se à conclusão de que esse aspecto perlocucionário manifesta-se de forma acentuada nos títulos de chamada dos textos analisados. Isso ocorre por meio da organização da mensagem de maneira aparentemente objetiva, mas que, através da utilização de diferentes recursos argumentativos (de escolha lexical, por exemplo), deixa marcas linguísticas de sua intencionalidade, as quais, além de informar, demonstram haver também o propósito de persuadir o leitor.

Palavras-chave: Análise discursiva. Manchetes jornalísticas. *Patos Hoje Notícias*.

Abstract: This paper aims to analyze the discursive subjectivity marks in news headlines published by a virtual newspaper *Patos Hoje Notícias*, one of the information vehicles of Patos de Minas (MG). To this end, a study was developed about the six functions of language, focusing on the referential and appellative functions; then, readings were carried out on the characteristics of the informative texts, emphasizing the news and journalistic headlines. Next, we tried to reflect on the speech act theory, according to which in every utterance, there is a perlocutory component capable of exerting effects on the interlocutor. After analyzing headlines from *Jornal Virtual Patos Hoje Notícias*, we concluded that this perlocutionary aspect manifests itself markedly in the titles of the analyzed texts. This occurs through the organization of the message objectively, but that, through the use of different argumentative resources (of lexical choice, for example), leaves

¹ Esta pesquisa recebeu apoio interno BICJR/IFTM e foi realizada no campus Patos de Minas pela bolsista e estudante do curso técnico de Logística integrado ao ensino médio Kamilly de Fátima Magalhães Silva, sob orientação da professora doutora Andréa Cristina de Paula.

linguistic marks of its intentionality, which, besides informing, demonstrate that there is also the purpose of persuading the reader.

Keywords: Discourse analysis. Journalistic headlines. *Patos Hoje Notícias*.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Jakobson (1957), ao estudar a comunicação verbal, afirma que a linguagem deve ser estudada em toda a variedade de suas funções. Segundo ele, para toda comunidade linguística, para toda pessoa que fala, existe um sistema de língua, e esse código global representa um sistema de subcódigos relacionados entre si, cada um dos quais caracterizado por uma função diferente.

O autor começa por estabelecer os seis fatores constitutivos e inalienáveis de toda comunicação: o emissor, aquele que fala ou escreve; o destinatário, o receptor da mensagem; o referente, aquilo que se comunica; o contato, físico ou psíquico, entre os interlocutores; o código, por exemplo, a língua que os interlocutores compartilham, a fim de que a mensagem seja recebida; e a própria mensagem, enquanto realidade verbal. A estes seis fatores se referem respectivamente seis funções linguísticas que, raramente, se encontram em estado puro, mas se hierarquizam diversamente, de acordo com as diferentes mensagens: função emotiva ou expressiva, função conativa ou apelativa, função referencial, função fática, função metalinguística e função poética.

Dentre as funções da linguagem citadas, chama-se atenção aqui para as funções referencial e conativa. A primeira, também chamada de denotativa, corresponde ao contexto, ou seja, ao assunto, apresentando informações e fatos. Já a segunda, conhecida também por apelativa, refere-se ao receptor ou destinatário da mensagem e tem como intuito convencê-lo ou induzi-lo a executar algum comportamento ou ação. Muitas vezes, essa função é acompanhada de verbos no imperativo, de vocativos e de exclamações.

Baseando-se na teoria de Jakobson (1957), pode-se afirmar que, ao elaborar uma mensagem, o emissor deverá se manter atento às possibilidades de escolha que a língua oferece e saber “jogar” com essas possibilidades, selecionando palavras e combinando-as no contexto de acordo com a finalidade comunicativa. Dessa forma, se o intuito é construir uma mensagem de cunho objetivo, por exemplo, o emissor deverá fazer escolhas de acordo com o léxico da língua e combiná-las na frase, mantendo o seu sentido referencial ou denotativo.

Sabe-se que o texto jornalístico, segundo Benassi (2009), deve primar pela linguagem denotativa e, por isso mesmo, esta precisa ser objetiva e direta. Em adição a essa ideia, segundo Bigulin (2018), a denotação ou linguagem denotativa é aquela em que se utiliza o significado literal das palavras. Sendo assim, na linguagem objetiva, o sentido é fiel ao significado e, por isso, não há emoções nem sentimentos envolvidos. O autor complementa ainda que a denotação é geralmente encontrada em artigos científicos, textos jornalísticos, materiais pedagógicos e em manual de instruções.

O gênero notícia, de acordo com Benassi (2009), é um tipo de texto jornalístico que tem como função apresentar dados e informações, através de veículos de comunicação, como rádio, jornais, revistas, internet e televisão. Os acontecimentos

noticiados são reais e atuais, podendo trazer informações sobre diversas áreas como política, cultura, economia, sociedade e educação. As notícias, segundo Benassi (2009), são narradas de modo impessoal, isto é, são imparciais e sem posicionamentos, pois são de cunho informativo. Além disso, os verbos são utilizados na terceira pessoa, a linguagem é objetiva, formal e segue a norma padrão da língua. Quanto à estrutura, esse tipo de texto contém três partes principais: título, *lide* (respondendo às perguntas: o quê, como, quem, onde, como e por quê) e o corpo da notícia (desenvolvimento e detalhamento).

A manchete (o título principal) geralmente é constituída por frases objetivas e destacadas, revelando o assunto mais importante que será tratado ao longo da notícia, a fim de chamar a atenção do leitor. Trata-se de uma parte bastante relevante, pois é através dela que os leitores se interessarão ou não pelo conteúdo presente no corpo do texto. Geralmente, as manchetes possuem letras grandes e chamativas, trazendo um resumo do assunto principal retratado na notícia, possibilitando que o leitor decida se a matéria é ou não de seu interesse.

Entretanto, ainda que a função do jornalista seja apenas informar os leitores sobre acontecimentos, nas manchetes podem existir subjetividades. No artigo produzido por Rodrigo Campos (2010), “Marcas de subjetividades nas manchetes de um jornal popular: possíveis implicações para um perfil de leitor”, por exemplo, utilizam-se como base as manchetes do “Jornal Meia-Hora”, situado no Rio de Janeiro. Esse estudo revelou a existência de interferência por parte do enunciador na manipulação da mensagem, com acréscimo de subjetividades, com a finalidade de estabelecer diálogo com leitores da periferia.

Nesse sentido, embora a função das notícias seja apresentar informações de modo objetivo e imparcial, quando analisadas, é possível encontrar rastros de subjetividade nas manchetes jornalísticas. Em outras palavras, chama a atenção o fato de algumas publicações não seguirem o princípio básico da imparcialidade e da objetividade (que são próprias da função referencial). Nota-se, pelo contrário, que algumas manchetes apresentam traços que caminham em direção à argumentação, fazendo com que a função conativa ou apelativa da linguagem se sobressaia em relação à referencial.

Tal observação dialoga com os pressupostos teóricos de Austin (1990), o qual elaborou a “teoria dos atos de fala”, por meio da qual o estudioso declara que a fala não só informa alguma coisa, mas também realiza ações e que, por isso mesmo, todos os enunciados são performativos. Partindo desse pressuposto, Austin destaca três atos de fala: ato locutório, que consiste na língua utilizada, como os termos e frases que formam alguma ideia; o ato ilocutório, que é a forma como algo é dito, ou seja, a ação por trás de uma ideia, podendo ser um pedido, ordem, afirmação, pergunta, etc.; por fim, o ato perlocutório, que é a forma como o interlocutor reage ao que lê/ouve. A título de exemplificação, considera-se a frase hipotética “Liberaremos 100 milhões de doses de vacinas contra a Covid-19”, proferida pelo Governo Federal. Levando-se em consideração a teoria dos atos de fala de Austin, nesse enunciado se percebe o ato locutório (a frase em si); o ato ilocutório (a ação que se realiza pela linguagem – neste caso, a liberação de doses de vacinas) e, finalmente, o ato perlocutório (isto é, as possíveis reações das pessoas que vão receber essa informação, podendo ser de alívio e de

esperança para alguns ou de decepção – para aqueles que participam do movimento antivacina, por exemplo).

Dessa maneira, considerando-se que todo ato de fala tem um componente perlocutório, entendendo-se “ato perlocutório” por aquele destinado a exercer efeitos sobre o interlocutor – convencê-lo, assustá-lo, agradá-lo, etc. (cf. KOCH, 2006) –, a hipótese desta pesquisa é a de que esse aspecto perlocucionário manifesta-se de forma acentuada nas manchetes jornalísticas veiculadas no *Patos Hoje Notícias*, organizando a mensagem de maneira aparentemente objetiva, mas que, através da utilização de diferentes recursos argumentativos (de escolha lexical, por exemplo), deixa marcas linguísticas de sua intencionalidade – que, além de informar, demonstram haver o intuito de persuadir o leitor. Seguindo essa linha de raciocínio, serão analisadas manchetes sob a perspectiva de que “[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc. não existe ‘em si mesmo’, mas, ao contrário, pelo [...] processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (PÊCHEUX, 2006, p. 190).

Todo discurso, segundo Foucault (2011), é pronunciado a partir de condições de produção que precisam ser preenchidas para que ele signifique. Muitos se referem a essas condições de produção como contexto e refletir sobre ele significa analisar a situação e circunstância em que o discurso está inserido, além do lugar de quem enuncia. Essa análise discursiva contribui para a percepção de marcas ideológicas do dizer e até mesmo do não dizer do sujeito. É o que Orlandi conceitua como “silêncio”, pois, segundo a autora, “há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido e, de certa maneira, as próprias palavras transpiram silêncio” (ORLANDI, 2005). Nesse sentido, o dito como também o não-dito por um sujeito possibilitam efeitos de sentido que podem ser interpretados de diferentes formas, de acordo com as condições de produção. Como afirma Orlandi (2005, p. 52):

[...] a condição da linguagem é a incompletude. Nem sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente. Constituem-se e funcionam sob o modo do entremeio, da relação, da falta, do movimento. Essa incompletude atesta a abertura do simbólico, pois a falta é também o lugar do possível.

Nessa direção, “[...] nenhuma palavra é virgem, mas, ao contrário, carregada, ‘habitada’ pelos discursos em que tenha vivido sua vida de palavra [...]” (AUTHIER-REVUZ, 1999, p. 9-10). De acordo com Orlandi (2005), a ideia de incompletude pode ser considerada como condição primeira para a existência da linguagem, do sentido e do sujeito. É a partir dela que os sentidos se deslizam e tornam-se outros.

E, por não haver discurso neutro, conforme afirma Francisco da Silva Borba (2002), aquele que enuncia possui uma intenção comunicativa. Propõe-se aqui, pois, a partir dessa compreensão, um estudo das marcas de subjetividade nas manchetes jornalísticas divulgadas virtualmente no *Patos Hoje Notícias* e, para tanto, tomar-se-á como ponto de partida para o desenvolvimento desta pesquisa o posicionamento de Mariani (2008), segundo a qual o discurso é delimitado por equívocos ou atos falhos de

sentidos, o que favorece o aparecimento do que a autora chama de “real”, isto é, marcas de interseção entre a voz que predomina no texto e o dizer do outro.

Dessa forma, seguindo a linha de raciocínio de Orlandi (2001, p. 9), que assegura “[...] que aquilo que se diz, uma vez dito, vira coisa no mundo: ganha espessura, faz história”, verifica-se que esse entendimento atua como combustível teórico para embasar esta proposta de trabalho, no sentido de pensar a língua por uma teoria materialista da linguagem, analisando as manchetes jornalísticas veiculadas pelo *Patos Hoje* como elemento que “[...] opera sob a forma da evidência dos sentidos, aparecendo [...] nas suas falhas” (PAYER, 2009, p. 42).

Nesse viés, essas linhas introdutórias já delineiam a postura teórico-metodológica que foram seguidas para a realização deste trabalho, ou seja, dentro das tendências de estudos atuais, em que se busca o “ponto de encontro” de diferentes linguagens, objetiva-se comprovar a hipótese de que há sentidos que se desdobram no “passar da flecha do discurso” (BOSI, 2000, p.42). Desse modo, este estudo apresenta-se com o intuito de analisar cinco manchetes jornalísticas que, em um primeiro momento, aparentam ser imparciais e primar apenas pela função referencial da linguagem, mas que, ao se analisar a intencionalidade dessas mensagens, levando-se em consideração o contexto de produção, notou-se que há marcas argumentativas que transcendem o objetivo primário do gênero textual notícia, demonstrando que há traços linguísticos que evidenciam uma forte presença da função conativa da linguagem e que esta é utilizada “nas entrelinhas” a serviço da intencionalidade do discurso jornalístico.

2 ANÁLISE DAS MANCHETES JORNALÍSTICAS SELECIONADAS DO JORNAL VIRTUAL PATOS HOJE NOTÍCIAS

2.1 “DEFENDIDA POR TRUMP E BOLSONARO, HIDROXICLOROQUINA FALHA EM EVITAR COVID-19 EM NOVO ESTUDO”

A manchete jornalística apresentada foi divulgada pelo *Patos Hoje* em 04/06/20. Percebe-se, pelo “jogo” linguístico marcado pela seleção lexical (cf. JAKOBSON, 1957), que o jornal em questão, ao enfatizar a falha do medicamento hidroxiclороquina para tratar a Covid-19 e mencionar o apoio de Bolsonaro e do presidente dos EUA da época a esta medicação, demonstra pistas de uma ideologia política de oposição ao atual presidente, tendo em vista que a manchete, além de afirmar que a substância falhou novamente na tentativa de tratar a doença, embora seja apoiada pelo maior representante da nação brasileira, não é eficaz, ainda que exista uma certa insistência nisso por parte de Bolsonaro e Trump.

Fica claro, portanto, que, mais que informar, o discurso jornalístico também utiliza recursos argumentativos, “que se desdobram no ‘passar da flecha do discurso’” (cf. BOSI, 2000), a fim de persuadir indiretamente o leitor de sua posição política enquanto sujeito social.

2.2 “IRRECONHECÍVEL EM CAMPO, URT É GOLEADA POR 4 A 0 PELO TOMBENSE EM PARTIDA PARA ESQUECER”

Publicada em 17/02/2020, a manchete em questão evidencia pistas de indignação por parte do emissor em relação ao desempenho do time URT que jogou contra o Tombense. Essas pistas operam, conforme explicou Payer (2009, p. 42), “sob a forma da evidência dos sentidos, aparecendo [...] nas suas falhas”, as quais podem ser identificadas sobretudo pelo recurso da seleção lexical de alguns termos linguísticos. Tal afirmação se sustenta, por exemplo, a partir da escolha do adjetivo “irreconhecível”, o que dá a entender que a performance da URT já foi melhor em outras partidas. Outra seleção lexical importante foi a da palavra “goleada”, pressupondo que, além de perder para o Tombense, o time da URT ainda perdeu por goleada, ou seja, por um número expressivo de gols: 4 a 0.

Acresce-se a isso a presença da afirmação “para esquecer”, que deixa pistas ideológicas do emissor de que a performance da URT foi tão decepcionante que o melhor a se fazer é esquecer o ocorrido. Desse modo, é perceptível o efeito “perlocucionário” (cf. AUSTIN, 1990) na manchete jornalística acima, uma vez que revela traços ideológicos do emissor ao mesmo tempo que defende a ideia de que a URT poderia/deveria ter se saído melhor em campo, impedindo, assim, a frustração de seus torcedores que esperavam um resultado melhor desse time em campo contra o Tombense.

2.3 “DOZE REGIÕES CONTINUAM NA ONDA VERMELHA E AULAS PRESENCIAIS PODERÃO RETORNAR EM QUASE TODO O ESTADO”

Ao se analisar a manchete acima, divulgada em 01/07/2021, verifica-se que faz menção à volta às aulas presenciais em Minas Gerais. Trata-se de um tema polêmico, levando-se em consideração que essa possibilidade de retorno presencial dos estudos nas escolas brasileiras dividiu a opinião da população durante a vigência da pandemia, já que algumas pessoas eram a favor e outras, contra. Assim como nas manchetes anteriormente analisadas, esta também é marcada pela seleção lexical de alguns elementos que deixam pistas da intencionalidade do emissor de revelar, por meio das marcas de interseção entre a voz que predomina no texto e o dizer do outro (cf. MARIANI, 2008), a sua indignação com a possibilidade do retorno das aulas presenciais diante da calamidade da propagação dos casos de infecção pela doença.

A título de exemplificação, cita-se a escolha da informação do número de regiões que se encontravam na Onda Vermelha de infecção por COVID/19 em julho de 2021. O texto da manchete, inclusive, inicia-se com esse dado, ou seja, de que doze regiões continuam na Onda Vermelha (onda essa que representa uma quantidade significativa de infectados pela COVID-19 em Minas Gerais). O verbo “continuar” também contribui para a interpretação de que o estado já se encontrava em situação crítica antes e que apenas permaneceu como estava, justificando talvez a possível imprudência por parte das autoridades ao liberar o retorno aos estudos, posto que não houve uma diminuição dos casos de COVID em várias regiões do estado mineiro. Além disso, o autor, após apontar no tópico frasal exatamente a quantidade de regiões que estão na Onda Vermelha (chamando, portanto, atenção do leitor para essa informação),

menciona a possibilidade de retorno às aulas presenciais – uma ideia que parece uma ação que não condiz com uma conduta mais preventiva e esperada por parte da população.

No entanto, em vez de uma conjunção adversativa ou concessiva, a manchete traz um conectivo que, geralmente, tem a função de adição. Acredita-se que a escolha por utilizar a conjunção “e” e não a conjunção “mas”, por exemplo, se dá em razão da tentativa de silenciamento das marcas explícitas de intencionalidade do sujeito, conforme defende Orlandi (2007), visto que, segundo a autora, não só o dito como também o não-dito oferecem possibilidades de efeitos de sentido que podem ser interpretados de diferentes formas, de acordo com as condições de produção. Nesse sentido, a conjunção “e” cumpre seu papel de oposição de ideias, ainda que aparentemente apenas “acrescente” uma complementação de informação, haja vista que esse novo dado (a possibilidade de retorno das aulas presenciais) caminha em direção à quebra de expectativas ao que é esperado pelo emissor, tendo em vista que muitas regiões permanecem em uma zona crítica de contaminação.

Desse modo, é possível perceber que o autor não fez apenas o uso da função referencial (descrição de fatos), sendo possível observar traços também da função conativa da linguagem (cf. JAKOBSON, 1957), por meio do silenciamento e da seleção lexical e organização da mensagem, com vistas a evidenciar marcas de subjetividade do autor em relação ao fato noticiado, demonstrando que é contra a volta das aulas presenciais no período informado.

2.4 “VEÍCULO CONDUZIDO POR MOTORISTA EMBRIAGADO RODA NA AVENIDA JK, ATROPELA E MATA MULHER”

O texto de chamada acima, publicado no dia 12/02/2022, assim como as demais manchetes analisadas neste estudo, é marcado por marcas de intencionalidade do autor. A escolha por colocar no tópico frasal a informação de que o veículo causador do acidente era conduzido por um motorista embriagado, por exemplo, destaca a ideia de causa e consequência do ocorrido, abrindo margem à interpretação de que a consequência do atropelamento e da morte da mulher que caminhava no local no momento do acidente é resultado da ação do condutor de dirigir sob efeito de substância alcoólica (causa).

Observa-se, ainda, uma gradação de ideias, no sentido de enfatizar essa lógica de causa e consequência, uma vez que se coloca a causa primeiro (motorista dirigir embriagado); logo após isso, cita-se a primeira consequência do ato (o fato de o veículo rodar na avenida JK); em seguida, informa-se o atropelamento e o efeito maior e mais grave do ocorrido: o óbito da vítima. Nesse sentido, a manchete mais que relatar o fato, ou seja, descrever o acidente em si, também deixa marcas de subjetividade (cf. FOUCAULT, 2011), já que as escolhas linguísticas realizadas sugerem a presença de um certo “juízo” por parte do autor da manchete, destacando a embriaguez do condutor como principal agente responsável por tal fatalidade – uma informação aparentemente imparcial e objetiva, mas que, ao ser colocada em destaque, logo no início do texto, acentua a falta de responsabilidade do condutor, deixando nas entrelinhas a

ideia de que esse acidente e suas consequências poderiam ser evitados, caso o motorista não estivesse conduzindo o veículo em estado de embriaguez.

2.5 “MAIS UM BURACO ENORME SE ABRE NA REGIÃO CENTRAL DE PATOS DE MINAS E MORADORES COBRAM PROVIDÊNCIA”

Publicada em 26/11/2018, a manchete selecionada também deixa marcas de intencionalidade do autor, no sentido de denunciar a situação calamitosa em que se encontrava a cidade de Patos de Minas (MG) no final do ano de 2018. É sabido que o mês de novembro é marcado por muita chuva e, geralmente, o asfalto, quando não possui as devidas condições de manutenção necessárias, cede a esse excesso pluvial, fazendo com que muitas ruas se encham de buracos. Trata-se de um problema que, infelizmente, acometeu não só a cidade patense, mas também diversas outras regiões, e é de responsabilidade do poder público local tomar providências a fim de que o revés seja resolvido.

Caminhando em direção oposta a essa linha de raciocínio, a manchete enfatiza a ideia de que não estão ocorrendo tais ações por parte do setor executivo, ao afirmar que “os moradores cobram providências” – certamente, do prefeito da cidade. Ora, se cobram alguma atitude é porque esta ainda não foi concretizada. O verbo “cobrar”, nesse sentido, reforça a premissa de que algo não foi feito de forma espontânea (no caso, a operação tapa-buracos) e que a condição só tende a piorar, uma vez que os buracos só tendem a aumentar. Esse entendimento fica claro por meio da expressão “mais um” em “mais um enorme buraco se abre”, levando à compreensão de que existem outros.

Outro elemento que não pode passar despercebido é o advérbio “na região central de Patos de Minas”. Aparentemente livre de subjetividades, a indicação do local onde surgiu mais um buraco permite a interpretação de que o poder público não está atuando para resolver o problema nem mesmo nas áreas centrais da região, fato que resulta na indignação da população patense.

Desse modo, como foi possível perceber, mais que informar o fato, o autor da manchete em análise deixa rastros de sua intencionalidade discursiva. Em outras palavras, o texto, além de buscar chamar atenção para o ocorrido (presença de buracos nas vias públicas de Patos de Minas e a indignação da população por causa disso), manifesta o posicionamento crítico do emissor diante da situação apresentada, abrindo espaço para que se chegue à conclusão de que não só a população se encontra indignada, mas também o autor da manchete avaliada, o qual, de certa forma, acaba se incluindo nesse grupo de cidadãos inconformados.

No entanto, essa interpretação só é possível, quando observado não só o que é dito, mas também as condições de produção desse dizer. Conforme explica Foucault (2011), todo discurso é pronunciado a partir de condições de produção que precisam ser preenchidas para que ele signifique. Sendo assim, todos os recursos utilizados na elaboração da manchete, quando analisados levando-se em consideração o processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (cf. PÊCHEUX, 2006, p. 190), ganham novos significados, permitindo o desvelamento de marcas de subjetividades do autor, demonstrando, assim, que, ainda que o texto jornalístico assuma uma pretensão de imparcialidade (cf. BENASSI, 2009), não é bem

isso que acontece na prática, como pôde ser observado por meio da realização deste trabalho.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das manchetes jornalísticas selecionadas permitiu que se chegasse a algumas conclusões. A primeira consideração a se fazer, em um sentido mais amplo, é a de que no texto jornalístico nem sempre predomina a função referencial da linguagem, podendo algumas vezes a função conativa assumir essa posição em determinadas frases de chamada. Observou-se ainda que o componente perlocutório tende a aparecer com maior frequência em manchetes de notícias relacionadas à política, ao esporte e a divulgações criminais da cidade e região.

É relevante pontuar, contudo, que não foram encontradas marcas de subjetividades em todas as manchetes veiculadas no jornal *Patos Hoje Notícias*. A análise feita das 5 manchetes neste trabalho atua, dessa forma, apenas como ilustração de como o gênero jornalístico está contaminado por marcas discursivas próprias da linguagem argumentativa, podendo ser identificadas principalmente através das escolhas que o sujeito faz – dentre todas as possibilidades da língua – ao construir o seu texto.

Logo, é importante saber compreender um pouco mais sobre as possibilidades dos efeitos de sentido que podem ser obtidos pela materialidade da linguagem, e este trabalho chama a atenção para a relevância de se fazer uma leitura atenta das manchetes jornalísticas, afinal, como afirmou Francisco da Silva Borba (2002), não há discurso puro, de modo que “nenhuma palavra é virgem” (cf. AUTHIER-REVUZ, 1999, p. 09-10), competindo a cada indivíduo identificar as marcas linguísticas que atuam a serviço da intencionalidade do discurso jornalístico.

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de estudos linguísticos**. Trad. de Celene M. Cruz e João W. Geraldi. Campinas, São Paulo: 1990.
- BENASSI, Maria Virginia Brevilheri. O gênero “notícia”: uma proposta de análise e intervenção. In: **CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS**. 3. Maringá, 2009, p. 1791-1799. Disponível em: ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_linguisticos/069.pdf. Acesso em: 10 jul. 2021.
- BIGULIN, KATIA JULIARA CASSUCHI. **Estudo baseado na análise denotativa e conotativa dentro de um contexto linguístico**: aspectos relacionados às dificuldades na interpretação de textos. Monografia de especialização. Curitiba, 2018.
- BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos da linguagem**. São Paulo, UNESP, 2002.

BOSI, Alfredo. **O ser o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CAMPOS, Rodrigo da Silva. **Marcas de subjetividade nas manchetes de um jornal popular**: possíveis implicações para um perfil de leitor. Mestrando em Letras (área de concentração: Linguística) pela UERJ, 2010. Disponível em: https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/CAMPOS_RODRIGO_DA_SILVA.pdf. Acessado: 01 fev. 2022.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 21. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. Trad. De Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1957.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**. São Paulo, Cortez, 2006.

MARIANI, Bethânia. **Língua nacional e pontos de subjetivação**. In: Revista Estudos Linguísticos, N. 37 (3): 25-31, São Paulo, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **História das ideias linguísticas**. Campinas: Ed. Pontes; Cáceres, Unemat, 2001.

PAYER, Onice. O trabalho com a língua como lugar de memória. **SynergiesBrésil**, n. 7, 2009, p. 37-46.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento (1983). Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 5. ed. Campinas: Pontes, 2006.

MANCHETES CITADAS NESTE TRABALHO

DEFENDIDA POR TRUMP E BOLSONARO, HIDROXICLOROQUINA FALHA EM EVITAR COVID-19 EM NOVO ESTUDO. **Patos Hoje Notícias**, Patos de Minas, 04 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.patoshoje.com.br/noticias/defendida-por-trump-e-bolsonaro-hidroxiclороquina-falha-em-evitar-covid-19-em-novo-estudo-62238.html>. Acesso em 01 fev. 2022.

DOZE REGIÕES CONTINUAM NA ONDA VERMELHA E AULAS PRESENCIAIS PODERÃO RETORNAR EM QUASE TODO O ESTADO. **Patos Hoje Notícias**, Patos de Minas, 01 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.patoshoje.com.br/noticias/doze-macrorregioes-continuam-na-onda-vermelha-e-aulas-presenciais-poderao-retornar-em-todo-o-estado-68350.html>. Acesso em: 15 ago. 2021.

IRRECONHECÍVEL EM CAMPO, URT É GOLEADA POR 4 A 0 PELO TOMBENSE EM PARTIDA PARA ESQUECER. **Patos Hoje Notícias**, Patos de Minas, 17 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://patoshoje.com.br/noticias/irreconhecivel-em-campo-urt-e-goleada-por-4-a-0-pelo-tomboense-em-partida-para-squecer-60691.html>. Acesso em: 15 set. 2021.

MAIS UM BURACO ENORME SE ABRE NA REGIÃO CENTRAL DE PATOS DE MINAS E MORADORES COBRAM PROVIDÊNCIA. **Patos Hoje Notícias**, Patos de Minas, 26 de novembro, de 2018. Disponível em: <https://www.patoshoje.com.br/noticias/mais-um-buraco-enorme-se-abre-na-regiao-central-de-patos-de-minas-e-moradores-cobram-providencia-55785.html>. Acesso em: 28 fev. 2022.

VEÍCULO CONDUZIDO POR MOTORISTA EMBRIAGADO RODA NA AVENIDA JK, ATROPELA E MATA MULHER. **Patos Hoje Notícias**, Patos de Minas, 12 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.patoshoje.com.br/noticias/veiculo-roda-na-avenida-jk-em-patos-de-minas-atropela-e-mata-mulher-que-subia-a-pe-71998.html>. Acesso em 28 fev. 2022.

Elementos metapoéticos do poema “Poética da transcrição”, de António Barahona

Metapoetical elements of the poem “Poética da transcrição” by António Barahona

RODRIGO CONÇOLE LAGE

Professor - SEEDUC-RJ

E-mail: rodrigo.lage@yahoo.com.br

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar o poema “Poética da transcrição”, do poeta português António Barahona. Partimos do princípio de que o texto se enquadra na metapoesia, mas se diferencia de outras obras do gênero. Iremos examinar a hipótese de que esse metapoema não discute questões ligadas ao fazer poético, mas a prática da tradução de poesia. Com essa finalidade, dividimos o nosso trabalho em duas partes. Na primeira, definimos o conceito de transcrição. Na segunda, analisamos o poema a partir das características relacionadas ao conceito.

Palavras-chave: António Barahona. Metapoesia. Transcrição. Poesia portuguesa.

Abstract: The purpose of this article is to analyze the poem “Poética da transcrição” by Portuguese poet António Barahona. We assumed that the text fits into metapoetry and differs from other works of this genre. We will examine the hypothesis that this metapoem does not discuss issues related to poetic performance but the practice of poetry translation. For this purpose, we divide our work into two parts. In the first, we seek to define the concept of transcreation; in the second, we analyze the poem from the characteristics related to the concept.

Keywords: António Barahona. Metapoetry. Transcreation. Portuguese poetry.

1 INTRODUÇÃO

António Barahona da Fonseca, poeta e escritor português nascido no dia 17 de janeiro de 1939, é quase desconhecido no Brasil. Sua obra é composta de livros de poesia, ensaios e traduções, mas, no Brasil, foi publicada somente a coletânea de poemas intitulada “Sobre um abismo”, publicada em 2007 pela Escrituras Editora. Diante desse fato, decidimos estudar um de seus poemas, o “Poética da transcrição”, publicado originalmente em 2015 no “Pássaro-Lyra”, da Averno. Ele foi escolhido por nosso interesse na temática da metapoesia.

Refletir sobre a própria arte e o fazer artístico é um traço comum dos artistas das mais diferentes áreas, incluindo a literatura. Ao longo do tempo, os poetas começaram a discutir questões relacionadas ao fazer poético, seja por meio de ensaios, artigos e tratados, seja por meio da própria poesia. Quando isso ocorre, dá-se o nome de metapoesia. Assim, temos um metapoema “quando o tema de um determinado poema se volta para explicar, preconizar e refletir sobre a própria poesia” (ALVES, 2009, p. 25).

No entanto, questões metapoéticas estão presentes, de forma secundária, em poemas dedicados a outras temáticas. Para Bochicchio (2012, p. 166), “podemos mesmo distinguir entre o poema estrutural ou centralmente metapoético, ou só pontual ou acidentalmente metapoético”. O termo *metapoesia* propriamente dito se aplicaria, então, só no primeiro caso. No segundo, ele seria apenas um dos temas abordados ao longo do texto poético. Seja como for, podemos dizer que, se o poeta aborda em seus textos questões metapoéticas, é porque elas lhe interessam, podendo estar relacionadas ao próprio fazer poético.

Mesmo diante de um poema que apenas discretamente realiza a dimensão metapoética (através da inserção de um breve comentário limitado a um só verso, por exemplo), não podemos ficar indiferentes à voz da consciência criadora que então se manifesta (GOYANNA, 1994, p. 53).

Por tudo o que foi dito, pode-se definir o metapoema como sendo o “texto poético por natureza expressivo que traz como motivo o ‘fazer poético’ e seus desdobramentos” (ALVES, 2009, p. 26). Isto é, ele aborda diferentes assuntos relacionados ao ponto central. Lucia Della Pietà (2010-2011), no segundo capítulo da tese *Metapoesia e poesia autoreferenziale nel Novecento italiano*, divide a metapoética em sete subtemas: quem é o poeta, sobre o que escreve, como faz isso, o que é a poesia, de onde ela vem, quando escreve e porque escreve. Nós também adotamos essa divisão.

Como o poema de Barahona se intitula “Poética da transcrição”, partimos do princípio de que se enquadra na metapoesia por ser uma arte poética. Ao mesmo tempo, como o termo *transcrição* foi criado pelos irmãos Haroldo e Augusto de Campos para definir a prática elaborada por eles, defendemos a hipótese de que o poeta elaborou uma poética da tradução baseada nesse conceito. Para examinarmos essa hipótese, nós dividimos este trabalho em duas partes. Na primeira, iremos examinar o conceito de *transcrição*. Na segunda, analisaremos o texto de modo a verificar as questões abordadas pelo poeta com o objetivo de verificar seu enquadramento na metapoesia.

2 DEFININDO O CONCEITO DE TRANSCRIÇÃO

Como foi dito, António Barahona atuou como tradutor e suas traduções (“Bhagavad-Guitá”, “A guerra Santa”, “Fedra”, “Poema do Manto” e “Upanixad da

Grande Floresta”) são chamadas de transcrições. O conceito¹ foi criado em 1976², inspirado por algumas ideias do poeta Ezra Pound, quando Haroldo publicou as primeiras traduções de seis dos trinta e três cantos do “Paradiso”, a terceira parte do “A Divina Comédia”, de Dante Alighieri:

Haroldo de Campos cunha o termo *transcrição*, para evitar qualquer confusão com as ideias mais tradicionais sobre tradução e fidelidade semântica. A ideia de *trans* + *criar* já indica que não se trata mais de conduzir (“-duzir”, do latim *ducere*) para algum lugar, pois agora se trata de criar algo em outro ponto, num processo de profundo diálogo poético e crítico (FLORES, 2016, p. 13).

Contudo, destaca Thelma Médici Nóbrega (2006, p. 1), “ao longo do tempo, usou-o em diferentes acepções, para não falar dos muitos outros neologismos que cunhou para se referir às suas traduções de obras magmas da literatura mundial”. Isso não surpreende porque a própria reflexão sobre a prática tradutória naturalmente pode levar a essas variações. Por outro lado, apesar da utilização de outros termos (transparadização, transluminação, transluciferação, reimaginação, recriação), nenhum deles gerou tanta repercussão e influência entre tradutores e estudiosos da tradução como o *transcrição*.

Seja como for, as diferentes classificações têm um ponto em comum: elas envolvem a rejeição da tradução literal, isto é, a que “se caracteriza por uma transposição da mensagem na língua fonte para a língua meta, elemento por elemento” (OLIVEIRA, 2008, p. 15). A *transcrição* “costuma ser confundida com ‘tradução livre’, adaptação ou paráfrase, a invenção de um poema a partir de um outro” (NÓBREGA, 2006, p. 250). Esse tipo de prática tradutória vai muito além do significado literal do que é dito:

Numa tradução dessa natureza, não se traduz apenas o significado, *traduz-se o próprio signo*, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma (propriedades sonoras, de imagética visual, enfim, tudo aquilo que forma, segundo Charles Morris, a *iconicidade* do signo estético, entendido por *signo icônico* aquele “que é de certa maneira similar àquilo que ele denota”). O significado, o parâmetro semântico, será apenas e tão-somente a baliza demarcatória do lugar da empresa recriadora. Está-se pois

¹ Apesar de tratarmos a *transcrição* como um conceito, alguns estudiosos rejeitam essa classificação partindo do princípio de que o termo se refere mais a uma prática: “Em primeiro lugar, não se trata de um conceito; o termo foi cunhado por Haroldo de Campos para designar um *processo* de tradução, que se caracteriza por ser criativo. Diz mais respeito, portanto, a uma prática do que a uma teoria, e por não ter uma delimitação conceitual pré-estabelecida, facilmente torna-se escorregadio, servindo-se aos mais diferentes propósitos” (GESSNER, 2016, p. 144).

² Mas não se pode esquecer o fato de que o *Plano-piloto para poesia concreta*, de 1958, apresentava algumas ideias (como a valorização dos aspectos fônicos, por exemplo) que vão estar presentes no novo conceito.

no avesso da chamada tradução literal. (CAMPOS, 2004, p. 35 *apud* GESSNER, 2016, p. 150).

Conforme esse ponto de vista, podemos dizer que o objetivo da transcrição de um poema seria “produzir efeitos poéticos originais buscando em outra língua efeitos particulares e idiossincráticos” (GESSNER, 2016, p. 149-150), o que uma tradução literal, em tese, não conseguiria. Nela, em maior ou menor grau, esses efeitos seriam sacrificados pelo tradutor em favor do significado do texto. A verdadeira fidelidade ao texto original não estaria numa “tradução fiel ao conteúdo e à forma mais superficial o original (métrica e rima)” (NÓBREGA, 2006, p. 251). Ela deve estar “atenta ao modo de construção do poema, a seus aspectos fono-sêmanticos, à sua configuração signa. Ou seja, uma aderência ao signo” (NÓBREGA, 2006, p. 250-251).

Haroldo irá dar a esse tipo de fidelidade o nome de hiperfidelidade, o que está distante de uma tradução meramente formalista, se pensarmos na de poesia. A forma a ser reproduzida na transcrição está nas “articulações fonossemânticas e sintático-prosódicas do texto de partida” (CAMPOS, 2000, p. 11). Ao mesmo tempo, não é uma tradução literal, semanticamente falando. Nesse sentido, podemos realmente dizer que a tradução será livre. Até porque “essa perspectiva pressupõe outro modo de interpretação, em que a instância semântica é relegada a uma importância menor ou nem mesmo é considerada (GESSNER, 2016, p. 145).

O que não quer dizer que haja uma rejeição à manutenção da forma, um soneto é um soneto por seguir determinada estrutura composicional. Tem um caráter secundário. A questão a ser discutida é se os poemas de forma fixa e os de forma livre vão exigir um tratamento diferente da questão. Não se pode esquecer que o tradutor tem de lidar com outros elementos formais como “a extensão dos versos, o esquema de rimas, as inversões sintáticas, parte do andamento melódico, das aliteraões e das assonâncias” (SOBREIRA, 2017, p. 105). O objetivo não é uma reprodução literal, mas, que no poema transcrito, encontremos elementos análogos aos do original. Seja como for, para os concretistas,

[...] a tradução, entendida em sua acepção genérica e tradicional, é impossível. Faz-se necessária, portanto, outra concepção de tradução – a transcrição. Dentro desse contexto, por meio da transcrição propõe-se recriar na língua de chegada, se não os efeitos iguais, ao menos efeitos similares ou análogos aos que se encontra na língua de partida. A transcrição é, além de crítica, também criativas formas (GESSNER, 2016, p. 149).

Podemos, então, concluir dizendo que a tradução literal e a transcrição divergem, em primeiro lugar, porque encaram o texto a ser traduzido a partir de pontos de vista diferentes. Com isso, a prioridade dos elementos a serem transpostos para o

texto de chegada também será diferente. Ao mesmo tempo, os diferentes elementos formais e fonossemânticos receberão um tratamento diferenciado³:

A transcrição, portanto, prioriza o efeito estético, que em muitos casos pode estar na própria superfície formal de um texto, sendo que o significado é o resultado dessa articulação de formas; já a tradução literal estabelece em primeiro plano a significação do texto, busca reproduzir na língua de chegada os mesmos efeitos de sentidos obtidos na língua de partida, sendo que o aspecto formal, muitas vezes, é deixado em segundo plano (GESSNER, 2016, p. 151).

3 POÉTICA DA TRANSCRIÇÃO, DE BARAHONA: UMA REFLEXÃO SOBRE O ATO DE TRADUZIR

O “Poética da transcrição” foi publicado originalmente no “Poemas e Pedras”, o segundo livro que o autor publicou, em 1962. A versão que nós utilizamos, reproduzida na sequência, é a da coletânea “Sobre um abismo”, lançada no Brasil em 2007. Nenhum de seus livros foi publicado aqui no Brasil. Seja como for, o fato é que ela é anterior às transcrições que Barahona publicou: “Poema do senhor”, do “Bhagavad-Guitá”, saiu em 1996; “A guerra santa”, em 2002. Além disso, algumas foram publicadas, neste mesmo ano, na antologia “Pássaro-Lyra”. Por fim, “Fedra” saiu em 2004, “Poema do manto”, em 2005, e o “Upanixad da Grande Floresta”, em 2015.

Assim, podemos dizer que o autor refletiu sobre a transcrição antes de começar a praticá-la. Isso é importante porque, nos prefácios que Barahona escreveu para as traduções que publicou, também discorre sobre o seu método de tradução de modo que seria anacrônico usar esses textos para analisar o poema. O contrário seria possível, apesar da grande distância temporal entre os textos. De qualquer forma, o poema apresentado a seguir não possui nenhuma alteração em relação à publicação original:

Poética da transcrição

Transcriar: decalcar até ao osso
o corpo do poema bem-amado,
até ao mais profundo do seu espírito
oculto em cada eco que soletro

Transportar o poema com seu pêso,
suas plumas de jaspe bem esculpido,
dormir com ele ao lado em qualquer sítio
até tornar o sono em som desperto

Reescrever mil vezes o mesmo verso

³ E, acreditamos, independentemente das transformações que a concepção de transcrição de Haroldo de Campos sofreu com o passar do tempo.

De rima pobre, rico d’universo
em nobre melopeia ritual

Recuperar mil vezes o espontâneo
verso, dado por Deus e rasurado
até fazer buracos no papel. (BARAHONA, 2007, p. 105).

Pela leitura do texto, vemos que é um soneto decassílabo. Na primeira estrofe que serve de introdução ao assunto, desde o início, vemos que o eu poético tem como objetivo definir o que é a transcrição. Conseqüentemente, lemos nos v. 1 e v. 2: “Transcriar: decalcar até ao osso / o corpo do poema bem-amado”. O termo-chave dessa definição é o verbo decalcar, que tem basicamente o sentido de imitar, reproduzir algo. No presente caso, os ossos seriam as palavras, pois elas são a matéria constituinte do corpo do poema.

Mas a preocupação não é imitar o aspecto semântico das palavras. O poeta precisa ir além e atingir a essência, a alma do poema. Nesse sentido, na visão do eu poético, temos que chegar ao aspecto fônico. Por isso ele afirma, nos v. 3 e v. 4, que é preciso decalcar “até ao mais profundo do seu espírito / oculto em cada eco que soletro”. O espírito, a essência do poema estaria nos aspectos morfossintáticos, no ritmo e som das palavras. O tradutor precisa “explorar os recursos articulados na língua de partida e reproduzi-los analogamente na língua de chegada” (GESSNER, 2016, p. 144). O desafio é ajustar esses elementos com o sentido do texto.

Obviamente, devido às diferenças fonéticas existentes entre as línguas, a imitação nunca será uma reprodução totalmente fiel. O desafio do tradutor é a busca de uma estrutura fonética similar. Conseqüentemente, “Se a língua de chegada não permite recriar um efeito igual, impõe-se a tarefa de recriar um efeito similar ou análogo” (GESSNER, 2016, p. 155). É preciso um equilíbrio entre esse ponto e a imitação da estrutura externa e do sentido do texto original de modo a criar algo equivalente na língua de chegada.

Na segunda estrofe, que serve de desenvolvimento das ideias apresentadas na primeira, o eu poético continua a examinar a natureza da transcrição dizendo, no v. 5, que é preciso “Transportar o poema com seu pêso”. Isto é, com toda a sua carga, por mais que seja difícil incluir esses elementos em outro idioma. Após atingir o espírito do poema, o conteúdo sonoro, é necessário dar corpo a ele. Podemos incluir aqui todos os demais elementos que compõem a estrutura de um poema (a quantidade de versos e estrofes, a métrica e a rima). A estrutura externa é um desdobramento da sonoridade recriada em outro idioma. Nesse sentido, afirma Rónai (1981, p. 129):

A sonoridade e o acento dos vocábulos, o seu aspecto visual, a harmonia das rimas, o comprimento e o ritmo dos versos, a composição das estrofes, tudo isso é conteúdo e forma ao mesmo tempo e, portanto o tradutor tem de guardá-los presentes ao espírito enquanto recria o poema em seu idioma. Mas quanto mais invencível parece, tanto mais a dificuldade espicaça o artista.

Podemos dizer, então, que a musicalidade constitui a forma da mesma forma que, num ser humano, a alma constitui o corpo. Se alterarmos um dos dois, o outro também sofrerá alteração porque são inseparáveis. Consequentemente, quando a transcrição cria uma nova musicalidade, imitando a do primeiro poema, ela naturalmente vai formar um novo corpo para o poema transcrito. Na tradução tradicional, a musicalidade está submetida à estrutura, mas na transcrição temos o contrário.

No v. 6, em complemento ao peso do poema a ser transportado para a tradução, o eu poético afirma que é preciso transportar também todas as “suas plumas de jaspe bem esculpido”. Como a pluma de jade é um acessório, um enfeite, nós podemos dizer que elas simbolizam tudo aquilo que o poeta utiliza para enfeitar o poema. Podemos incluir nesse conjunto, por exemplo, as palavras-valise, os neologismos, os trocadilhos, as figuras de linguagem e as relações intertextuais, entre outras. Todos os elementos que servem de acessório precisam ser identificados e recriados pelo tradutor.

Para que isso seja feito, o eu poético encerra a estrofe dizendo, nos v. 7 e v. 8, que o tradutor precisa, no que diz respeito ao poema, “dormir com ele ao lado em qualquer sítio / até tornar o sono em som desperto”. A transcrição exige não só uma análise minuciosa do poema original, mas também um exame profundo da língua de chegada. É uma busca pelas palavras que melhor se ajustam ao original de modo a preservar a sonoridade e os acessórios que a acompanham. Por isso o tradutor deve ter o poema em mente, entregar-se a ele, onde quer que esteja.

Isso até o momento em que o tradutor consegue encontrar os sons exatos e transforma a relação que ele manteve com o texto na sonoridade que ele procurava. Essa busca vai exigir um trabalho árduo; ela não será descoberta pelo sopro da inspiração. Por isso, na terceira estrofe, o eu poético diz, no v. 9, que o poeta precisará, em primeiro lugar, “Reescrever mil vezes o mesmo verso”. Isso deve ser feito para que ele atinja uma estrutura fônica equivalente. O processo de reescrita permitirá que, paulatinamente, o tradutor vá caminhando, entre erros e acertos, até chegar a essa equivalência, acompanhada dos acessórios citados anteriormente, assim como da subsequente estrutura externa.

Por fim, nos v. 10 e v 11, temos o último elemento a ser levado em conta numa transcrição: “De rima pobre, rico d’universo / em nobre melopeia ritual”. A rima pobre ocorre quando as palavras rimadas pertencem à mesma categoria gramatical. Ela se contrapõe à rica, na qual elas são de categorias gramaticais diferentes. A transcrição não visa a uma “tradução fiel ao conteúdo e à forma mais superficial o original (métrica e rima)” (NÓBREGA, 2006, p. 251). A riqueza de uma tradução não estará, portanto, nesses elementos. Em muitos casos, empobrecer a rima devido ao aspecto fônico das palavras permitirá ao tradutor tornar o poema traduzido mais rico. Não podemos esquecer:

A meta central da *transcrição* é recriar na língua de chegada efeitos, se não iguais, análogos aos que se constituem na língua de partida. Mas diferentemente de um processo “tradicional” de tradução, em que a reconstituição semântica é fator primordial, nem sempre o mesmo se aplica a *transcrição* (GESSNER, 2016, p. 161).

É importante mencionar o fato de que, no v. 11, o eu poético novamente irá destacar o fato de que a musicalidade é o elemento central do poema e deve ser vista como o ponto central de uma transcrição. Todos os demais elementos devem estar subordinados a melopeia, ao elemento musical presente no texto a ser traduzido, que, na concepção do eu poético, tem um caráter ritual. Na sequência, na última estrofe, o eu poético conclui o raciocínio iniciado na estrofe anterior, nos v. 12 e v. 13. Ele ressalta que o objetivo da reescrita é “Recuperar mil vezes o espontâneo / verso, dado por Deus e rasurado”.

Essa espontaneidade só será atingida numa tradução quando a musicalidade do poema for transcrita da forma mais perfeita possível na língua de chegada. O fato de ver o poema como algo dado por Deus não é de surpreender porque foi e é um homem religioso. Em 1975, Barahona se converteu ao islamismo, mas, com o passar do tempo, também se interessou pelo hinduísmo, chegando a aprender o sânscrito e ir até a Índia. Por fim, num terceiro momento, António Barahona se torna cristão e assume uma atitude de caráter fundamentalista. Assim, não é de surpreender que se veja a poesia como fruto da inspiração divina.

Mas, se o poeta é um ser inspirado, o tradutor é um artesão da palavra. Para recuperar a sonoridade do original, o eu poético afirma, no v. 14, que ele deve escrever e reescrever, rasurando o texto transcrito, “até fazer buracos no papel”. Só assim conseguirá realizar uma tradução que se equipare ao original. Essa orientação final fecha o soneto com chave de ouro.

4 CONCLUSÃO

A metapoesia foi um dos temas trabalhados por António Barahona. Como poeta, não é surpresa que ele tenha se utilizado de um poema para desenvolver uma reflexão sobre o assunto e apresentar alguns princípios teóricos. O grande diferencial em relação a outros poetas é o fato de que, no “Poética da transcrição”, encontramos uma teorização a respeito da prática da tradução e não da escrita de um poema. A partir do título de seu soneto e de todas as ideias apresentadas, nós podemos associar sua teoria tradutória com alguns dos princípios do conceito de transcrição de Haroldo.

Obviamente, diante do fato de que ele, “ao longo do tempo, usou-o em diferentes acepções” (NÓBREGA, 2006, p. 1), é natural que existam diferenças entre as duas concepções desse conceito. Outro ponto que merece destaque é o fato de Barahona ter discutido o assunto antes mesmo de publicar suas traduções. Assim, por tudo o que foi dito, nós podemos ver que, desde muito cedo, o poeta refletia a respeito dos princípios que devem reger o trabalho da tradução.

Mas, apesar de ele mesmo ter praticado a transcrição, só o estudo comparativo e detalhado de suas traduções e das introduções que escreveu, nas quais trata de questões ligadas à prática tradutória, poderão nos dizer até que ponto Barahona seguiu o que foi dito no soneto analisado. Ao mesmo tempo, seria importante examinar o conjunto de sua produção poética em busca de outros poemas dedicados à metapoesia com o objetivo de conhecer, de forma mais aprofundada, os princípios que regem o seu fazer poético.

Esperamos que nosso trabalho possa despertar o interesse de outros estudiosos pela obra de Barahona e contribuir para o melhor conhecimento de um poeta ainda pouco lido, estudado e divulgado no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALVES, Leonardo da Silva. 127 f. **A profusão metapoética em Faustino**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2009. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/2923>.

BARAHONA, António. **Sobre um abismo**. São Paulo: Escrituras Editora, 2007.

BOCHICCHIO, Maria. Metapoesia e crise da consciência poética. **Biblos**, v. 10, p. 155-172. 2012. Disponível em: https://digitalis.uc.pt/pt-pt/artigo/metapoesia_e_crise_da_consci%C3%Aancia_po%C3%A9tica.

CAMPOS, Haroldo de. **'Bere'shit'**: a cena da origem. São Paulo: Perspectiva, 2000.

GESSNER, Ricardo. Transcrição, transconceituação e poesia. **Cadernos de Tradução**, v. 36 (2): 142-162, mai./ago. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2016v36n2p142>.

GOYANNA, Flávia Jardim Ferraz. **O Lirismo anti-romântico em Manuel Bandeira**. Recife: FUNDARPE, 1994.

DELLA PIETÀ, Lucia. 185f. **Metapoesia e poesia autoreferenziale nel Novecento italiano**. Tese (Doutorado em História da língua e da literatura italiana) – Università degli Studi di Milano, Milão, 2010-2011. Disponível em: <https://air.unimi.it/handle/2434/171530#.XePZjq97nIU>.

FLORES, Guilherme Gontijo. Da tradução em sua crítica: Haroldo de Campos e Henri Meschonnic. **Circuladô**: tradução como criação e crítica, n. 5 (2016): 9-24, 2016. Disponível em: <http://www.casadasrosas.org.br/crhc/arquivos/revista-circulado-ed5.pdf>.

NÓBREGA, Thelma Médici. Transcrição e hiperfidelidade. **Cadernos de Literatura em Tradução**, n. 7, p. 249-255, 2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/clt/article/view/49417>.

OLIVEIRA, Bruna Macedo de. 106f. **Teste das modalidades de tradução literal e decalque como indicadores de desenvolvimento da competência tradutória em análise de corpus**. Monografia (Graduação em Língua Espanhola) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: http://dml.fllch.usp.br/sites/dml.fllch.usp.br/files/TGIBrunacompleto_final.pdf.

RÓNAI, Paulo. **A tradução vivida**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

SOBREIRA, Ricardo. Desafios e soluções de uma transcrição para o português do soneto “To Nature” de Samuel Taylor Coleridge. **Todas as Letras**, v. 19 (3): 94-107, set./dez. 2017. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/10589/6729>.

Saberes e práticas de ensino de leitura em inglês no Ensino Médio

Knowledge and practices in English reading teaching in high school

DANIEL MATEUS O'CONNELL

Doutor em Educação Escolar - AFA
E-mail: mateusoconnell@yahoo.com.br

DIRCE CHARARA MONTEIRO

Doutora em Letras - UNIARA
E-mail: dcharara@terra.com.br

Resumo: Considerando os resultados insatisfatórios do ensino de leitura em língua inglesa, assim como a falta de investigações sobre o tema no ensino médio, esta investigação objetivou analisar a coerência entre os saberes identificados de duas professoras de Inglês do ensino médio acerca das diferentes abordagens de leitura e como eles se tornam presentes em sua prática. Os resultados da investigação poderão oferecer diretrizes para ações voltadas para a melhoria do ensino da leitura em inglês como língua estrangeira no ensino médio.

Palavras-chave: Ensino de leitura. Ensino Médio. Língua Inglesa. Estratégias de leitura. Saberes e práticas docentes.

Abstract: Considering the unsatisfactory results of English reading teaching and the lack of research on the subject in high school, this investigation aimed to analyze the coherence between the identified knowledge of two high school English teachers about different reading approaches and how they become present in their practice. The results of this investigation could offer guidelines for actions aimed at improving the teaching of reading English as a foreign language at the high school level.

Keywords: Reading education. High school. English language. Reading strategies. knowledge and teaching practices.

1 INTRODUÇÃO

A educação no Brasil vem enfrentando uma série de dificuldades, a saber, falta ou escassez de recursos didático-pedagógicos, elevado número de alunos por sala e pouco investimento e incentivo a programas de formação inicial e continuada de professores.

O reflexo desse quadro insatisfatório pode ser confirmado com base nos resultados de uma série de pesquisas realizadas no cenário nacional e internacional analisando determinados aspectos do processo de ensino e aprendizagem.

O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) realizou um estudo utilizando informações coletadas em 2015, considerando o desempenho de

aprendizes em escolas da rede pública, entre o 5º e 9º anos do ensino fundamental e o último ano do ensino médio, em língua portuguesa, mais especificamente em Leitura e em Matemática. O resultado foi altamente insatisfatório, pois observou-se que, em leitura e compreensão de textos, somente 1,62% dos estudantes da última série do ensino médio apresentaram níveis de desempenho classificados como adequados pelo Ministério da Educação (MEC) (BRASIL, 2017).

O resultado insatisfatório do estudo mencionado pode ser facilmente justificado pela baixa frequência da atividade de leitura na população brasileira. A quarta edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, desenvolvida pelo Instituto Pró-Livro, considera "leitor" aquele que leu pelo menos um livro nos últimos três meses, inteiro ou em partes. Os dados de 2016, segundo Failla (2016), revelam que o brasileiro lê em média 2,43 livros por ano. Ainda de acordo com a autora, 44% dos brasileiros com mais de 5 anos de idade não são leitores, o que significa que não leram nenhum livro nos últimos três meses.

Segundo Avelar (2004), a exemplo do que acontece com as questões ressaltadas pelas pesquisas mencionadas até aqui, o ensino de línguas estrangeiras também tem enfrentado alguns problemas, principalmente quanto às mudanças que têm ocorrido ao longo da história do ensino de línguas estrangeiras no cenário nacional.

Apesar de a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996 estabelecer, no artigo 26, parágrafo 5, a obrigatoriedade do "ensino de pelo menos uma língua estrangeira" a partir da 5ª série do Ensino Fundamental, não se encontra explicitada a natureza dos objetivos do ensino de línguas estrangeiras no Brasil (AVELAR, 2004).

Assim, professores comprometidos com o processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira, em especial a língua inglesa, encontravam-se, várias vezes, sem referência sobre o quê e como ensinar. Por isso, em várias situações, perpetuava-se a ênfase em aspectos mecânicos do ensino da oralidade (*drilling*). Isso contribuiu para que a escola pública fosse vista como um ambiente onde não se aprendem línguas estrangeiras (CELANI, 2003).

Como uma iniciativa governamental, foi elaborado um documento com a finalidade de orientar aspectos relevantes ao ensino, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998). Esse documento apresenta novas propostas no que se refere ao ensino de línguas estrangeiras e postula que "o foco na leitura pode ser justificado pela função social das línguas estrangeiras no país e também pelos objetivos realizáveis, tendo em vista as condições existentes" (BRASIL, 1998, p. 21).

Como toda iniciativa, os PCN sofreram várias críticas por parte de pesquisadores e autores renomados da época. A proposta desse documento ressalta a importância do foco na leitura durante as aulas de língua inglesa. Porém, conforme destaca Leffa (1999), a Lei de Diretrizes e Bases de 1996 estabelece, no artigo 3º, inciso III, que o ensino será ministrado com base no princípio do "pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas". Portanto, fica claro que há uma dissonância entre os PCN e a própria LDB.

Felizmente, essa visão unívoca, voltada a um único fim específico, passou a ser questionada, impondo-se a necessidade de se expandir a abordagem do ensino e aprendizagem da língua inglesa, considerando a função social da língua inglesa no

contexto brasileiro que trouxe a necessidade de formar cidadãos mais críticos e conscientes.

2 A “NOVA” PROPOSTA CURRICULAR DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

As dificuldades surgidas na implementação adequada da proposta de 1988, assim como as necessidades da escola pública, levaram à proposição de novas matrizes curriculares. As necessidades do mundo contemporâneo já não são mais as mesmas. A nova proposta curricular de línguas estrangeiras modernas do estado de São Paulo problematiza esse fato ao postular que:

Na sociedade contemporânea, os avanços dos estudos da linguagem e também os avanços tecnológicos que ampliaram as possibilidades de intercâmbios pessoais, comerciais e culturais, contribuíram para a criação de formas e canais de comunicação que diluíram os limites entre oralidade e escrita, ganhando dimensões inimagináveis nos últimos tempos (SÃO PAULO, 2008, p. 42).

Como se pode perceber, as orientações de ênfase estruturalista e comunicativa das propostas anteriores confrontam-se em ideias e conceitos. Já a orientação baseada nos letramentos múltiplos se ampara nas relações existentes entre ambos os princípios que sustentam a abordagem estruturalista e comunicativa, o saber¹ e o fazer².

O conhecimento linguístico, ou seja, o saber não se sustenta sem o fazer. Desse modo,

Não se trata mais de privilegiar a gramática ou as funções comunicativas, mas de promover o conhecimento de si e do outro, traduzindo em diferentes formas de interpretação do mundo, concretizadas nas atividades de produção oral e escrita, desenvolvidas em cada uma das etapas da escolarização. (SÃO PAULO, 2008, p. 43).

A proposta atual (2008), baseada nos postulados teóricos de Kern (2000), preconiza o aprendizado por meio de atividades práticas que possibilitam o aluno ligar seu universo de vivência aos seus estudos, promovendo sua autoconstituição e inserção social. É por meio desse processo de letramento que o indivíduo se torna um cidadão crítico e atuante, capaz de utilizar a escrita e a leitura para se expressar livremente no meio social em que vive. Celani *et al.* (2005) também compartilham dessa concepção ao afirmarem que os alunos devem participar do processo de ensino e aprendizagem não

¹ O saber refere-se à estrutura gramatical de uma língua.

² O fazer refere-se às funções comunicativas de uma língua, preceitos básicos da abordagem comunicativa.

como meros receptores de informações, mas como seres conscientes, críticos e participantes ativos desse processo.

A proposta de letramentos múltiplos de Kern (2000) sugere a ampliação do espectro dos textos trabalhados em sala de aula. O autor propõe o estudo e a análise de diversos gêneros textuais, escritos ou falados, que contemplem aspectos mais significativos e práticos como discursos políticos, anúncios, cartas, filmes, jornais, artigos de revistas, vídeos, musicais, entrevistas, piadas, editoriais e outros.

Esse caráter multifacetado é a base da proposta curricular fundamentada na concepção de letramento de Kern (2000). Segundo o autor, o aluno letrado é aquele que se comunica eficientemente com grupos diferentes de pessoas em uma vasta gama de situações e contextos sociais, usando uma variedade de discursos linguísticos apropriados e específicos para cada cenário.

Sendo assim, essa iniciativa governamental do estado de São Paulo estimula atividades que proporcionem momentos significativos de mudança no processo de ensino e aprendizagem do cidadão, por meio da ampliação do repertório de práticas de leitura com base nas relações entre oralidade e escrita. Os aprendizes são expostos a uma série de situações que propiciam a construção da autonomia necessária para o aprendizado.

Em se tratando de línguas estrangeiras, o ensino de leitura nesse prisma mais crítico e reflexivo pressupõe a presença de aspectos sócio-ideológicos, visto que a ausência deles pode levar a uma leitura ingênua e passiva. De acordo com Braga (1990), a leitura inocente ignora a conscientização a respeito do uso do conhecimento em contextos sociais específicos, e a leitura passiva pressupõe um leitor passivo, não questionador das desigualdades sociais e não emancipado.

Nesse sentido, torna-se extremamente necessário o desenvolvimento da conscientização crítica de alunos e de professores, com o objetivo de criar perspectivas que possam implicar na reconstrução, e não necessariamente na reprodução de modelos já rotulados anteriormente. Práticas sócio-político-educacionais de emancipação são de grande importância no processo educacional de qualquer língua. Afinal, aprendemos uma língua para nos tornarmos seres pensantes e capazes de lutar pelos nossos ideais. Portanto,

[...] tanto as escolhas metodológicas quanto a escolha de conteúdos a serem abordados devem dar visibilidade ao diálogo entre o conhecimento escolar, sua formação como cidadão e suas relações com o mundo do trabalho, ampliando sua afinidade com os saberes para além das antigas perspectivas reducionistas que se limitavam apenas à preparação do educando para o mercado de trabalho ou para o ensino superior (SÃO PAULO, 2008, p. 44).

3 OBJETIVOS

Na tentativa de encontrar respostas para as nossas inquietações, formulamos a seguinte pergunta de pesquisa: de que modo o professor do ensino médio da rede

pública conduz sua prática de ensino de leitura levando em consideração seus saberes acerca dos processos de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, seus possíveis entendimentos sobre modelos de leitura bem como a nova proposta curricular do estado de São Paulo?

Com base na pergunta de pesquisa acima, propusemos os seguintes objetivos para esta pesquisa: a) investigar a maneira como as aulas de leitura em língua inglesa são conduzidas por professores do Ensino Médio, tendo em vista questões relativas às abordagens de ensino de línguas estrangeiras e de leitura em língua inglesa; b) investigar como os saberes desses professores acerca de modelos de leitura são mobilizados em sua prática.

4 METODOLOGIA

Devido ao escopo do assunto a ser tratado e à complexidade dos participantes inseridos no processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, optou-se pela pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, uma vez que não se pretendeu elaborar ou verificar hipóteses e, sim, investigar o meio em que os participantes estão inseridos por meio de alguns instrumentos/procedimentos de pesquisa, principalmente entrevista, para a identificação dos saberes e, para análise da prática, a observação de aulas de duas professoras do ensino médio da rede pública de ensino de uma cidade do interior paulista.

5 ANÁLISE DOS SABERES SOBRE LEITURA

Apresentaremos, em seguida, os saberes sobre leitura identificados nas entrevistas das professoras Ana e Jane, nomes fictícios.

A professora Ana revelou na entrevista algumas concepções tradicionais na abordagem dos textos em sala de aula. Ela informa aos alunos “eu vou ajudar vocês na tradução”. Percebe-se que há uma necessidade constante, por parte da docente, de traduzir os textos trabalhados em sala de aula, e isso será evidenciado durante a análise de sua prática.

Essa necessidade de trabalhar a tradução de textos durante as aulas de língua inglesa parece advir de saberes adquiridos na sua formação inicial, com licenciatura dupla em Inglês e Português:

Excerto nº 1:

P: Então, nós fomos orientados a trabalhar no método tradicional, né.

E: Sim.

[...]

P: A gente saiu da escola, foi a mesma forma. E houve uma mudança muito grande. Houve uma mudança muito grande...

E: No decorrer dos anos?

P: É. Só que a gente não foi preparada para isso.

(Trecho da Entrevista semiestruturada, 27/03/14)

Bonfim (2006), em sua investigação acerca da tradução de textos em língua inglesa, justifica que a adoção desse método da gramática e tradução, pelos docentes, talvez advinha de sua formação como aprendiz de língua inglesa. Essa possibilidade está de acordo com Tardif (2002), que propôs que os saberes dos docentes advêm de várias fontes, sendo uma delas os provenientes da formação escolar anterior.

A formação profissional para o magistério também é outra fonte de proveniência dos saberes docentes de acordo com Tardif (2002). A fala da professora confirma que a adoção dessa prática foi um saber aprendido na sua formação profissional, sendo importante salientar que ela tem consciência das mudanças ocorridas desde a sua formação e da falta de preparo para lidar com elas.

O uso da tradução não é um procedimento recriminado pela nova proposta curricular de línguas estrangeiras modernas do estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2008). Porém, a tradução, nessa perspectiva, deve ser um incentivo para que o aluno possa escrever sua própria versão de um texto lido, por exemplo, demonstrando assim sua capacidade de expressão de uma forma independente. O discente é estimulado a escrever a tradução utilizando suas próprias palavras, sem a necessidade de um controle sistêmico como aponta Leffa (1988).

Ainda, no que se refere à leitura, Ana destaca a importância do conhecimento lexical para a entrada no mercado de trabalho. Tal fato é realmente importante para o jovem na busca por um emprego. Porém, como destaca a nova proposta, o ensino não pode se limitar às “antigas perspectivas reducionistas” (SÃO PAULO, 2008, p. 44), devendo ir muito além da preparação para o mercado de trabalho e para a universidade.

Nesse sentido, a formação explicitada na nova proposta propõe a constituição de cidadãos acima de tudo – cidadãos conscientes de sua responsabilidade no mundo e prontos para fazer exercer seus direitos e deveres.

Ainda no tocante à leitura, a professora Ana é incentivada a especificar os passos ou procedimentos utilizados na realização da leitura dos textos em sala de aula. Além do conhecimento linguístico, evidencia-se, no Excerto n° 2, que sua prática aborda outros elementos característicos de uma visão mais sofisticada e atrelada às necessidades dos aprendizes.

Excerto n° 2:

E: Entendi. Então, a senhora faz algumas perguntas de conteúdo para poder saber se os alunos estão compreendendo, ou não?

P: Isso.

E: Certo, ótimo. A senhora trabalha com as estratégias de leitura em sala de aula? Nós acabamos de dizer um dos exemplos. A senhora disse aí, é (...) a leitura do título, tal, e falar um pouco sobre o texto. Isso aí é a ativação do conhecimento prévio. É (...) eu não sei se a senhora tem conhecimento, assim, em termos terminológicos. Com certeza, a senhora utiliza sim. É (...) mas, a senhora, além disso, a senhora já disse, também, que utiliza os cognatos,

né. Isso aí é mais uma das estratégias de leitura que a gente utiliza.

P: É.

E: Essas estratégias são chamadas de estratégias metacognitivas, que são as estratégias que a gente pode trabalhar em sala de aula. Essa é uma delas, né. A senhora trabalha mais alguma coisa, assim, relacionada às estratégias de leitura?

P: (/) (/)

E: Sim. Deixa eu tentar esclarecer.

P: É. Fala alguma coisa aí porque eu não...

E: É porque são termos terminológicos, né? A senhora trabalha, por exemplo, os elementos de coesão textual? Os conectores, os conectivos?

P: Trabalho. Inclusive tem na apostila deles.

(Trecho da Entrevista semiestruturada, 27/03/14)

De acordo com os estudos de Braatz (2012) e Guedes (2012), que destacam o uso das estratégias metacognitivas durante a leitura de textos em língua inglesa, verifica-se, no trecho acima, que a professora Ana tem conhecimento de algumas estratégias de leitura. Para Kern (2000), Leffa (1996) e Kato (1999), as dimensões metacognitivas são ferramentas importantes no processo da leitura. É nesse momento que o leitor faz uso de certos recursos, de forma consciente, para poder auxiliar nas dificuldades e obstáculos encontrados durante o percurso da leitura.

Ao mencionar os aspectos abordados durante as atividades de leitura, a professora Ana demonstra que faz uso do conhecimento prévio dos discentes antes de iniciar a leitura do texto. Ela pede para que os alunos observem o título, o subtítulo, as gravuras e ilustrações e falem sobre o assunto do texto.

Essa atividade de pré-leitura, segundo Munhoz (2000), é de grande valia na abordagem de um texto, pois ajuda o aluno a inferir e a predizer o assunto desse texto. A antecipação da temática da leitura incentiva o leitor a refletir sobre o conteúdo do texto antes mesmo de lê-lo.

Ainda a esse respeito, Kern (2000) aponta que a ativação do conhecimento prévio pode contribuir para o desenvolvimento do senso crítico do aluno. O leitor pode ser levado a pensar de certa forma antes e durante a leitura de um texto. Após a leitura, é possível que ele reflita e interprete seu conhecimento prévio de um modo diferente, atribuindo novos valores e significados a ele. Esse é, na verdade, um dos grandes objetivos da nova proposta curricular de línguas estrangeiras modernas do estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2008).

Por meio da ativação do conhecimento prévio, Ana também utiliza atributos do texto que contribuem para a formação de um leitor consciente. A análise do título dos textos é um dos recursos utilizados pelo leitor na compreensão e interpretação: "Eu falo um pouco antes do começo, lá pelo título, né?". Souza (2005) destaca que as marcas tipográficas dos textos, como títulos, gravuras, gráficos, ilustrações, charges e outros, são elementos importantes utilizados pelo autor.

Além da ativação do conhecimento prévio e das pistas tipográficas, evidencia-se que a professora Ana recorre ao uso de cognatos: “tem alguma palavra lá que vocês acham que seja parecida com o português?” Os cognatos, conforme destaca Paiva (2005), são palavras bastante parecidas com as da língua portuguesa, tanto na forma escrita quanto na forma falada e podem contribuir enormemente para a compreensão do texto.

Na essência, é essa visão que embasa a nova proposta curricular de línguas estrangeiras modernas do estado de São Paulo. Segundo os preceitos teóricos de Kern (2000), o ensino deve privilegiar situações que envolvam a leitura e a escrita reflexiva desde o começo da aprendizagem da língua estrangeira. Os estudantes, nesse sentido, trabalham com situações diferentes com o intuito de prepará-los para as diversas situações do dia a dia.

Da mesma forma que a professora Ana, a professora Jane afirma gostar de ler textos na língua portuguesa e inglesa de uma maneira geral. No entanto, assim como vários professores, queixa-se de que, embora goste muito de ler, não tem muito tempo disponível.

Como a professora Jane assumiu suas aulas em caráter emergencial no meio do primeiro semestre de 2014, seus horários de aulas eram divididos em aulas intercaladas nos três períodos. Por isso, afirma que sua rotina diária é bastante cansativa, e em razão dos horários intercalados, não há muito tempo para se dedicar à leitura.

Além do número excessivo de alunos por sala de aula, falta de recursos didático-pedagógicos, diminuição da carga horária das Línguas Estrangeiras (LE) e o investimento limitado em programas de formação inicial e continuada de docentes, Avelar (2004) destaca a jornada cansativa dos professores de uma forma geral.

No caso da professora Jane, há o problema de atribuição de aulas em horários nada convenientes. No entanto, assim como a professora Ana, vários professores de língua inglesa e de outras disciplinas assumem vários cargos em escolas diferentes na tentativa de “garantir seu próprio bem-estar e de sua família” (O’CONNELL, 2008, p. 108).

Ainda no que tange ao gosto pela leitura em língua inglesa, a professora Jane apresenta uma visão bastante contemporânea e responsável, conforme pode ser evidenciado no trecho a seguir:

Excerto nº 3:

E: Agora, em relação à língua inglesa. Você acredita que tem facilidade em ler textos na língua inglesa?

P: (...) Acredito que sim. Eu acho que o inglês, a gente tem que estar sempre estudando, sempre lendo, sempre aprimorando, né. Agora, dando aula de inglês, eu sou obrigada a tá procurando. Quando eu tenho que dar aula, eu já gosto de ir bem preparada para as perguntas. Porque eles querem saber o que tudo significa.

(Trecho da entrevista semiestruturada, 03/09/14)

Esse posicionamento da professora em relação à leitura em língua inglesa demonstra seu interesse em continuar aperfeiçoando seu conhecimento, especialmente

o linguístico, adquirido, segundo ela, principalmente por meio da prática da leitura. Ademais, sua fala também evidencia seu comprometimento com o ensino ao dizer que “Agora, dando aula de inglês, eu sou obrigada a tá procurando”.

O depoimento da professora Jane vai ao encontro dos princípios da nova proposta curricular de línguas estrangeiras modernas do estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2008). É esse tipo de ensino e de compromisso que contribui para a formação cidadã e emancipadora do indivíduo, objetivo primordial da orientação de letramentos múltiplos, teorizada por Kern (2000).

Esses momentos de exercício pleno da cidadania serão evidenciados na análise de sua prática, mais adiante.

6 ANÁLISE DAS PRÁTICAS DE LEITURA

A prática da professora Ana parece estar, na maioria das vezes, em sintonia com suas concepções teórico-metodológicas acerca dos processos de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras e seus possíveis entendimentos sobre modelos de leitura bem como a nova proposta curricular do estado de São Paulo.

Há momentos em que ela reflete, na sua prática, princípios constantes de abordagens mais tradicionais para o ensino de línguas estrangeiras. Como exemplos, podemos citar a frequência com que utiliza a tradução dos textos lidos. Todos os textos trabalhados durante as aulas são traduzidos sistematicamente pelos discentes.

Também pode ser considerada tradicional a prática de não dar voz aos alunos na correção de atividades realizadas. A explicação para essa alternância pode estar tanto no modelo pelo qual aprendeu inglês como pelo conhecimento sobre ensino adquirido na sua formação inicial. Outra explicação oferecida pela própria professora é a necessidade de oferecimento de atividades diferenciadas para diferentes tipos de alunos. Porém, mais frequentes são as ocasiões em que ela sinaliza aspectos característicos de abordagens mais contemporâneas de ensino de línguas estrangeiras.

A prática da professora Jane é coerente com seus saberes sobre os processos de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, mais especificamente sobre os modelos de leitura e a nova proposta.

Porém, diferentemente da primeira docente, a professora Jane revela, em sua prática, na maior parte das aulas, a incorporação de alguns princípios de abordagens mais contemporâneas de ensino de línguas estrangeiras. Ela constrói seu ensino pautado em situações que oferecem oportunidades para que o aluno possa se posicionar e se manifestar perante diversas questões controversas e polêmicas. Ela dá voz aos alunos e procura se posicionar em situações extremas, nas quais o discente necessita de supervisão e orientação para poder enxergar valiosos princípios e valores que nem sempre são percebidos devido à falta de maturidade e desenvolvimento intelectual.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos, por meio da entrevista e da observação das aulas, que as duas professoras colaboradoras possuem um conjunto de saberes adquiridos nas várias

etapas de suas trajetórias de formação escolar e profissional, que são mobilizados em suas práticas docentes.

Evidenciamos que a prática da professora Ana parece estar, em geral, em harmonia com seus saberes sobre os processos de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras e sobre modelos de leitura.

Abordagens mais tradicionalistas para o ensino de línguas estrangeiras estão presentes em sua prática em certas situações, como a forma metódica de iniciar suas aulas, fazendo a chamada, vistando a tarefa dos alunos e corrigindo os exercícios de casa. Suas aulas também evidenciam, especialmente durante a correção da tarefa, que nem sempre há oportunidades para que os alunos se manifestem e se expressem no decorrer da correção de atividades a respeito de assuntos bastante controversos e polêmicos. Além disso, assim como a professora Jane, ela faz uso constante da tradução no decorrer das atividades de leitura.

No entanto, mais frequentes são os momentos em que ela revela, em sua prática, concepções pautadas em princípios característicos de abordagens mais contemporâneas de ensino de línguas estrangeiras. Ela procura, na medida do possível, proporcionar atividades diferenciadas tendo em vista o perfil e a necessidade dos seus alunos.

Em várias situações, a docente trabalha novos vocábulos de maneira diferente. Há alunos que assimilam melhor os novos vocábulos por meio de atividades mais tradicionalistas como a tradução, a leitura controlada ou meras repetições fonéticas. Porém, em sua prática, há momentos de compreensão de novos vocábulos por meio do uso das estratégias de leitura, como os afixos, a inferência e o próprio contexto.

Diferentemente da correção dos exercícios feitos em casa, durante as atividades de leitura realizadas em sala de aula, ela trabalha a capacidade crítica dos alunos, instigando-os a justificar suas respostas e até mesmo se posicionando quando necessário. Além disso, ela também procura desenvolver as estratégias de leitura durante suas aulas, trabalhando aspectos do texto como as pistas tipográficas, o *layout* do texto, os afixos, *scanning* e explorando as características dos gêneros textuais.

Da mesma forma que a professora Ana, o desempenho da professora Jane também parece estar de acordo com suas concepções teórico-metodológicas acerca dos processos de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras e seus possíveis entendimentos sobre modelos de leitura.

Contudo, apesar de, em algumas ocasiões, demonstrar ações pautadas em abordagens mais tradicionalistas, princípios de abordagens mais contemporâneas de ensino de línguas estrangeiras parecem nortear mais frequentemente seu exercício de docência. Inúmeras são as ocasiões em que há oportunidades para que o aprendiz possa se posicionar e se manifestar diante da leitura de textos que abordam questões controversas e polêmicas.

A docente evidencia, em sua prática, ter conhecimento da nova proposta. Além de abordar gêneros textuais diferentes e buscar a formação cidadã dos alunos, ela também utiliza de recursos metacognitivos, explorando as estratégias de leitura, ferramentas incentivadas pela nova proposta. Em suma, sua prática parece estar de acordo com os pressupostos teóricos da nova proposta.

Embora sua prática reflita saberes sobre a nova proposta, assim como a professora Ana, a professora Jane parece ter a crença de que o docente tem que traduzir

todos os textos com os alunos em sala de aula. É certo que a nova proposta incentiva a escrita como forma de reformulação ou interpretação de textos. Porém, as atividades de tradução feitas por ambas não prezam necessariamente pela capacidade de compreensão e interpretação dos textos lidos em sala de aula.

A professora Jane, por exemplo, trabalha a tradução dos textos sempre em duplas. Os alunos não têm a oportunidade de ler o texto individualmente e silenciosamente. Todos os textos são lidos por dois alunos e traduzidos com o auxílio do computador no laboratório de informática.

Acreditamos que a necessidade de ambas as professoras trabalharem a tradução em sala de aula se origine de sua própria trajetória de aprendizado da língua inglesa. Embora a professora Jane pareça trabalhar a leitura de maneira mais dinâmica, ambas se utilizam desse recurso frequentemente. Além da própria formação delas, a crença que elas têm sobre leitura reflete no trabalho contínuo com a tradução.

Porém, apesar de todas essas adversidades e dificuldades, a prática das professoras colaboradoras parece atender aos princípios da nova proposta, especialmente a da professora Jane. Sua prática procura promover a participação ativa dos alunos e oferece oportunidades para que eles se posicionem perante questões importantes que visam ao desenvolvimento da formação cidadã. Fica evidente, em suas aulas, seu conhecimento acerca da abordagem de letramentos múltiplos, base da nova proposta, que, se adequadamente implementada, poderá trazer resultados satisfatórios para o ensino da leitura e das demais habilidades.

Acreditamos que, antes da implementação de propostas curriculares como essa, é necessário que haja uma iniciativa no sentido de preparar melhor o docente que estará efetivamente exercendo as mudanças em sala de aula. Há uma maior necessidade, de forma geral, de implementação de políticas públicas que visam contribuir para a formação inicial e continuada de professores.

É certo que propostas como essa objetivam a melhoria do ensino e aprendizado do aluno egresso das escolas públicas. Diante disso, o comprometimento dos gestores e, principalmente, o envolvimento dos professores é de suma importância, pois eles também são convidados a desenvolver novas competências e a encarar novos desafios.

Não se sabe se a nova proposta está, efetivamente, atingindo os seus objetivos e contribuindo positivamente para a formação do indivíduo, após mais de uma década de sua implantação. Novos estudos, pesquisas e investigações longitudinais são necessários para se avaliar e analisar essa iniciativa governamental, já que há um número limitado de estudos e pesquisas dessa natureza.

REFERÊNCIAS

AVELAR, F. J. S. **Visões e ações de uma professora em serviço**: reflexões sobre a construção do ensino de leitura em língua estrangeira. 2004. 178 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

BONFIM, R. **Babel de vozes**: crenças de professores de inglês instrumental sobre tradução, 2006. 169 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, DF.

BRAATZ, S. C. **Uso de estratégias metacognitivas de leitura em alunos da disciplina de inglês instrumental**. 2012. 180 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

BRAGA, Denise Bertoli. **Critical Reading: a sócio-cognitive approach to selective focus in reading**, 1990. Tese de Doutorado, University of London, London, 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Relatório do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) – Ciclo 2015**. Brasília: MEC/Inep, 2017.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais - Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Estrangeira**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1998.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1996.

CELANI, M. A. A. (org.) **Professores e formadores em mudança: relato de um processo de reflexão e transformação da prática docente**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

CELANI, M. A. A *et al.* **ESP in Brazil: 25 years of Evolution and Reflection**. Campinas, SP: Mercado de Letras, Educ, 2005.

FAILLA, Z. (org.). **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

GUEDES, A. S. **O processamento cognitivo da compreensão na leitura instrumental em inglês no ensino médio profissionalizante**. 2012. 178 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

KATO, M. A. **O aprendizado da leitura**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KERN, R. **Literacy and language teaching**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

LEFFA, V.J. **Aspectos da Leitura**. Porto Alegre: Sagra, 1996.

LEFFA, V. J. "Metodologia do ensino de línguas". *In*: BOHN H. L.; VANDRESEN P. **Tópicos em linguística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988, p. 211-236.

LEFFA, V. J. O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional. **Contexturas**, São Paulo, v. 4, p. 13-24, 1999.

MUNHOZ, R. **Inglês instrumental**: estratégias de leitura – módulo I. São Paulo: Texto Novo, 2000.

O'CONNELL, D. M. Formação do professor: da teoria à prática. **Letras & Letras**, Uberlândia, v.24, n.1, p.103-110, jan./jun. 2008.

PAIVA, V. L. M. O. Desenvolvendo a habilidade de leitura. *In*: PAIVA, V. L. M. O. (org.). **Práticas de ensino e aprendizagem de inglês com foco na autonomia**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005. p. 129-147

SÃO PAULO. **Proposta Curricular de Língua Estrangeira Moderna – Inglês 1º grau**. São Paulo: SE/Cenp, 1989.

SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Educação. **Nova Proposta Curricular de LEM**. São Paulo: SEE, 2008. 56 p.

SOUZA, A. F.; ABSY, C. A.; COSTA G. C; MELLO, L. F. **Leitura em Língua Inglesa**: uma abordagem instrumental. São Paulo: Disal, 2005.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

O roubo de Europa por Júpiter, de Ovídio: uma análise das metonímias na perspectiva da Linguística Cognitiva

The Abduction of Europa, by Ovid: an analysis of metonyms from the perspective of Cognitive Linguistics

LUCAS ROCHA COELHO
Graduado em Letras - UNIPAM
E-mail: lucasrc1989@gmail.com

GEOVANE FERNANDES CAIXETA
Professor orientador - UNIPAM
E-mail: geovane@unipam.edu.br

Resumo: Apresenta-se um trabalho acerca da metonímia como um processo cognitivo. Objetiva-se mostrar, a partir das ocorrências no poema *O Roubo de Europa por Júpiter*, de Ovídio, a riqueza expressiva das metonímias, tendo como *background* a sua operação dentro de um Modelo Cognitivo Idealizado (MCI). Este artigo compõe-se de três partes: a primeira, acerca da expressividade, baseia-se nos estudos de Martins (2008), Warren e Wellek (1949) e Tavares (1974); a segunda, acerca da visão cognitiva sobre a metonímia, baseia-se nos estudos de Santos (2012) e Rydning (2005), os quais empregam vários conceitos de Langacker e Lakoff, e, por fim, a terceira, que analisa as metonímias do poema à luz das duas primeiras partes. Após empregar os conceitos estudados nas duas primeiras partes na análise das metonímias do poema *O Roubo de Europa por Júpiter*, de Ovídio, conclui-se que a metonímia, por meio dos MCIs, não está restrita a uma função referencial, mas possibilita o surgimento de uma nova forma.

Palavras-chave: Expressividade. Metonímia. Modelo Cognitivo Idealizado.

Abstract: This paper presents metonymy as a cognitive process. The objective is to show, from the occurrences in the poem *The Abduction of Europa*, by Ovid, the expressive richness of metonymies, having as a background their operation within an idealized cognitive model (ICM). This article is composed of three parts: the first, about expressiveness, is based on the studies by Martins (2008), Warren and Wellek (1949) and Tavares (1974); the second, about the cognitive view of metonymy, is based on the studies by Santos (2012) and Rydning (2005), who employ several concepts from Langacker and Lakoff, and, finally, the third, which analyzes the metonymies of the poem in the light of the two first parts. After applying the concepts studied in the first two parts to the analysis of the metonyms in Ovid's poem *The Theft of Europa by Jupiter*, we conclude that metonymy, through ICMs, is not restricted to a referential function but enables the emergence of a new form.

Keywords: Expressiveness. Metonymy. Idealized Cognitive Model.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Estudos sobre a linguagem são bastante antigos. Em se tratando da linguagem literária, por exemplo, Aristóteles, filósofo grego que viveu há mais de 2300 anos, em sua *Poética*, já se preocupava em definir o formato e a estética dos gêneros literários gregos. As figuras de linguagem também são temas estudados há muito tempo. Mas o que são figuras de linguagem?

De acordo com Rocha Lima (1972, p. 500), “figuras de linguagem são certas maneiras de dizer que expressam o pensamento ou o sentimento com energia e colorido, a serviço de intenções estéticas de quem as usa”. Ainda, segundo o gramático, as figuras são recursos naturais da linguagem, dos quais o escritor lança mão a fim de dar ao seu estilo vivacidade e beleza. Rocha Lima distingue três tipos de figuras: de palavras (ou tropos), de construção e de pensamento.

No que diz respeito à metonímia, as gramáticas tradicionais são relativamente uniformes ao defini-la. Eis algumas definições: “Baseado numa relação de contiguidade, origina-se este tropo das ideias evocadas por outra com a qual apresentam certa interdependência” (LIMA, 1972, p. 506); “Translação de significado pela proximidade de ideias” (BECHARA, 2009, p. 485). Percebe-se, portanto, que as definições arroladas evidenciam isto: a noção tradicional dada à figura de linguagem “metonímia” baseia-se na concepção de que se substitui um nome por outro e ambos estão de alguma maneira associados. Contudo, tais noções são ineficazes para se compreender a metonímia como um processo cognitivo, uma vez que as entidades inter-relacionadas constituem sentido por meio de processos complexos que possibilitam o surgimento de uma nova forma, e não a mera substituição de um nome por outro (SANTOS, 2012). Logo, surge o questionamento: de que modo se pode entender a metonímia como um processo cognitivo?

Objetivou-se, com este trabalho, mostrar que a metonímia é uma unidade conceptual que fornece acesso a outra unidade conceptual dentro de um mesmo modelo cognitivo. Objetivou-se ainda evidenciar a possibilidade expressiva da metonímia, assinalar a ineficácia das definições tradicionais ao tratar da metonímia, demonstrar que a metonímia opera dentro de um Modelo Cognitivo Idealizado (MCI), mostrar que a metonímia não se limita à função referencial da linguagem e, por fim, mostrar, no poema *O Roubo de Europa por Júpiter*, de Ovídio, que a metonímia é um processo cognitivo.

A fim de atingir os objetivos, utilizou-se de uma pesquisa bibliográfica que visou dar fundamentação à análise do *corpus*, constituído pelo poema *O Roubo de Europa por Júpiter*, do poeta latino Ovídio. Em seguida, prosseguiu-se à interpretação das metonímias presentes no *corpus* sob a ótica dos apontamentos constantes da pesquisa bibliográfica, em especial na seção acerca da visão da Linguística Cognitiva (LC) sobre as metonímias.

Nesse sentido, não se pôde desvincular as figuras de linguagem – neste projeto, nos dedicamos ao estudo da metonímia – dos recursos de expressividade que afloram dos mais variados textos. Contudo, os recursos de expressividade ainda não explicam suficientemente o porquê de uma metonímia ser compreendida e compartilhada na relação leitor e autor.

Objetivando embasar cada um dos dois eixos principais da bibliografia, utilizaram-se, principalmente, os estudos de Martins (2008) e de Warren e Wellek (1949) e de Tavares (1974) como sustentação para a seção acerca da estilística e expressividade. A fim de embasar o segundo eixo da pesquisa bibliográfica, que trata da LC e da visão conceptual aplicada às metonímias, utilizaram-se os estudos de Santos (2012) e de Rydning (2005), os quais empregam vários conceitos de Langacker e Lakoff.

Tem-se, invariavelmente, de pensar na metonímia como um processo conceptual, o qual perpassa pela seleção de partes mais representativas que possibilitam a conceptualização de uma coisa por sua relação com outra. A fim de alcançar tal objetivo, além da bibliografia de base da pesquisa, buscou-se mostrar, utilizando-se do célebre poema *O Roubo de Europa por Júpiter*, de Ovídio, que as metonímias são unidades conceptuais que fornecem acesso a outras unidades conceptuais dentro de um mesmo domínio.

2 ESTILÍSTICA E EXPRESSIVIDADE

No que diz respeito às figuras de linguagem, é necessário que se levem em conta aspectos que possam indicar o porquê de determinado autor ter construído um período usando uma e não outra, ou nenhuma. Considerando isso, surge a questão: como explicar a escolha por uma figura de linguagem? Invariavelmente, a resposta remeterá à estilística e aos efeitos expressivos.

Preliminarmente, deve-se considerar que a estilística não se limita ao intralinguístico. Aspectos extralinguísticos também devem ser levados em conta, uma vez que a linguagem é composta por um sistema em que os conhecimentos de mundo interligam-se e são compartilhados pelos usuários.

Charles Bally diferencia duas faces da linguagem: a intelectual ou lógica e a afetiva. Isso foi algo inédito nos estudos linguísticos, uma vez que se distingue com precisão o conteúdo linguístico do conteúdo estilístico, ou seja, delimita-se com precisão a informação neutra da carga subjetiva a ela acrescentada. Ainda de acordo com Bally (*apud* MARTINS, 2008, p. 20),

os efeitos expressivos, pelos quais o ser humano manifesta seus sentimentos e atua sobre o seu semelhante, são classificados em naturais (manifestações de prazer e desprazer, de admiração e desaprovação, processos de intensificação das ideias) e evocativos (que sugerem certo meio social ou certa época e aparecem, por exemplo, na língua familiar, na gíria, na língua profissional, na literária etc).

Nesse sentido, Bally destaca que a língua serve para que se possa exprimir ideias, emoções e desejos. Contudo, deve-se levar em conta que a língua é um fato social e, portanto, a fim de expressar essas ideias, emoções e desejos, empregam-se meios de expressão que os outros indivíduos conheçam e compreendam. Bally, em seus estudos, concentrou-se nos aspectos afetivos da língua falada, pois ele a considera como a mais

viva e espontânea, detentora de um sistema expressivo que deve ser estudado pela Estilística.

Em se tratando da estilística propriamente literária, deve-se mencionar a proposta de Erich Auerbach e sua monumental *Mimese: a representação da realidade na literatura ocidental*. O fio condutor da obra é “apreender os vários modos por que a experiência dos homens histórica, social, moral e religiosa tem sido representada em forma literária nas várias fases da cultura ocidental” (*apud* MARTINS, 2008, p. 25). Auerbach evidencia, segundo Warren e Wellek (1949), em cada um dos ensaios que compõem a obra, a vinculação entre estilo e concepção da realidade.

No que diz respeito aos efeitos expressivos, tem-se de considerar os apontamentos de Warren e Wellek (1949, p. 12), os quais destacam que a “a linguagem literária é muito mais que referencial. Ela tem o seu lado expressivo; transmite o tom e a atitude do falante ou do escritor. E ela não só declara e expressa algo, mas também busca influenciar a atitude do leitor, persuadi-lo, mudá-lo” (tradução nossa).

Portanto, considera-se que a expressividade não se limita a embelezar o texto. Os seus efeitos contribuem para guiar o leitor, auxiliando-o no processo interpretativo e no diálogo que ele estabelece com o texto.

3 CONCEPÇÕES DE METONÍMIA

É possível estudar as metonímias sob diferentes aspectos. Segundo Tavares (1974, p. 367), os tropos (alegoria, antonomásia, catacrese, imagem, metáfora, metonímia, símbolo e sinédoque) fazem parte das figuras de pensamento e ocorrem quando “as palavras e expressões apresentam-se em sentido translado e não no próprio”. Há autores que não distinguem a sinédoque da metonímia, como Wolfgang Kayser (*apud* TAVARES, 1974, p. 375), o qual considera que

em ambos os casos, trata-se de um desvio, ou seja, tomar a parte pelo todo (lar, em vez de casa e família), a matéria pelo produto (uva por vinho), um indício somático pelo indivíduo ou grupo de indivíduos (cabelo branco por velhice), o autor pela obra (ler Homero), a causa ou meio pelo efeito (língua em vez de idioma, letra em vez de caligrafia).

Nas próximas seções, serão abordadas as metonímias sob a ótica tradicional e sob a ótica conceptual.

3.1 METONÍMIA – VISÃO TRADICIONAL

Conforme visto anteriormente, as concepções tradicionais para o fenômeno da metonímia baseiam-se, sobretudo, na ideia de substituição. A seguir, serão apresentados alguns exemplos literários.

O primeiro exemplo é um trecho do poema de Manuel Bandeira, chamado *A última canção do beco*:

Lapa - Lapa do Desterro -,
Lapa que tanto pecais!
(Mas quando bate seis horas,
Na primeira voz dos sinos,
Como na voz que anunciava
A conceição de Maria,
Que graças angelicais!)
(BANDEIRA, 1977, p.123-124, destaque nosso).

De acordo com os manuais de gramática, há, aqui, uma metonímia de lugar pelos habitantes. O termo em negrito – *Lapa* – substituiria aquilo que o compõe, a saber, os habitantes desse local.

O segundo exemplo é este trecho d’*Os Lusíadas*, de Camões:

As armas e os barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando,
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.
(CAMÕES, 2018, p. 50, destaque nosso).

Nesse fragmento d’*Os Lusíadas*, há uma metonímia de instrumento pelos indivíduos que o utilizam. “As armas”, de acordo com os manuais de gramática tradicional, estariam substituindo os navegantes que saíram a velejar pelo mundo (e, é claro, usavam armas diversas ao fazê-lo).

O terceiro exemplo é o poema *D. João, Infante de Portugal*, de Fernando Pessoa, do livro *Mensagem*.

Não fui alguém. Minha alma estava estreita
Entre tão grandes almas minhas pares,
Inutilmente eleita,
Virgemente parada;

Porque é do português, pai de amplos mares,
Querer, poder só isto:

O inteiro mar, ou a **orla vã desfeita** -
O todo, ou o seu nada.
(PESSOA, 2019, *online*, destaque nosso).

Aqui, há uma metonímia de parte pelo todo, na qual a expressão em negrito substitui a ideia das espumas das ondas que são levadas até à costa, portanto, de acordo com os manuais de gramática, a parte pelo todo.

Esses exemplos, embora não esgotem totalmente as definições de metonímia apresentadas nas gramáticas tradicionais, fornecem um quadro geral de como tal assunto é abordado.

3.2 METONÍMIA – VISÃO CONCEPTUAL

Inicialmente, é necessário pontuar que a significação de uma metonímia está além de uma questão de estilo. No primeiro exemplo da sessão anterior, *Lapa*, naquele contexto, não está limitada a uma questão rítmica ou estética, porque esse termo carrega em si uma série de possibilidades expressivas que são ativadas no ato da leitura.

Isso mostra que, no processo metonímico, há a seleção de partes mais representativas de um todo, de modo a possibilitar a organização do pensamento e das ações, “permitindo a conceptualização de uma coisa por sua relação com outra” (SANTOS, 2012, p. 47).

Portanto, para a compreensão das metonímias como um processo cognitivo, é necessário que se leve em conta não a simples substituição de um termo por outro, mas a percepção de que esses termos guardam entre si traços comuns que, por meio de complexos processos, propiciam “o surgimento de uma forma nova, resultante de um processo de pensamento” (SANTOS, 2012, p. 48).

Segundo Baesse Abrahão (2011, p. 3),

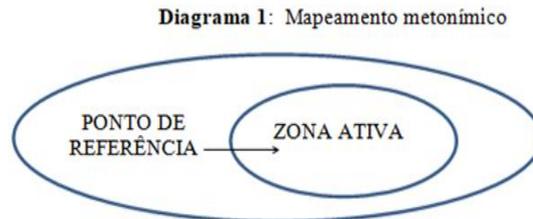
[...] os processos de significação promovidos pela metonímia possuem a força do específico, do particular, provocando no leitor/ouvinte um olhar para a materialidade, para o imediato. A metonímia seleciona o específico como modo de olhar e isso quase nunca passa por escolhas pessoais e sim culturais, sociais. Nesses momentos em que o homem se localiza a partir do específico, do particular, ele alicerça na realidade objetiva a sua referencialidade.

Pode-se, agora, definir *metonímia* em termos conceptuais: “Um mecanismo cognitivo por meio do qual um domínio experimental é parcialmente compreendido em termos de outro domínio incluído no mesmo domínio experimental” (LAKOFF, 1987, *apud* RYDNING, 2005, p. 394 – tradução nossa).

De acordo com Lakoff (1987, *apud* SANTOS, 2012), uma habilidade importante dos seres humanos é a capacidade de formar Modelos Cognitivos Idealizados (MCI). Os MCIs são criados socialmente e são acessíveis por meio da cultura. Nesse sentido, quando se pensa na metonímia como um processo conceptual, está-se destacando que

existem “pontos de referência cognitiva para uma categoria, viabilizando a emergência de normas e expectativas a partir das quais outros membros da categoria são avaliados” (SEGUNDO, 2016, p.10). Portanto, as metonímias fazem parte de um raciocínio que aponta para os mais variados propósitos, como quando se toma a parte pelo todo, o contingente pelo conteúdo, o indivíduo pela espécie.

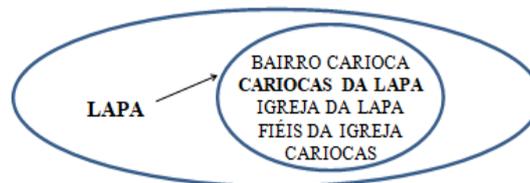
Langacker (1987, *apud* SANTOS, 2012) apresenta o mapeamento metonímico da seguinte forma:



Fonte: Santos, 2012, p. 49

Para que se entenda o mapeamento metonímico, é necessário que se retome a definição conceptual de metonímia, pois tanto o ponto de referência quanto a zona ativa são considerados entidades conceptuais. Assim se pode esquematizar a metonímia extraída dos versos de Bandeira do seguinte modo:

Diagrama 2 – Mapeamento metonímico de *Lapa*, nos versos de Bandeira



Fonte: elaboração própria, 2020.

Quando Manuel Bandeira emprega a metonímia no verso *Lapa que tanto pecais!*, tem-se de considerar que diversas possibilidades são levantadas pelos leitores. Por exemplo, o poeta pode ter-se referido ao bairro carioca, aos cariocas da Lapa, à famosa Igreja de Nossa Senhora da Lapa, aos fiéis que frequentam essa igreja ou aos cariocas de modo geral. Essa série de possibilidades levantadas chama-se *modelo cognitivo metonímico*. Portanto, o leitor tem de ressignificar o termo *Lapa*, porque, dentre diversas possibilidades, uma se mostra mais razoável (no caso, *cariocas da Lapa*). Mas por que *cariocas da Lapa* é mais razoável? Por causa do conhecimento de mundo do leitor, pois, caso o leitor conheça um pouco sobre a história da composição desse poema, saberá que Manuel Bandeira o fez alguns dias antes de se mudar de sua casa rumo a outro bairro no Rio de Janeiro. Contudo, se o leitor não dispusesse dessas informações, a interpretação estaria comprometida. Isso mostra que as metonímias são altamente

complexas e envolvem experiências e conhecimentos prévios, de modo que se pode afirmar, inequivocamente, que tal figura possui uma dimensão cultural vastíssima.

Nesse sentido, faz-se a análise das metonímias de *O Roubo de Europa por Júpiter*, de Ovídio, sob a ótica da LC. Busca-se evidenciar que as metonímias não estão limitadas a uma mera relação de substituição e que o enfoque cognitivo possibilita extrair mais significado dessa figura.

4 AS METONÍMIAS NO POEMA *O ROUBO DE EUROPA POR JÚPITER*

As Metamorfoses, de Ovídio, é um poema épico em quinze livros, o qual dá vida aos mitos greco-romanos mais importantes. “Sabe-se que os quinze cantos já haviam sido completados no ano 8 d. C., quando Ovídio foi exilado por ordem direta do *princeps* romano – Otavio Augusto” (FALCÓN, 2016, pos. 312).

Ovídio não dividiu de modo explícito *As Metamorfoses*, contudo é possível perceber um ordenamento geral. Os primeiros livros fazem referência aos mitos primordiais; no Livro I, por exemplo, estão os poemas *A Fundação do Mundo* e *O Dilúvio*; no Livro II, *O Roubo de Europa por Júpiter*. Os últimos, por sua vez, relacionam-se à história e à religião de Roma; no Livro XIII, por exemplo, encontram-se *O Sacrifício de Policena* e *A Metamorfose de Hécuba, sua Mãe*; no Livro XV, *A Alma de Júlio César Mudada em Cometa*. Por fim, há diversos poemas que conectam o início ao fim, devido tanto ao aspecto temporal, quanto aos temas e personagens (FALCÓN, 2016).

Acerca da proposta da obra e de seu tema, Falcón (2016, pós. 388) destaca que

Dicere formas in nova corpora mutatas, “falar de figuras que se mudaram em novos corpos”, é o propósito das *Metamorfoses*; e seu assunto receberá limites formais de começo e fim, respectivamente, na origem do mundo e na evolução de Roma. O tema, então, como o título já indicava, são as transformações ao longo da história universal, que abrange uma etapa cósmica, e outra, humana.

Logo na abertura do poema *O Roubo de Europa por Júpiter*, há um breve argumento sobre o que será tratado ao longo dos versos:

“Júpiter, apaixonado pela princesa Europa de Sídon, convoca Mercúrio e lhe ordena desviar o gado real, que pasta nos montes, rumo à praia, onde passeia a princesa. Tendo o arauto do Olimpo cumprido suas ordens, Júpiter metamorfoseia-se em um lindo touro e se mistura ao rebanho, já na praia. Passa então a cortejar a donzela, que aos poucos toma confiança e sobe em seu lombo. Distraindo-a, Júpiter entra paulatinamente nas águas do mar e atravessa com a princesa para Creta, onde realiza seu intento” (FALCÓN, 2016, pos. 2602).

Em linhas gerais, o poema tratará disso, conforme se nota a partir da leitura da tradução feita por Bocage para o português em versos decassílabos:

1. O grão Jove no céu Mercúrio chama
2. E, sem lhe declarar o amor que o fere,
3. “Vai, ministro fiel dos meus decretos,
4. Vai, filho meu, co’a sólita presteza;
5. Desce à terra (lhe diz) donde se avista
6. Tua mãe reluzindo à sestra parte,
7. E que os seus naturais Sidon nomeiam.
8. O armentio real, que ao longe a relva
9. No monte anda a pascer, dirige à praia”.
10. Disse, e já da montanha o gado expulso
11. Caminha à fresca praia, onde costuma
12. A do sidônio rei mimosa filha
13. Espairecer, folgar co’as tírias virgens.
14. A majestade e o amor não bem se ajustam;
15. Jamais o mesmo peito os acomoda.
16. Do cetro a gravidade enfim depondo
17. O pai e o rei dos deuses, Jove, aquele
18. Que armada tem do raio a sacra destra,
19. E que ao mínimo aceno abala o mundo,
20. Veste forma taurina, entre as manadas
21. Muge e pisa formoso as brandas ervas.
22. É cor da neve, que nem pés calcaram,
23. Nem co’as asas desfez o Sul chuvoso;
24. Alteia airosamente o móbil colo;
25. Das espáduas lhe pende, e bambaleia
26. A cândida barbela, as breves pontas
27. De industriosa mão lavor parecem,
28. Ganham no lustre à pérola mais pura.
29. Não tem pesado cenho, olhar terrível,
30. Antes benigna paz lhe alegre a fronte.
31. A filha de Agenor admira o touro,
32. Estranha ser tão belo, e ser tão manso.
33. Ao princípio, inda assim, teme tocar-lhe;
34. Vai-se depois avizinando a ele,
35. E as flores que apanhou lhe aplica aos beiços.
36. Ei-lo já pela relva salta e brinca,
37. Já põe na fulva areia o níveo lado.
38. À virgem pouco a pouco o medo extingue,
39. E agora oferece brandamente o peito,
40. Só para que lho afague a mão formosa,
41. Agora as pontas, que a real donzela
42. De recentes boninas lhe engrinalda.
43. Ela, enfim, que não sabe a que se atreve,
44. Ousa nas alvas costas assentar-se.
45. De espaço à beira-mar descendo o nume,
46. Põe mentiroso pé n’água primeira,

47. Vai depois mais avante... Enfim, nadando,
 48. Leva a presa gentil por entre as ondas.
 49. Ela, de olhos na praia, ela, medrosa,
 50. Segura uma das mãos numa das pontas,
 51. Sobre o dorso agitado a outra encosta;
 52. Enfuna o vento as sussurrantes vestes.
 53. Despida finalmente a falsa imagem,
 54. Eis aparece o deus, eis brilha Jove,
 55. E em teus bosques, ó Creta, Amor triunfa. (OVÍDIO, 2016)

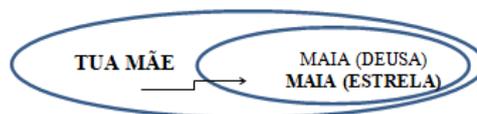
A seguir, será feita análise de metonímias presentes em alguns versos à luz do arcabouço teórico desenvolvido na seção *Metonímia – visão conceptual*.

4.1 METONÍMIA “TUA MÃE”

5. Desce à terra (lhe diz) donde se avista
 6. *Tua mãe reluzindo à sestra parte,*
 7. E que os seus naturais Sidon nomeiam

Júpiter, referindo-se à mãe de Mercúrio, utiliza como referência a estrela Maia. Nesse sentido, percebe-se que a escolha do poeta baseou-se numa metonímia que estabelece uma relação entre o indivíduo (a mãe, de fato, de Mercúrio) e uma classe a que essa mãe pertence (uma estrela). Mercúrio, “que viaja por meio de suas sandálias aladas, deve usar a estrela de sua mãe como ponto de referência para encontrar Sidon” (FALCÓN, 2016, pos. 2688), uma vez que essa região, na Fenícia (atual Líbano), estaria à esquerda da estrela. A estrela Maia é uma das Plêiades, grupo de estrelas que integra a constelação de Touro. Aqui, Ovídio consegue, em razão da verossimilhança, levar o leitor a acreditar que Júpiter ordena que seu filho se desloque tendo como referência a posição de sua mãe, sem, contudo, revelar suas intenções secundárias. Trata-se, portanto, de uma metonímia extremamente engenhosa e expressiva.

Diagrama 3 – Mapeamento metonímico do 6º verso



Fonte: elaboração própria, 2021.

De acordo com esse diagrama, que mostra o mapeamento metonímico do 6º verso, a expressão *tua mãe* funciona como o ponto de referência escolhido pelo poeta e, a partir dessa expressão, há apenas duas possibilidades viáveis de alvo (a deusa Maia ou a estrela Maia). O leitor, caso detenha o acervo de informações prévias suficientes, as quais foram discutidas anteriormente, perceberá que, a partir do contexto, a escolha

estrela Maia encaixa-se de modo mais efetivo. Isso prova, portanto, que “o ponto de referência é visto como um veículo capaz de acessar um alvo” (SANTOS, 2012, p. 40).

4.2 METONÍMIAS “MAJESTADE” E “AMOR”

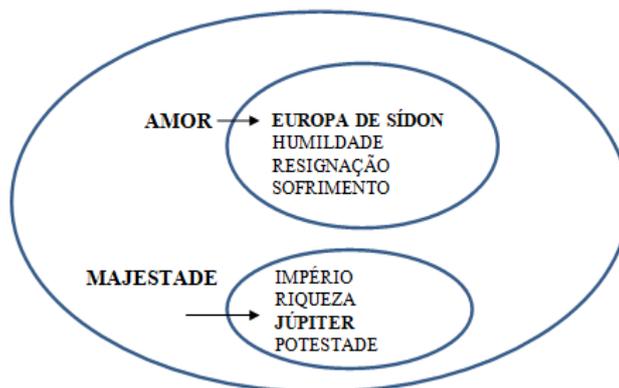
13. Espairecer, folgar co’as tírias virgens.
14. *A majestade e o amor não bem se ajuntam;*
15. Jamais o mesmo peito os acomoda.

Aqui, de acordo com Falcón (2016, pos. 2705),

[...] a transformação em touro por si já é espantosa; sendo Júpiter o transformado, é um rebaixamento monstruoso. E já que é duplo o escândalo, primeiro pela metamorfose, segundo pela qualidade do metamorfoseado, é muito decoroso antepôr-lhe uma observação ética, que suaviza o justo espanto do leitor, explicando de antemão que o amor erótico não coexiste com o respeito próprio.

Ovídio, ao empregar os termos *majestade* e *amor*, utiliza a metonímia para se referir aos dois personagens do poema – Júpiter (majestade) e Europa (amor). É interessante notar que esse emprego ganha ainda mais força caso o leitor leve em conta que Júpiter é o deus mais poderoso da mitologia greco-romana, portanto era também o soberano dos outros deuses. A princesa Europa, por sua vez, era filha do rei de Sídon, Agenor, e, nesse poema, representa o amor que sua figura desperta em Júpiter. A partir disso, tem-se este diagrama do mapeamento metonímico:

Diagrama 4 – Mapeamento metonímico do 14º verso



Fonte: elaboração própria, 2021.

De acordo com esse diagrama, há duas metonímias, as quais são esquematizadas separadamente. Na primeira, o ponto de referência utilizado pelo autor, *amor*, ativa diferentes alvos. Contudo, “os processos de significação promovidos pela metonímia possuem a força do específico, do particular” [...] (BAESSE, 2011, p. 3). Nesse

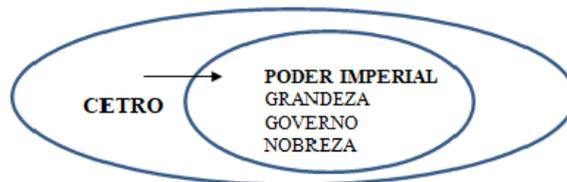
sentido, o ponto de referência *amor* remete ao alvo *Europa de Sídon*, uma vez que esse alvo é o mais específico dentre todas as outras possibilidades. Na segunda metonímia, o ponto de referência *majestade* ativa o alvo *Júpiter*; percebe-se que isso faz total sentido, uma vez que Ovídio, de algum modo, em seu poema, alerta os leitores quanto ao perigo da junção entre *amor* e *majestade*, de modo que a única leitura possível para esse ponto de referência é o próprio Júpiter, pois é rei dos reis.

4.3 METONÍMIA “CETRO”

16. *Do cetro a gravidade enfim depondo*

Aqui, Ovídio opta por colocar em paralelo a grandeza de Júpiter como rei dos deuses e a baixeza da transformação taurina. Então, quando Ovídio, referindo-se à atitude de Júpiter, escreve que este depôs a gravidade do cetro, deve-se entender a opção do poeta pela expressão *Do cetro* como um recurso estilístico enfático e expressivo, uma vez que essa expressão é tomada metonimicamente, significando o objeto (cetro) pela coisa significada (poder imperial). De certo modo, Ovídio destaca que a metamorfose de Júpiter foi escandalosa, pois ocorreu em virtude do resultado nefasto do amor (FALCÓN, 2016). Essa metonímia, portanto, tem o papel de reforçar a humilhação de Júpiter e de mostrar os riscos do amor para aqueles que desempenham funções de comando. Esquemmatizando-a, tem-se este diagrama:

Diagrama 5 – Mapeamento metonímico do 16º verso



Fonte: elaboração própria, 2021.

De acordo com esse diagrama, o ponto de referência *cetro* ativa o alvo *poder imperial*. Pode-se dizer que o que estava presente na memória e na intuição das pessoas (*poder imperial*) se corporifica e toma a forma de algo mais concreto (*cetro*). Ademais, tendo como base o exposto no parágrafo anterior, pode-se considerar que a metonímia conceptual possui um significativo alcance sociocultural, o qual, portanto, não pode ser desvinculado de fatores estilísticos, e que estão, de certo modo, condicionados à expressividade pretendida pelo poeta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho iniciou-se com uma discussão acerca da expressividade, a qual não se limita ao intralinguístico – fatores extralinguísticos têm muita relevância, uma vez que conhecimentos de mundo interligam-se e, a fim de que determinada construção literária seja expressiva, esses conhecimentos têm de ser compartilhados pelos falantes. Ademais, a sua função está muito além de somente embelezar o texto, porque o leitor, ao perceber seus efeitos, consegue aprofundar-se em camadas mais profundas do texto, o que possibilita novas possibilidades interpretativas. Em seguida, apresentou-se a figura de linguagem *metonímia* tanto sob a ótica das gramáticas tradicionais quanto sob a ótica da linguística cognitiva; evidenciou-se que esta última fornece mais possibilidades interpretativas para essa figura, visto que, ao contrário daquilo que a visão tradicional defende, tem-se o surgimento de uma forma nova para ler e entender metonímias – isso somente é possível caso sejam considerados os conceitos *ponto de referência* e *zona ativa*. Por fim, a partir do *corpus*, o qual se constituiu do poema *O Roubo de Europa por Júpiter*, de Ovídio, traduzido por Bocage, procedeu-se ao mapeamento metonímico das metonímias presentes no poema.

A pergunta que guiou este trabalho (*de que modo se pode entender a metonímia como um processo cognitivo?*), pôde ser respondida do seguinte modo: por meio dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), a compreensão da metonímia como um processo cognitivo possibilita que os termos envolvidos sejam analisados não mais a partir de uma relação de substituição, mas, na verdade, a partir de traços comuns, os quais possibilitam o surgimento de uma forma nova, a qual é resultante de um processo de pensamento (SANTOS, 2012).

A partir das metonímias pinçadas do poema *O Roubo de Europa por Júpiter*, percebeu-se que o mapeamento metonímico possibilita acessar nuances que, muito provavelmente, passariam despercebidas. O mapeamento metonímico do 6º verso, por exemplo, evidenciou que a metonímia desse verso não se limita à relação entre a classe e o indivíduo a que pertence o termo *Tua mãe*, uma vez que diversas informações prévias têm de ser ativadas, levando-se em conta, até mesmo, constelações e aspectos geográficos. Deve-se considerar também que o mapeamento metonímico, embora aponte para uma zona ativa, não impede que outras possibilidades interpretativas existam. A fim de comprová-lo, basta que se leve em conta o mapeamento metonímico do 14º verso, pois, em alguma medida, Júpiter incorpora a *majestade* e Europa de Sídon, o *amor*; isso concorre para a expressividade pretendida pelo poeta, não apenas nesse verso, mas também em todo o poema.

Por fim, espera-se que este trabalho contribua para estudos sobre a metonímia como um processo cognitivo, uma vez que essa área é relativamente recente e, por esse mesmo motivo, ainda apresenta novas possibilidades de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Coleção *Os Pensadores*).

BAESSE ABRAHÃO, Virgínia Beatriz. A metonímia em *London London*, conto de Caio Fernando Abreu. **Revista do Sell**, [S. l.], v. 1, n. 1, jan. 2011. Disponível em: <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/11/13>. Acesso em: 07 jun. 2021.

BALLY, Charles. **El lenguaje y la vida**. 5. ed. Buenos Aires: Losada, 1951.

BANDEIRA, Manuel. **Antologia Poética**. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. rev. atual. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**: comentários de Francisco de Sales Lencastre. Porto Alegre: Concreta, 2018.

FALCÓN, Rafael Sento-Sé Guimarães (org.). **Metamorfoses de Ovídio (seleta)**. Porto Alegre: Concreta, 2016. Tradução de Bocage.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1972.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à Estilística**: a expressividade na língua portuguesa. 4. ed. rev. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

OVÍDIO, Públio Naso. **As Metamorfoses**: tradução de Bocage e comentários de Rafael Falcón. Porto Alegre: Concreta, 2016. ISBN 978-85-68962-11-4. *E-book*.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. [S. l.]: Mimética, 2019. *E-book*.

RYDNING, Atin Fougner. The Return of Sense on the Scene of Translation Studies in the Light of the Cognitive Blending Theory. **Meta**, [S. l.], v. 50, n. 2, p. 392-404, 20 jul. 2005. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/meta/2005-v50-n2-meta881/010989ar.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2021

SANTOS, Ioane Aires. Um estudo sobre a metonímia como um processo cognitivo. **PERcursos Linguísticos**, [S. l.], v. 2, n. 5, p. 40-56, 2012. Disponível em: <https://www.periodicos.ufes.br/percursos/article/view/3568>. Acesso em: 15 jun. 2021.

SANTOS, Ione Aires. **Um estudo sobre a metonímia como um processo cognitivo**. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_5064_Disserta%E7%E3o%20Ione%20Aires%20-%20Completa.pdf. Acesso em: 5 jun. 2021.

SEGUNDO, Paulo Roberto Gonçalves. **Categorização**: protótipos e categorias radiais: modelos cognitivos idealizados e esquemas imagéticos. São Paulo: FFLCH-USP, 2016. 12 p. Apostila.

TAVARES, Hênio Último da Cunha. **Teoria Literária**. 5. ed. rev. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Theory of Literature**. New York: Harcourt, Brace and Company, 1949.

***Tulips*, de Sylvia Plath (1932-1963): rastros e vozes da memória**

Tulips by Sylvia Plath (1932-1963): traces and voices of memory

JOSÉ IGNACIO RIBEIRO MARINHO

Mestre em Letras - UFJF

E-mail: josebrenatti@hotmail.com

MATHIAS VINÍCIUS SANTOS ROCHA

Graduado em Letras - UFF

E-mail: mathiasr2d2@gmail.com

Resumo: A presente pesquisa tem como cerne uma análise acerca do poema *Tulips*, da escritora norte-americana Sylvia Plath, publicado postumamente em “Ariel” (uma coletânea de poemas), em 1965. Nesse poema, como em tantos outros textos *plathianos* (contos, diários, poemas, romance etc.), deparamo-nos com o amálgama entre o factual e o ficcional. Os objetivos específicos deste trabalho foram apresentar a vida e a obra da intelectual, como também trazer à luz uma análise de *Tulips*, mapeando rastros e vozes da memória. Teórico-metodologicamente, recorremo-nos à revisão de literatura, baseando-nos nos escritos de Plath (2010, 2017, 2018 e 2020), como seus diários e poemas, assim como nos estudos de Malcolm (2012), Blanchot (2017) e outros teóricos.

Palavras-chave: Sylvia Plath. Literatura norte-americana. Poesia. *Tulips*. Memória.

Abstract: The present research has as its core an analysis of the poem *Tulips*, by the American writer Sylvia Plath, published posthumously in “Ariel” (a collection of poems) in 1965. In this poem, as in so many other Plathian texts (short stories, diaries, poems, novels, etc.), we encounter the amalgam between the factual and the fictional. The specific objectives of this work were to present the life and work of the intellectual to bring to light the analysis of *Tulips*, mapping traces, and voices of memory. Theoretically and methodologically, we resorted to a literature review, basing ourselves on Plath's writings (2010, 2017, 2018, and 2020), such as her diaries and poems, as well as on the studies of Malcolm (2012), Blanchot (2017) and other theorists.

Keywords: Sylvia Plath. North-american literature. Poetry. *Tulips*. Memory.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Tendo a literatura como ponto de referência, muitos escritores, seja lá por quais motivos, escolhem o suicídio (ou são levados a escolhê-lo) como “cartada final”, o que faz, por vezes, com que a academia, a crítica literária e a mídia (digital, jornalística, publicitária, radiofônica, televisiva etc.) direcionem seus refletores a tal atitude, eclipsando, de certa feita, o material temático-estético desses escritores – analogamente, ainda que de forma inconsciente, essas três “instituições” atuam como uma espécie de *voyeur* no que concerne às vítimas suicidas.

Em outras palavras, é como se o suicídio de tais intelectuais (tomando, nessas circunstâncias, a literatura como exemplo) atuasse, metaforicamente, como uma espécie de ímã, atraindo um público leitor significativamente expressivo em relação à figura do escritor que cometera tal atitude. A critério de demonstração, nas letras brasileiras, contamos com a poeta Ana Cristina César, que, na década de 1980, saltara do sétimo andar do edifício onde os pais moravam, em Copacabana, no Rio de Janeiro (curiosamente, Ana Cristina César foi responsável pela tradução da obra de Sylvia Plath para a língua portuguesa); no ambiente britânico, temos Virginia Woolf, que morrera afogada ao adentrar-se em um rio, com um casaco repleto de pedras; na literatura norte-americana, figura Anne Sexton, que se trancafiara dentro de uma garagem com o motor de seu carro ligado, vindo a óbito por intoxicação por monóxido de carbono. Todas as três escritoras mencionadas, no decorrer de suas vidas, foram vítimas da depressão patológica, passando por crises sucessivas. Sem lhes tirar o mérito artístico-literário, os holofotes da academia, da crítica literária e da mídia, naturalmente, durante muito tempo, direcionaram-se para a autodestruição corpórea de tais escritoras, ofuscando, de algum modo, o material temático-estético de suas produções literárias.

Sylvia Plath, tal qual as escritoras mencionadas no parágrafo acima, também padecera da depressão clínica e existencial, levando-a, no decorrer de sua breve vida cronológica, a uma série de atos suicidas. De certa forma, as três “instituições” mencionadas (a academia, a crítica literária e a mídia) debruçaram-se veementemente sobre sua obra literária após a sua morte, ocorrida em fevereiro de 1963, descobrindo um veio deveras expressivo: o fato de seus textos fundirem acontecimentos cotidianos de sua vida com o universo literário; o factual entrelaçando-se com o ficcional.

O presente trabalho, portanto, teórico-metodologicamente ancorado em revisão de literatura, dividido em duas sessões, tem como escopo o perscrutamento da vida e da obra de Sylvia Plath, detendo-se, mais precisamente, na análise do poema *Tulips*, publicado postumamente no livro de poemas *Ariel*, no decorrer dos idos de 1965. Para que alcançassemos consolidação, recorreremos, como ancoragem teórica, à Plath (2010, 2017, 2018 e 2020), Malcolm (2012), Blanchot (1987), dentre outros estudiosos.

2 RECOLHIDA NO CASTELO, À SOMBRA DOS REFLETORES SOCIAIS: UM BREVE DELINEAMENTO SOBRE A VIDA E A OBRA DE SYLVIA PLATH

And I, love, am a pathological liar.
E eu, amor, sou uma mentirosa patológica.
(PLATH, 2018, p. 89)

Aos vinte e sete dias de outubro de mil novecentos e trinta e dois, na capital e cidade mais populosa de Massachussetts, Boston, nasce a aclamada Sylvia Plath, filha de um exímio professor universitário de Biologia (Otto Emile Plath), especialista mundial em abelhas, e de uma professora de Língua Alemã (Aurelia Schober Plath).

Contista, poeta e romancista, Sylvia Plath eternizou-se por meio de sua produção literária, especialmente pelo tom confessional (estilo muito comum nas obras literárias norte-americanas das décadas de 1950 e 1960), figurando posição ao lado de intelectuais como Anne Sexton e Robert Lowell.

Notabilizou-se pela publicação de seu único romance, *The Bell Jar* (1963), conhecido no Brasil por “A redoma de vidro”, e “A campânula de vidro” em Portugal. Tal romance, publicado sob o pseudônimo de Victoria Lucas, é protagonizado pela estudante Esther Greenwood, em meio a uma série de crises existenciais.

Como público leitor, para entendermos melhor como avaliar as questões relacionadas aos aspectos da vida da autora com a protagonista do romance, devemos nos voltar ao conceito do duplo¹, que é caracterizado por se tratar de uma cópia de si – no caso de Sylvia, ela tem total consciência dos atos, mas de alguma forma ainda não é o seu “eu” que a caracteriza. Conforme Carvalho (2003, p. 79), “aquilo que, tomando a forma endurecida e a consistência petrificada, faz calar, Sylvia Plath construiu sua poética autobiográfica”; sendo assim, as vozes e os rastros deixados por Plath são, de certa forma, intencionais.

Em um dos trechos de seus diários, a escritora deixa clara a sua intenção:

[...] poderei escrever um romance (amor e suicídio terão muito espaço: também ambiente universitário, posição da mulher inteligente no mundo: pensarei em capítulos, tramas, luta até o triunfo) e poesia para manter minha disciplina. [...] Escrever um livro tenso e duro, e, pelo amor de deus, nada de sentimentalismo (PLATH, 2017, p. 268).

Assinala-se que, apesar dos refletores da academia, crítica literária e mídia incidirem sobre o romance, reverberando na figura de Sylvia Plath sua possível glória, a escritora também escreveu obras que merecem nossa atenção, como os livros de poemas *Ariel* (1965) e *The Colossus and Other Poems* (1960). Consoante Lopes (2007), “A publicação de seu romance autobiográfico *The Bell Jar* – um best-seller nos Estados Unidos com 80 mil exemplares vendidos em um ano – contribuiu ainda mais para consolidá-la como um mito literário, quase nos fazendo esquecer de que Sylvia Plath é uma poeta” – destaca-se que esse descaso não apenas com Sylvia, mas com diversos autores ainda em vida até hoje é recorrente.

Como já dito, essa tríplice (academia, crítica literária e mídia) acaba por selecionar de maneira mais conveniente quem vai estar nos holofotes – sobre essa questão, vinculada à “engrenagem” (academia, crítica literária e mídia), que seleciona “quem é bom ou não é”, não foi o que ofuscou a carreira de Sylvia Plath, podemos chegar à conclusão de que o breve namoro e um rápido pedido de casamento foram a receita para um declínio em espiral que a vida da poeta estava seguindo. O primeiros meses de matrimônio não foram muito agradáveis, visto que ocorreu uma espécie de invisibilidade social para com ela, por mais que, como professora em sua cidade natal,

¹ Acerca do conceito do “duplo”, consultar a obra “O Duplo: um estudo psicanalítico”, de Otto Rank (2013). Em tal obra, Rank expande o presente conceito literário, de maneira que fique nos altos o uso desse elemento como forma de expressão por parte do eu: “sempre se trata de uma imagem idêntica à do protagonista, até nos mínimos traços, como nome, voz e indumentária” e que esse duplo “lhe atrapalha a vida, e, via de regra, a relação com a mulher vira uma catástrofe, que pode acabar em suicídio – como consequência indireta da morte planejada para o perseguidor incômodo”. (RANK, 2013, p. 60).

Boston, e por conta disso poder assim conhecer vários autores, como Robert Lowell e Anne Sexton, seu marido sempre esteve lá ao seu lado, não de maneira a apoiá-la, mas como forma de ela também conseguir o seu espaço, afinal, ela também era escritora e poeta, e de alguma forma o fato de Plath acabar atraindo mais atenção para ela, isso era algo que o preocupava – uma inveja era o que ele sentia de sua esposa. Apesar então de ter sido ofuscada quando estava viva, é imprescindível a menção como ganhadora do prêmio *Pulitzer* do ano de 1982, pela obra *The Collected Poems*, corroborando, portanto, a premissa de que normalmente se obtém a “glória artístico-literária” postumamente.

Ademais, Sylvia Plath se dedicou devotamente ao gênero epistolar, além de escrever uma série de diários – sob a curadoria de Karen V. Kukil, foram compilados e publicados no Brasil pelo selo da Biblioteca Azul. Acerca disso, frisa-se que “Os diários e as cartas são o registro de sua luta contra a depressão clínica e (se é que as duas podem ser separadas) a depressão existencial, lançando mão das várias defesas maníacas fornecidas pela imaginação romântica” (MALCOLM, 2012, p. 113). Em relação a isso, o que encontramos nos diários de Plath são mais do que apenas uma maneira de ela registrar o seu dia a dia, posto que, de modo metafórico, eles podem ser interpretados como uma espécie de psicólogo desta.

A própria escritora, em uma das entradas de seus diários, menciona isto: “Sempre conversei: algumas vezes com Mary, outras com Eddie, ou comigo mesma. Com mais frequência, comigo” (PLATH, 2017, p. 71). Observa-se que ela tece diálogos como se estivesse brigando e depois aconselhando a si mesma: em síntese, uma relação intimista de quem deposita seus sentimentos ali dentro. “Só escrevo aqui quando estou no fundo do poço, num beco sem saída. Nunca quando me sinto feliz”. (PLATH, 2017, p. 606).

Em 1955, graduou-se em Língua e Literatura Inglesas pelo Smith College – em 1959, recebeu o convite para lecionar na mesma instituição, embora, nos idos do mesmo ano, tenha desistido da carreira do magistério, diferentemente de seus pais que exerceram tal ofício.

No ano seguinte, aos 16 de junho, casa-se com o poeta Edward James Hughes (conhecido por Ted Hughes), tendo com este um casal de filhos (Frieda Rebecca Hughes e Nicholas Farrar Hughes, que, assim como a mãe, cometera suicídio em 2009). A relação matrimonial entre Plath e Hughes dura um curto período cronológico – seis anos –, regados por uma série de turbulências, especialmente pela traição por parte de Ted.

Em 1960, Sylvia teve a oportunidade de trabalhar no Hospital Geral de Boston, podendo, à época, rever seu psiquiatra. Nota-se que o ambiente hospitalar é muito recorrente nos escritos da poetisa, e isso evidentemente tem relação com o fato de ela ter frequentado diversas vezes esse local, devido às suas tentativas de suicídio e tratamentos psiquiátricos. Ressalta-se que a sua primeira tentativa de tirar a vida foi aos vinte e um anos de idade, no decorrer dos idos de 1953, através da ingestão de vários comprimidos, o que resultou no tratamento à base de eletrochoques por meses – isso, a critério de exemplificação, é retratado na narrativa “A redoma de vidro”, o que funciona, neste caso, como um dos rastros e vozes da memória em relação à figura da poeta.

Sua escolha final fora aos onze dias de fevereiro de mil novecentos e sessenta e dois, em meio a um inverno rigoroso, ao ser asfixiada pelo gás de cozinha. Antes de partir deste plano, preparou todas as etapas, minimamente calculadas. Deixou os

manuscritos de “Ariel” separados e organizados da forma como deveriam ser publicados, além de deixar seus dois filhos dormindo no quarto com as janelas abertas, deixando também uma pequena refeição preparada para que comessem assim que acordassem. Após todo o “ritual”, selou as entradas da porta do quarto de seus filhos com fita, para que não entrasse nenhum resíduo de gás no ambiente. Dirigiu-se ao forno, virou o clique deste, depositando a cabeça dentro do eletrodoméstico, deixando o ar tóxico matá-la.

Em suma, podemos teorizar diversas hipóteses que tentem responder o real motivo de seu suicídio, mas o que temos como última resposta pela escritora é um poema deixado para seu ex-marido, *Last Letter*, que fala a respeito de um marido que, diante da esposa morta, vê que suas ações foram o que a levou a tirar a própria vida.

De acordo com Malcolm (2012, p. 66), “Uma concatenação fatídica de acontecimentos – para os quais o frio inclemente, os canos congelados, a falta de um telefone, as gripes das crianças e de Plath eram uma espécie de rancorosa música de fundo – acabou por arrancá-la de um mundo do qual não tinha a intenção de partir”.

Salienta-se que Plath já não estava suportando mais viver de acordo com os acontecimentos, tudo isso era um tormento terrível que acabava por afundar mais a mente da escritora. Dizer que a sua tomada de decisão foi apenas por ciúmes do ex-marido é de uma completa insensibilidade, pois, como já dito, Plath era atormentada pela depressão. Em várias entradas do seu diário, vemos ela reclamar de suas febres e em especial uma ocorrida em favor do marido, ela vai relacionar que esses consentimentos são infernais e que não está suportando suas dores. Em uma de suas últimas cartas, relata:

Agora estou deitada, queimando em febre com esta doença, e o sol me fitou diretamente como um olho laranja olhando para baixo, inexpressivo e gozador; ele se pôs na hora certa, eu cronometrei. E de novo a escuridão me devora [...] Ele está numa festa, agora, sei disso; com alguma moça. Meu rosto queima, estou virando cinzas, como as maçãs de Sodoma e Gomorra (PLATH, 2017, p. 271).

A próxima sessão tem por objetivo específico a compreensão e o mapeamento de marcas autobiográficas no poema *Tulips*, apontando nele uma possível balança entre o factual e o ficcional, marcas tão comuns em toda a obra de Sylvia Plath.

3 RASTROS E VOZES DA MEMÓRIA EM *TULIPS*: UMA POSSÍVEL BALANÇA ENTRE O FACTUAL E O FICCIONAL

Ainda que padecesse profundamente de uma depressão clínica e alimentasse a ambição de se manter economicamente por meio de sua escrita de tonalidade confessional, Sylvia Plath consegue atravessar, de certo modo, as barreiras em relação ao compromisso com a maternidade, com o matrimônio, com os estudos universitários e com os afazeres domésticos, dedicando-se, com devoção, ao ofício de escritora.

A priori, assinala-se que o estilo confessional ficou sendo a força motriz da poética *plathiana*. Acerca da natureza confessional, que não se configura exatamente como uma espécie de corrente ou escola literária, Lopes (2007, p. 118) destaca que “[...] em Plath, ‘confessional’ não implica necessariamente uma poética de ‘confessionário’, de choro ou desabafo”.

Conforme Saltarelli (2017, p. 19), “Ela parecia não viver em seu próprio tempo. Parecia sempre faltar alguma coisa, como uma espécie de inadequação permanente”. Esse possível não enquadramento, que acaba por levá-la, metaforicamente, a um castelo de refúgio (podendo ser interpretado como a própria redoma de vidro), oferece-lhe, via de regra, segurança.

Como dito na seção anterior, no decorrer de sua prematura vida cronológica, devido à frágil condição de saúde emocional e também física, Sylvia frequentou ambientes hospitalares. Em meio a um desses locais, a poeta escreve *Tulips*, objeto de análise nesta pesquisa, o qual envolve o território factual e ficcional.

Antes de iniciarmos a análise do poema *Tulips*, reproduzimos, na íntegra, a versão na língua inglesa, bem como sua tradução, paralelamente.

Tulips

*The tulips are too excitable, it is winter here.
Look how white everything is, how quiet, how
snowed-in.
I am learning peacefulness, lying by myself quietly
As the light lies on these white walls, this bed,
these hands.
I am nobody; I have nothing to do with explosions.
I have given my name and my day-clothes up to the
nurses
And my history to the anesthetist and my body to
surgeons.*

*They have propped my head between the pillow and
the sheet-cuff
Like an eye between two white lids that will not
shut.
Stupid pupil, it has to take everything in.
The nurses pass and pass, they are no trouble,
They pass the way gulls pass inland in their white
caps,
Doing things with their hands, one just the same as
another,
So it is impossible to tell how many there are.*

*My body is a pebble to them, they tend it is a water
Tends to the pebbles it must run over, smoothing
them gently.*

Tulipas

Tulipas são excitáveis demais, é inverno aqui.
Vê como tudo está branco, tão silencioso, coberto
de neve.
Aprendo a paz, deitada sozinha em silêncio
Enquanto a luz se espalha nessas paredes
brancas, nesta cama, nestas mãos.
Não sou ninguém; não tenho nada a ver com a
explosões.
Dei meu nome e minhas roupas às enfermeiras
Minha história ao anestesiologista e meu corpo aos
cirurgiões.

Apoiaram minha cabeça entre o travesseiro e a
dobra do lençol
Como um olho entre duas pálpebras brancas que
ficassem abertas.
Pupila tola, tudo ela tem que engolir.
As enfermeiras não se cansam de passar, não me
incomodam,
Passam como gaivotas no interior, em seus
chapéus brancos,
Fazendo coisas com as mãos, uma igual à outra,
Por isso é impossível dizer quantas são.

Fazem de meu corpo um seixo, que elas cuidam
como a água
Cuida dos seixos por onde corre, alisando-os
com carinho.

*They bring me numbness in their bright medles,
they bring me sleep.*

*Now I have lost myself I am sick of baggage---
My patent leather overnight case like a black
pillbox,
My husband and child smiling out of the family
photo;
Their smiles catch onto my skin, little smiling
hooks.*

*I have let things slip, a thirty-year-old cargo boat
Stubbornly hanging on to my name address.
They have swabbed me clear of my loving
associations.*

*Scared and bare on the green plastic-pillowed
trolley
I watched my teaset, my bureaus of linen, my books*

Sink out of sight, and the water went over my head.

I am a nun now, I have never been so pure.

*I didn't want any flowers, I only wanted
To lie with my hands turned up and be utterly
empty.
How free it is, you have no idea how free---
The peacefulness is so big it dazes you,
And it asks nothing, a name tag, a few trinkets.
It is what the dead close on, finally; I imagine them
Shutting their mouths on it, like a Communion
tablet.*

*The tulips are too red in the first place, They hurt
me.
Even through the gift paper I could hear them
breathe
Lightly, through their white swaddlings, like an
awful baby.
Their redness talks tom y wound, it corresponds.
They are subtle: they seem to float, though they
weigh me down,
Upsetting me with their sudden tongues and their
color,
A dozen red lead sinkers round my neck.*

*Nobody watched me before, now I am watched.
The tulips turn to me, and the window behind me*

*Trazem-me o torpor em suas agulhas brilhantes,
trazem-me o sono.*

*Perdida de mim, estou cansada da bagagem toda
–*

*Meu estojo de couro noturno, caixa preta de
comprimidos,
Meu marido e minha filha sorriem na foto de
família;
Seus sorrisos fisgam minha pele, pequenos
anzóis sorridentes.*

*Deixei coisas escaparem, navio de carga com
trinta anos*

*Teimosamente se prendendo a meu nome e
endereço.*

*Eles me lavaram de minhas associações
amorosas.*

*Assustada e nua sobre a cama de rodas com
travesseiros de plástico verde,*

*Assisti meu aparelho de chá, minhas roupas de
linho, meus livros*

*Submergirem e sumirem, e a água cobrir minha
cabeça.*

Sou freira agora, nunca fui tão pura.

Não queria flores, só me deitar

De mãos pra cima e completamente vazia.

Quanta liberdade, você não faz ideia –

A paz é tão imensa que entorpece,

*E não pergunta nada, um crachá, coisinhas de
nada.*

*É do que se aproximam os mortos, enfim; e os
imagino*

*Fechando suas bocas sobre ela, como hóstia de
comunhão.*

Tulipas são vermelhas demais, me machucam.

Mesmo através do celofane as ouço respirando

*De leve, através de suas faixas brancas, como um
bebê terrível.*

*Sua vermelhidão conversa com minha ferida,
elas combinam.*

*São tão sutis: parecem flutuar, embora sinta seus
pesos,*

*Me aborrecendo com suas súbitas cores e
línguas,*

*Uma dúzia de chumbadas vermelhas presas no
pescoço.*

*Antes ninguém me observava, agora sou
observada.*

*Where once a day the light slowly widens and
slowly thins,
And I see myself, flat, ridiculous, a cut-paper
shadow
Between the eye of the sun and the eyes of the
tulips,
And I have no face, I have wanted to efface myself.
The vivid tulips eat my oxygen.*

*Before they came the air was calm enough,
Coming and going, breath by breath, without any
fuss.
Then the tulips filled it up like a loud noise.
Now the air snags and eddies round them the way
a river
Snags and eddies round a sunken rust-red engine.
They concentrate my attention, that was happy
Playing and resting without committing itself.*

*The walls, also, seem to be warming themselves.
The tulips should be behind like dangerous animals;
They are opening like the mouth of some great
African cat,
And I am aware of my heart: it opens and closes
Its bowl of red blooms out of sheer love of me.
The water I taste is warm and salt, like the sea,
And come from a country far away as health.*

As tulipas se viram para mim, e para a janela às
minhas costas
Onde, uma vez por dia, a luz lentamente se
dilata e lentamente se dilui,
E me vejo, estendida, ridícula, uma silhueta de
papel
Entre o olho do sol e os olhos das tulipas,
E não tenho face, eu que tanto quis me apagar.
As tulipas vívidas devoram meu oxigênio.
Antes de chegarem, havia sossego no ar,
Indo e vindo, a cada alento, sem alvoroço.
Mas as tulipas o ocuparam por inteiro, como um
alarme.
Agora o ar se enrosca e redemoinha ao seu redor
como o rio
Ao redor de um motor enferrujado e submerso.
Elas concentram minha atenção, foi divertido
Brincar e descansar sem compromisso.

As paredes também parecem se aquecer.
Tulipas deviam estar atrás das grades, como
feras perigosas;
Elas se abrem como a boca de um grande felino
africano,
E estou consciente de meu coração: ele se abre e
se fecha,
Seu bojo vermelho viceja de total amor por mim.
A água que provo é morna e salgada, como a do
mar,
E vem de um país distante como a saúde.

(PLATH, 2018, p. 52-55)

Tomando o poema *Tulips* como ponto nuclear, observamos que nele ocorre uma ficcionalização dos fatos, dado que nele é possível observar uma toada dicotômica entre os aspectos da vida e da morte.

Em grande parte de sua obra, Sylvia Plath acaba deixando vestígios de suas vivências pessoais em seus escritos. No original, na língua inglesa, o poema é composto por nove estrofes de sete versos cada, não possuindo nenhum recurso de metrificação, constituindo-se, portanto, em versos brancos. "A obra de Sylvia Plath será sempre lembrada por sua vinculação com o registro afetivo e a maneira como este se transforma em escrita. [...]" (CARVALHO, 2003, p. 175-176 *apud* SALTARELLI, 2017, p. 83).

Referindo-se aos poemas do livro "Ariel", prefaciados por Lowell, e não deixando de destacar também a faceta feminina dessa escrita, o intelectual assim se expressou: "Tudo nesses poemas é pessoal, confessional, sentido, mas a maneira de sentir é alucinação controlada, a autobiografia de uma febre." (CARVALHO, 2003, p. 175-176 *apud* SALTARELLI, 2017, p. 83). Para ele, o que havia de "mais heroico" em Sylvia Plath não era sua força, mas a "natureza prática e destemida do seu controle, sua mão de

metal com o toque moderno de uma mulher” (CARVALHO, 2003, p. 175-176 *apud* SALTARELLI, 2017, p. 83).

Nesse poema, é possível observar a existência de uma ficcionalização dos fatos que ocorreram na vida da poetisa. Essa transposição de realidade e ficção é um recurso que podemos ver de forma recorrente nos trabalhos produzidos por Plath. Conseguir captar as essências emocionais que a vida produz é algo que muitos autores tentam fazer, porém são poucos os que conseguem alcançar tal objetivo. Dentro do que propõe o autor George Steiner (1965, p. 180), em seu texto “Morrer é uma arte,” ele diz: “seu estilo pessoal e o preço em tormentos íntimos que ela obviamente pagou para atingir a intensidade e sinceridade de seus poemas principais revestiram-se de uma autoridade dramática própria”.

Atualmente, Sylvia é reconhecida por muitos autores por ser uma escritora que tentou lidar com as emoções, mesmo que intensamente. Ela mesma disse em um dos seus diários:

Para que serve minha vida e o que vou fazer com ela? Não sei e sinto medo. Não posso ler todos os livros que quero; não posso ser todas as pessoas que quero e viver todas as vidas que quero. Não posso desenvolver em mim todas as aptidões que quero. E por que eu quero? Quero viver e sentir as nuances, os tons e as variações das experiências físicas e mentais possíveis da minha existência. E sou terrivelmente limitada. Contudo, não sou cretina: incapaz, cega e estúpida. [...] Talvez por isso queria ser todos assim, ninguém pode me culpar por eu ser eu (PLATH, 2017, p. 59).

Em *Tulips*, é possível observar que existe um trabalho evidente com o uso dos pares, e o uso dos símbolos também se fazem fortemente associados a eles: vida/morte, vermelho/branco. O pensador Jung (1965) aborda os símbolos de uma maneira particular, tratando-os como arquétipos para cada expressão possível do inconsciente – esses pontos são específicos para que o que é dito seja assimilado pelo leitor.

No primeiro verso do poema, somos apresentados ao elemento que será uma espécie de gatilho para o eu lírico: as tulipas. Um contraste entre os pares pode ser visível, no que tange às flores. Em consonância com Lucio Impelluso, autor de *Nature and It's Symbols*: “a tulipa, não apenas uma flor em si mesma, [...] aparece em muitas pinturas vanitas, natureza-morta, sobre o tema da transitoriedade da posse terrena na face da morte” (IMPELLUSO, 2004, p. 82). Podemos traçar outro paralelo, considerando que as tulipas e as flores no geral são como representantes da estação primavera, enquanto o tempo cronológico em que se passa o poema ocorre no período do inverno.

Os contrastes entre os tons continuam quando nos é explicado que estamos em um ambiente hospitalar – tudo o que rodeia as flores é associado às cores frias. O tom branco, paralelo ao clima frio, alimenta também a solidão que a personagem sente na sua permanência no leito hospitalar – a solidão e a submissão, como a imobilidade em forma de estado de quase morte. “A verdadeira forma da vida estende-se através dos dois domínios (da vida e da morte), o sangue do maior circuito corre através de ambos;

não existe um aquém nem um além, mas a grande unidade [...]” (BLANCHOT, 2003, p. 141).

Em vida, Sylvia havia sido internada em um hospital para realizar uma cirurgia de apendicite na primeira metade do ano de 1961, e foi nesse momento que ela produziu este poema e outros dois, *In Plaster* e *Parliament Hill Fields*.

Escrever não é uma tarefa fácil, mas imaginemos a cena em que uma pessoa que está se recuperando de uma apendicectomia ainda consegue reproduzir seus sentimentos em forma de versos. Em seu diário, ela faz uma seguinte entrada a respeito da solidão que pode ser comparada com a mesma que temos representada no poema, e, através disso, podemos entender que Plath possuía um certo problema em relação a si própria:

Você, tola – tem medo de ficar sozinha com sua própria mente. Acho melhor aprender a se conhecer melhor, tomar decisões firmes antes que seja tarde demais. [...] Pare de pensar egoisticamente em navalhas e em se machucar e em pôr um fim em tudo. Seu quarto não é sua prisão. Você, sim. [...] ninguém tem poder de curá-la, só você mesma (PLATH, 2017, p. 218).

Ao se “despir” do seu eu, o eu lírico passa a ser um observador, uma testemunha ocular de tudo o que acontece ao seu redor. Os símiles em questão, sobre as pupilas, dizem muito; e, ao mesmo tempo em que tudo está sendo captado, nem tudo a personagem gostaria de estar vendo, ou nem tudo o que ela vê é o que é, como as próprias enfermeiras que são comparadas às gaivotas, “pupila tola, tudo ela tem que engolir” (PLATH, 2018, p. 54-55).

Nos versos que seguem então, inicia-se uma série de outros símiles importantíssimos para darem o tom de deixar ser levada, como se não houvesse opção por parte da mesma – aquilo deve acontecer como parte de um longo processo de ablução.

Como é dito no início da terceira estrofe do poema, “fazem de meu corpo um seixo, que elas cuidam como a água cuida dos seixos por onde corre, alisando-os com carinho” (PLATH, 2018, p. 54-55). Analogamente, o seu corpo é como seixo, podendo ser compreendido como parte de algo maior que, por alguma força natural ou humana, foi estilhaçado para ser outro. Esse tipo de pedra também passa por outros processos em sua formação. Esta é a mesma situação que acontece com a personagem do poema: agora o corpo está em pedaços e as delicadas mãos, como o curso das águas de um riacho, fazem com que ocorra uma transformação, tanto no seu interior e visivelmente em seu exterior. Notamos que suas falhas e pontas são retiradas e passam a ser abaloadas, de forma que não impeça o fluxo, fazendo com que agora ela possa se encaixar em qualquer leito. Outra observação que vale ser creditada a esse trecho é a mudança de estado, isto é, a pedra representa o estado sólido da matéria, o que pode significar que a sua forma já está definida, porém isso faz com que ela possa ser fragmentada, por mais rígida que seja, o que é exatamente o que acontece no processo.

A entrega por parte do eu lírico feminino, tomado pela letargia dos medicamentos, e as várias mãos que o mexem de um lado para o outro, são recursos que, assim como o riacho, recolhem suas memórias e tudo aquilo que o faz sentir, a ponto de levarem seu pertencesses mais pessoais.

O navio de carga, citado no início da quarta estrofe, é um símbolo dos aspectos materiais e espirituais, que, ao mesmo tempo em que chegam os bens, tesouros inesperados, trazidos do horizonte, também são para lá que retornam os pertences que já não queremos mais. Essa embarcação também pode ser representada como a vida, visto que ela diz “navio de carga de trinta anos – teimosamente se prendendo a meu nome e endereço” (PLATH, 2018, p. 54-55). Também há uma confissão sendo feita: ela já está cansada de tudo o que carregou até aqui, por isso essa necessidade; além de deixar que seus bens sejam transportados para além do espelho d’água, ela se destitui de si quando submerge nas águas que a cobre.

Na segunda parte do poema, conseguimos associar de forma clara o que o eu lírico busca: o vazio mencionado possui um sentido um pouco mais restritivo, não são apenas o espaço e a perda de sentido, mas sim o desaparecimento, o término, a morte que paira sobre nossas cabeças. Reconhecemos, então, uma clara metáfora da morte que foi alcançada com o torpor do silêncio: a liberdade desmedida, um possível encontro com os mortos que são vistos se aproximando; mas não se pode ter certeza disso, pois pode ser apenas a imaginação pregando peças nesses versos. Segundo Maurice Blanchot (1987, p. 121), “Nesse pavor pela morte em série há a tristeza do artista que honra as coisas bem-feitas, que quer fazer uma obra e fazer da morte sua obra. Assim, a morte está desde o começo em relação com o movimento, tão difícil de esclarecer, da experiência artística”.

O que se destaca em torno da candidez lúgubre é o pequeno ramalhete de tulipas vermelhas; simbolicamente, essa cor representa uma série de aspectos, como a cor vermelha pungente que está presente no sangue que tipifica a vida; as chamas ardentes das paixões, sentimentos e ímpetos mais profundos da psique; o fluxo constante de sinais que dizem perigo que querem nos alertar etc. – no poema, tudo isso é possível de ser enxergado através de uma fina camada de papel celofane. Podemos dizer também (traçando um paralelo entre a cor vermelha e a vida) que a vida pode ser intensa, perigosa e ainda pode machucar, como foi no caso da vida de Sylvia Plath. Ela deixou isso claro nos seus diários, pois só escrevia neles quando se sentia no fundo poço e não tinha mais a quem recorrer:

Como se eu tivesse de mergulhar até o fundo do poço da inexistência, do medo absoluto, antes de poder me erguer outra vez. Meu pior vício é a racionalização destrutiva. [...] Sofro de mania de perfeição – não consigo aceitar as coisas como elas vêm, nem fazer com que sejam como prefiro. Será que isso vai passar, feito uma doença? [...] Se eu não acalmar minha agitação interna, nenhum jorro externo da fortuna fará com que eu viceje (PLATH, 2017, p. 474).

Retorna, assim, o contraste incômodo em relação ao branco; porém, agora temos o elemento da antropomorfização, vemos que as flores são barulhentas como bebês terríveis. Uma dor fala com a outra, uma ferida exposta pode trazer as mesmas marcas que outras já sofreram, mesmo que ninguém as veja – é importante fazer essa pequena reflexão em relação à obra e à vida de Sylvia. Hoje não é segredo para ninguém que seu ex-marido Ted Hughes não era fiel ao casamento, mas para Plath essa relação era algo que determinaria os rumos de sua vida. Em momento algum, ela disse que gostaria de abandonar o seu ofício de escritora para ser mais uma esposa padrão americana, pois sabia que, se fizesse tal escolha, teria que estar preparada para os dois mundos, em outras palavras: tornar-se esposa e ainda manter uma carreira como escritora. “Algum dia, quando estiver me desdobrando para fritar ovos, dar mamadeira ao bebê e preparar o jantar para os amigos do marido, pegarei um livro de Bergson, Kafka ou Joyce e me deprimirei com as mentes que foram mais longe que a minha” (PLATH, 2017, p. 261).

“Sua vermelhidão conversa com minha ferida, elas combinam” (PLATH, 2017, p. 69), no que diz a respeito desse excerto do poema, podemos chegar à conclusão de que a mesma ferida que o eu lírico possui é uma das várias que a própria poeta possui, e ambas se combinam, sendo que a tulipa é o elemento que faz essa ligação.

O espaço onde tudo retorna ao ser profundo, onde existe passagem infinita entre os dois domínios, onde tudo morre, mas onde a morte é a sábia companheira da vida, onde o pavor é êxtase, onde a celebração se lamenta e a lamentação glorifica, o próprio espaço para o qual “se precipitam todos os mundos como para sua realidade mais próxima e mais verdadeira”, o do maior círculo e da incessante metamorfose, é o espaço do poema, o espaço órfico ao qual o poeta, sem dúvida, não tem acesso, onde só pode penetrar para desaparecer, que só atinge unido à intimidade da dilaceração que faz dele uma boca sem entendimento, tal como faz daquele que entende o peso do silêncio: é a obra, mas a obra como origem (BLANCHOT, 1987, p. 140).

É certo dizer que os anos que passou casada com Hughes não foram fáceis, muitas idas e vindas entre discussões, brigas e traições; mesmo assim, ainda que esse relacionamento não fosse nada saudável para o psicológico da autora, da união nasceram seus dois filhos, Frieda Hughes e Nicholas Hughes, que ainda assim ela os amou muito.

A partir dessa exposição, podemos traçar um paralelo de que as tulipas que estão “chumbadas” ao pescoço do eu lírico podem muito bem ser um amor ou uma lembrança dele, pois, por mais que ela tente retirar aquilo de si, tente lavar ou enviar para o mais longe no horizonte, as feridas deixadas já a marcaram.

Neste momento, as tulipas devoram o ar, o sopro de vida de seus pulmões lentamente é retirado à medida que os esforços em se tornar nada se intensificam. Nem mesmo o auxílio do Astro-rei faz com que o sentido de pertencimento seja perpetrado na silhueta projetada contra a parede. As tulipas ainda devoram todo o subconsciente,

ao ponto de que elas deveriam estar enjauladas como feras. O que resta agora é apenas apreciar a sua solidão, imóvel em uma cama de hospital, fazendo da morte um estado de liberdade.

Por outro viés, se melhor preferirmos entender, um novo momento nasce, a partir do ponto em que se pode sentir o palpitar dos batimentos cardíacos, há vida ali ainda, talvez não como a conhecemos, mas de algo novo, que, ao invés de deixar se esvaír os sentimentos e essências vitais, há a mais primordial sensação que se pode sentir: o amor-próprio.

O eu lírico feminino emergiu, saiu das águas renovado, quase que batizado por tudo aquilo que passou; agora o local é morno, não é mais frio e cálido como naquele dia de inverno; há um sabor salgado, não é mais insípido; o mesmo mar que levou suas bolsas, livros e pertences, o mesmo mar que a fisgou como peixe através do sorriso dos seus familiares, renasce mediante as lembranças que foram deixadas para trás.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma de suas cartas, Jean-Nicolas Arthur Rimbaud (1871), notável poeta francês da segunda metade do século XIX, diz: “O Poeta faz-se visionário por um longo, imenso e racional desregramento de todos os sentidos. Todas as formas de amor, de sofrimento, de loucura; ele busca a si mesmo, acaba-se em todos os venenos para guardar somente a quintessência” (RIMBAUD, 2020).

Todo aquele que diz ser poeta sempre tem algo a dizer (ainda que não deseje trazer a público seu material literário), e Sylvia Plath, a todo momento, sempre esteve decidida a mostrar a si própria e do que era capaz através de seus escritos. Uma habilidade tamanha que não foi capaz de ser ofuscada pela mão de seu marido. Mesmo antes do suicídio, ela havia deixado sua última coletânea de poemas, poemas meticulosamente organizados, para que fossem publicados exatamente da maneira como os deixou; porém, quando Ted Hughes encontrou os manuscritos, alterou-os, retirando deles alguns poemas, de maneira a extinguir um possível escândalo, pois, por meio de associações com os escritos, o público leitor poderia conjecturar que havia tido algum envolvimento e/ou culpa pelo trágico fim da poetisa. O comprometimento que ela possuía para com a sua obra sempre foi o que lhe dava mais força – “escrever, quando a gente mergulha como eu pretendo, é mais profundo, garantido, rico e vital do que qualquer outra coisa que eu já tenha feito” (PLATH, 2017, p. 434).

REFERÊNCIAS

BLANCHOT, M. **O espaço literário**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BLOOM, H. **Sylvia Plath**. (Bloom's Modern Critical Views). New York: Bloom's Literary Criticism, 2007.

IMPELLUSO, L. **Nature and its symbols**. J. Paul Getty Museum, 2004.

- JUNG, C. G. **O Homem e seus símbolos**. Trad. Maria Lúcia Pinho. 2ª ed. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2016.
- MALCOLM, J. **A mulher calada**: Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia. Trad. Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- MARTIN, K. **O livro dos símbolos**: reflexões sobre imagens arquetípicas. São Paulo: Taschen do Brasil, 2012.
- PLATH, S. **Ariel**. Edição restaurada e bilíngue. Trad. Rodrigo Garcia Lopes e Maria Cristina Lenz de Macedo. 2. ed. Campinas: Verus Editora, 2010.
- PLATH, S. **Os diários de Sylvia Plath; 1950 - 1962**. Edit. por Karen V. Kukil. Trad. Celso Nogueira. 2. ed. São Paulo: Globo, 2017.
- PLATH, S. **Poemas Sylvia Plath**. Trad. Rodrigo Garcia Lopes e Maurício Arruda Mendonça. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2018.
- PERLOFF, M. **Poetic license**: essays on modernist and postmodernist lyric. Evanston: Northwestern University Press, 1990.
- RANK, O. **O Duplo**: um ensaio psicanalítico. Edit. Ana Maria L. Mello. Trad. Erica Sofia L. F. Schultz. Porto Alegre: Dublinense, 2014.
- RIMBAUD, A. Cartas visionárias. Trad. João Rocha. Edições Chão da Freira. **Caderno de Leituras**, Belo Horizonte, n. 108,; , 2020.
- SALTARELLI, B. V. L. **Sylvia Plath, entre a escrita e o sangue**: o trágico como potência do inefável da vida. 2017. 142. Dissertação (Mestrado) em Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2017.
- STEINER, G. **Linguagem e silêncio**: ensaios sobre a crise da palavra. Trad. STUART. G. e RAJABALLY. F. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1988.

A sutileza da opressão em *Emma*, de Jane Austen

The subtlety of oppression in Emma, by Jane Austen

EZEQUIEL FLÁVIO DE SOUSA

Bacharel em Comunicação Social: Jornalismo - UNIPAM

E-mail: f.sousajornalismo@gmail.com

Resumo: Este ensaio tem como objetivo discutir as formas de opressão e exclusão social presentes em *Emma*, de Jane Austen. A obra, publicada pela primeira vez em 1815, retrata como a burguesia inglesa do início do século XIX agia em benefício próprio, excluindo aqueles considerados inferiores. Outro ponto destacado neste ensaio é a maneira como os trabalhadores são pouco mencionados ao longo da narrativa. *Emma* é um ótimo exemplo de como a literatura é capaz de demonstrar a sutileza da opressão e da exclusão das classes sociais.

Palavras-chave: Jane Austen. Literatura. Opressão. Relações sociais.

Abstract: This essay aims to discuss the forms of oppression and social exclusion present in *Emma*, by Jane Austen. The book, published for the first time in 1815, portrays how the English bourgeoisie at the beginning of the 19th century acted for its own benefit, excluding those considered inferiors. Another highlight in this essay is the way workers are rarely mentioned throughout the narrative. *Emma* is a great example of how literature is able to demonstrate the subtlety of oppression and social class exclusion.

Keywords: Jane Austen. Literature. Oppression. Social relationships.

A sociedade inglesa do século XIX ficou marcada, na história da humanidade, como exemplo de opressão e exclusão das classes inferiorizadas. Para pertencer aos círculos sociais “dignos” e de “alto valor” para a época, era necessário mais que dinheiro (posses). Além de enriquecer, aqueles que buscavam ascensão social deveriam, obrigatoriamente, penetrar nos círculos nobres partindo das camadas mais baixas e, em seguida, serem aceitos pela burguesia, ou seja, comerciantes, latifundiários, barões, duques e duquesas. Os alpinistas sociais, não raro, se tornavam alvo de intrincados jogos e eram submetidos a testes de cordialidade a fim de se aferir o nível de conhecimento sobre os “bons costumes” da época. Os testes de cordialidade eram pequenas provas de etiqueta social e comportamento. Aqueles que almejavam um lugar à mesa dos nobres deveriam, no mínimo, saber manusear corretamente os talhares, perceber em quais momentos se deve ou não falar e possuir algum conhecimento em filosofia e arte.

O romance *Emma*, de Jane Austen, retrata as nuances dos movimentos de exclusão e opressão, que, muitas vezes não se manifestam claramente, mas se apresentam nas entranhas do comportamento social de um tempo. Embora a narrativa apresente elementos irônicos, não é fácil afirmar se a obra critica ou simplesmente retrata o comportamento das altas classes britânicas. Logo nas primeiras páginas do romance,

Austen descreve a heroína como uma defensora dos ideais de sociedade e da burguesia. Há importante destaque para os membros da família de Emma, “todos os consideravam superiores”. Segundo Todorov (*apud* CASTRO, 2011), as narrativas são dotadas de sentido e desempenham funções específicas e concretas. Portanto, a presença do adjetivo “superiores” marca a relevância das relações sociais no texto. Além da família, Austen confere autoridade moral e social a Emma ao descrevê-la como uma mulher dotada de rara inteligência, fortuna e beleza. Esses predicados desempenham papel controverso na narrativa. São não só fontes da superioridade moral da protagonista, mas também raiz de seu comportamento egocêntrico e manipulador. A trajetória de Emma é de resignação e arrependimento, mas o desfecho da obra a mantém dentro de seu próprio universo. A protagonista termina casada com o homem mais nobre da trama. As demais personagens se casam com personagens do mesmo nível social. A resignação se manifesta quando ela se rende ao casamento, algo que ela considerava improvável. O arrependimento decorre, no máximo, no campo da moral. Emma realmente se sente mal ao se lembrar dos males que seu comportamento inconsequente causou às pessoas a sua volta.

Emma defende os interesses de sua classe, ao fazer questão de se manter longe daqueles considerados inferiores e da classe trabalhadora. Até mesmo os “atos nobres” de Emma são, na realidade, manifestações de egoísmo e protecionismo de classe. O desfecho da história de Harriet Smith é uma evidência clara da sutileza da exclusão. Emma se aproxima da jovem Srta. Smith, após fantasiar que a moça seria de origem nobre. Desde o início da trama, Emma nunca percebeu a Srta. Smith como uma amiga de fato, mas sim como alguém que lhe seria útil, uma espécie de entretenimento.

Harriet Smith era exatamente o tipo de amiga que ela procurava – exatamente o que necessitava em sua casa. Era algo completamente diferente, um sentimento distinto e independente. A Sra. Weston era uma amiga, uma relação baseada em gratidão e estima. Harriet poderia ser amável e útil. Entretanto, não havia nada a ser feito pela Sra. Weston; já em relação a Harriet, poderia ajudá-la em tudo (AUSTEN, 2012, p. 38).

Nesse particular, é preciso compreender o que contexto no qual Jane Austen estava inserida. Booth (1980) exclui a possibilidade de anacronismo no texto da autora. O comportamento da Srta. Woodhouse é produto de seu tempo, e suas ideias “não são tão bizarras que não pudessem ter sido as duma romancista escrevendo nessa época” (BOOTH, 1980, p. 273). No entanto, os interesses da aristocracia e da burguesia estão sempre em evidência, o que desnuda a luta de classes presentes na obra. Como parte da classe dominante e detentora dos meios de produção, o comportamento natural de seus membros, ou seja, o produto de sua cultura e história, é agir em defesa dos próprios interesses.

A sociedade capitalista se caracteriza pelo fato de a burguesia ser a classe que detém a propriedade e o controle dos meios sociais de produção ou, pelo menos, a maior parte deles (a parte restante podendo ser

constituída por empresas públicas ou estar em mãos de pequenos proprietários). Esse fato é usualmente analisado pelo ângulo da exploração: de como o monopólio dos meios de produção por parte da burguesia como um todo permite que ela explore a classe trabalhadora (MIGLIOLI, 2010, p. 1).

Emma e sua família são detentores de parte dos meios de produção de Highbury, “um vilarejo grande e populoso, quase uma cidade” (AUSTEN, 2012, p.12). Nesse pequeno condado, a divisão de classes é evidente. Em seu livro, Austen praticamente, não menciona a existência da classe trabalhadora, embora se fale o tempo todo de grandes plantações e atividades comerciais diversas. A sociedade retratada na obra é a do início século XIX, que herda a noção de que nobreza e moralidade são sinônimas. Portanto, todas as relações sociais no romance de Jane Austen se pautavam, exclusivamente, pela classe social, afinal, era a garantia de relações seguras e que manteriam a nobreza das futuras gerações. Botton (2004) discorre sobre o conceito de uma sociedade que enxergava no *status* um sinônimo de moralidade:

A afirmação de que havia uma diferença entre classes e valor era difícil de contestar quando, por séculos, os cargos eram distribuídos de acordo com a linhagem e com as relações familiares e não de acordo com o talento (BOTTON, 2004, p. 75).

No desenrolar da narrativa, os personagens aristocratas revelam-se permanentemente interessados em preservar o *status* que ocupam naquela sociedade. Emma tenta incluir a Srta. Smith nesse universo requintado de Highbury, mas fracassa miseravelmente. Primeiro, a tentativa de unir a jovem órfã ao pastor da comunidade, o Sr. Elton. Jovem e ambicioso, ele tenta pertencer aos mais elevados círculos e mira na jovem mais cobiçada e digna daquela comunidade: Emma. No entanto, seus planos são frustrados no momento em que ele revela seus sentimentos para a protagonista e percebe que a Srta. Woodhouse, na realidade, tentava aproximá-lo de Harriet Smith. O jocoso é perceber como ambos terminam esse arco ofendidos: Emma por se julgar infinitamente superior, e o Sr. Elton por ter sido enganado pelo capricho de uma jovem que se tem em alta conta. A Srta. Smith é a parte mais fragilizada do conflito e sofre com a rejeição. Emma age de maneira deliberada e concorre para o sofrimento da suposta amiga. A confusão com o religioso surge logo no início da trama, quando se releva ao leitor a influência de Emma no casamento de sua antiga governanta, a Sra. Weston. Por conta desse falso protagonismo na construção da história do casal, a heroína sente-se no direito de articular novos casamentos e o faz com Harriet, tentando aproximá-la do Sr. Elton.

A postura ardilosa de Emma não começa nesse caso. Anterior ao conflito com o Sr. Elton, Robert Martin, fazendeiro e trabalhador, manifesta seu desejo de se casar com Harriet Smith. Emma repudia a união e rebaixa Martin da condição de cavalheiro – ou de homem (igual), neste caso – e convence a amiga a recusar a proposta. Os argumentos utilizados chamam a atenção. A heroína, mais uma vez, apela para o *status* como balizador moral.

— Pobre criatura! Tão carinhosa! Você exilada na fazenda Abbey Mill! Confinada à companhia de iletrados e pessoas simplórias a vida toda! Pergunto-me como um jovem rapaz teve coragem para lhe fazer tal proposta. Ele deve ter uma boa opinião de si mesmo (AUSTEN, 2012, p. 72).

A família de Robert Martin é composta por trabalhadores, embora em ascensão. Há vários momentos em que a protagonista manifesta seu repúdio ao trabalho. Para Emma e o seus não há nada mais terrível que trabalhar. Tanto é evidente que os personagens centrais nada fazem além de promover encontros intermináveis, jantares e passeios ao ar livre. O comportamento replica o modo de vida dos membros da realeza britânica. Portanto, seria inadmissível para Emma continuar amiga de Harriet se a moça tivesse de assumir o papel de esposa de um trabalhador.

Embora a Srta. Smith seja de origem desconhecida, o que, para os conceitos da época, não a tornaria superior a Robert Martin, Emma se vale de outro argumento para colocá-la em um pedestal.

Embora Harriet tivesse sua origem ocultada, o que suficientemente deporia contra ela, Emma a considera superior ao Sr. Martin por ser uma jovem bela e inteligente. O questionamento feito pela protagonista apenas ressalta uma nova distinção entre os dois: o conhecimento, que também é uma forma de poder (CASTRO, 2011, p. 16).

O conhecimento é, sem dúvida, uma forma de poder e, em razão disso, Emma reconhece os talentos da amiga, mas não a ponto de incluí-la em seu círculo como igual. A partir do Capítulo 43, fica evidente que os afetos de Emma pela Srta. Smith seguem, estritamente, os critérios sociais do início do século XIX na Inglaterra. O leitor pode ser levado a pensar que Emma possui alguma empatia ou respeito por ela. No entanto, cumpre ressaltar, uma vez mais, que o texto faz um recorte de época, e os movimentos de exclusão são sutis e talvez imperceptíveis entre vítimas e algozes desse conceito de sociedade pautada pela nobreza das relações e das posses.

Retornando a cronologia da narrativa, após esse episódio, Emma discute o caso com um de seus amigos: o nobre senhor John Knightley, que, além de amigo, é dos homens ricos e de boas relações em Highbury. O irmão dele, o também cavalheiro e nobre George Knightley, é casado com a irmã de Emma, a Sra. Isabella Knightley. O personagem exerce papel fundamental na trama e surge, não raro, como a bússola moral da protagonista. Como conselheiro, Knightley age para proteger Emma e impedir que seus impulsos terminem por manchar seu *status* e posição na sociedade local. Booth (1980 p. 268) afirma que “toda e qualquer afirmação de valor, toda e qualquer acusação do erro é, em si, uma ação de enredo”.

As palavras de Booth (1980) remetem ao comportamento de Emma, mas aqui são empregadas também para fazer

referência aos índices sobre a afeição que une Knightley e Emma, pois, mesmo quando a crítica, o leitor sabe que ele ainda a admira, pois disso foi comunicado desde o princípio da narrativa (CASTRO, 2011, p. 16).

A forma como o Sr. Knightley se posiciona diante das atitudes de Emma reforça seu papel de manter o tecido social intacto. Além do romance entre ambos, que acaba por se revelar no final do livro, o cavalheiro age para impedir que a bolha social seja rompida. A entrada de novos membros não pode ser um mero capricho. O passado da Srta. Smith é algo que a impede de penetrar nos círculos sociais elevados de Highbury, e Knightley sabe que, se Emma patrocinar a entrada da jovem naquele meio, acabaria, por fim, depondo contra a imagem de Emma.

Ela é filha ilegítima de Deus sabe quem, provavelmente sem recursos financeiros, e certamente sem nenhum tipo de relação respeitável. Ela é conhecida apenas por morar em um internato. Não é uma moça sensível, não tem cultura. Não lhe foi ensinado nada que tenha serventia, além disso, é muito jovem e simples para exigir algo para si mesma (AUSTEN, 2011, p. 82).

O conselho apresentando por ele é uma demonstração clara de como os membros da alta sociedade pautavam suas relações. Embora Knightley considere Harriet inferior a Robert Martin, ele e Emma concordam em um aspecto, implícito na obra: determinados indivíduos não podem ser considerados iguais, se não forem abastados. Esta é uma leitura aprofundada de como eram pautadas as relações sociais na Inglaterra nos primeiros anos do século XIX. Jane Austen retrata “o período da sociedade rural georgiana, que antecede as mudanças advindas com a chegada da modernidade” (NASCIMENTO, 2012, p. 3).

Emma, por um capricho, queria manter a amiga por perto; Knightley se prova conservador e busca preservar as ditas boas relações. O que há de transgressor no comportamento da protagonista é a sua suposta autonomia. Logo nas primeiras páginas, é manifestado o posicionamento dela sobre o casamento. Mesmo que Emma não se sujeite a casar e esteja em posição privilegiada de poder fazê-lo, os motivos que a impedem de iniciar o matrimônio partem da vontade de um homem, o pai, Sr. Woodhouse.

Os movimentos de exclusão são reforçados ao longo de toda narrativa. Após o desfecho da história de Emma, Harriet e Martin, dois novos personagens são apresentados ao leitor: Jane Fairfax e Frank Churchill. Jane é conhecida em Highbury, pois nasceu e foi criada no condado. Churchill, por sua vez, é forasteiro, mas com raízes naquela comunidade, pois é filho do Sr. Weston. A trama nos revela que ambos estão, secretamente, noivos. Entretanto, a condição da jovem Jane é o fator de maior relevância. Ela representa tudo que uma mulher daquele tempo e sociedade precisava ser: tocava piano, era muito educada e culta. Entretanto, a família da Srta. Fairfax possui certa nobreza, mas é pobre e – detalhe importante – não tem nenhum homem que a represente vivo. Portanto, o futuro de Jane é incerto e ela pode ter que trabalhar, o que representava

um desastre para a burguesia, que vivia apenas de seus rendimentos (heranças e locações de imóveis).

No século XIX, houve a disseminação da ideologia da Rainha do Lar. A maioria das mulheres era vista apenas como reprodutoras, e se elas almejassem trabalhar, o emprego feminino só poderia ser o de professora, de governanta, e enfermeira (atividades maternas). Arelada a essa ideologia também estava às questões do desejo (que deveria ser reprimido) e o decoro como desejável as mulheres da classe burguesa (NASCIMENTO, 2012 *apud* SANTOS, 2014, p. 17).

Emma, mais uma vez, se coloca em um triângulo amoroso, ainda que não intencionalmente. A protagonista, depois de um breve convívio com o jovem Churchill, demonstra afeto por ele, mas esse sentimento logo é deixado de lado. Entretanto, a visita do filho do Sr. Weston provoca *frisson* na pacata comunidade. Nesse particular também há diversos aspectos sutis de opressão que podem ser notados pelo leitor. Todos os membros da alta sociedade do condado de Highbury não trabalham, apenas vivem de suas rendas. A falta de atividade resulta, obviamente, em apatia e tédio. Churchill, que vive nos altos círculos de Londres com uma tia abastada, decide animar a todos promovendo um baile, que, num primeiro momento, não se realiza. O aspecto mais interessante desse arco da obra de Austen é o modo como o tema é tratado. A realização de um pequeno baile ganha tamanha proporção que mais parece um evento histórico, em que o menor erro, como uma corrente de ar indesejada, significava o horror daquela comunidade.

Festas, reuniões musicais e bailes eram constantes na época, desenhavam a vida social. Uma vez que as moças eram educadas com base na visão masculina de uma estrutura patriarcal, como o objetivo de agradar aos homens e conseguir bons casamentos, a aparência era fator primordial: as moças deviam estar sempre impecáveis, femininas e delicadas (CHIEREGATIL, 2013 *apud* SANTOS, 2014, p. 27).

Na metade do romance, o baile finalmente é realizado. O evento se transforma em um espetáculo de apresentações e pequenos conflitos. Frank Churchill havia retornado de Londres e anuncia sua permanência em Highbury por um longo período. É nessa fase que o relacionamento dele com Jane Fairfax é abalado, e a jovem recebe uma oportunidade de trabalho. Todos lamentam o destino da jovem, mas compreendem que aquela seria a melhor decisão, já que não possuía um pretendente nem mesmo uma perspectiva de futuro. Emma não sabe se gosta ou não da Sra. Fairfax. Há momentos em que ela se compadece e há outros em que ridiculariza a situação. Mais uma vez, o Sr. Knightley é o fiel da balança e tenta corrigir a postura inadequada de Emma. Knightley sabe que, apesar dos infortúnios, Jane ainda possui nobreza e não merece um mundo de

incertezas e trabalho. Ele tenta chamar a atenção de Emma para esse fato. Nesse arco, ele segue agindo como um conservador, ou seja, preservando a ordem existente na comunidade e protegendo seus membros, ainda que alguns deles estejam em maus lençóis, como o caso da senhorita Fairfax.

A razão pela qual ela não gosta de Jane Fairfax era uma pergunta difícil de se responder. O Sr. Knightley uma vez lhe dissera que o motivo seria porque Emma percebia quanto Jane era uma moça talentosa, assim como ela mesma desejava ser reconhecida; e, embora a acusação tenha sido refutada, em alguns momentos refletia que sua consciência não estava completamente certa daquilo (AUSTEN, 2012, p. 205).

A relação que Emma tem com as demais mulheres de sua comunidade também revela outra face dos movimentos de opressão presentes na obra. A personagem está em posição superior, pois é rica e pode escolher seu próprio destino, inclusive pode escolher não se casar. “E é a pobreza que torna o celibato desprezível! Uma mulher solteira, sem renda, seria uma velha criada, ridícula e desagradável!” (AUSTEN, 2012, p. 205). Emma representa perfeitamente uma mulher em condição de poder no início século XIX. Embora não seja totalmente livre para escolher e receber a educação que almeja, a heroína se coloca – com evidente orgulho – em posição superior. O que ela, e provavelmente a esmagadora maioria das mulheres ricas daquela sociedade, não percebia é que suas escolhas estavam atreladas a um homem. Emma nega o casamento por medo de contrariar o pai, o sr. Woodhouse, que seria obrigado a conviver apenas com os criados da casa.

Entretanto, objeto de análise deste artigo não é o feminismo presente na obra de Jane Austen. Os pontos mais relevantes são os aspectos sutis de opressão vivenciadas pelos personagens pobres e sem sangue nobre. A crítica à condição feminina de inferioridade, sempre presente nas obras de Austen, representa uma dessas várias formas de opressão e exclusão. Isso porque uma mulher sem renda se equipara a um trabalhador, ou seja, alguém indigno de participar da sociedade. Basta trazer a memória o caso de Robert Martin, o fazendeiro que pleiteia se casar com a Srta. Smith. Os aspectos transgressores da obra, talvez, se manifestem na coragem da autora em retratar aquela sociedade de maneira irônica, nas sutilezas.

Jane Austen utiliza intensamente esse elemento na obra. É sabido que a mesma escreveu *Emma* para criticar – elemento bastante perspicaz que a ironia pode trazer – não só a sociedade, mas também o príncipe regente da época que vivia uma vida boêmia, que ela não aprovava (SANTOS, 2014, p. 33).

A obra pode ser lida como uma crítica à sociedade, mas também, como é de se esperar, carrega valores e preceitos da mesma época. Emma é a representação direta dos valores criticados e dos valores preservados, assim como o senhor Knightley. É difícil

afirmar se a visão que os personagens têm da obra seja a mesma da autora. No entanto, algumas passagens demonstram que a classe trabalhadora não merece atenção, ou é, simplesmente, descartável, menos útil que os cavalos, por exemplo.

Há um trecho da narrativa em que o Sr. Woodhouse manifesta sua preocupação com os cavalos. Os animais, segundo o trecho abaixo, parecem ocupar mais a atenção ocupar mais a atenção dos personagens do que os próprios criados. Fica a ideia de que os lacaios não são iguais aos patrões, nobres. Já os cavalos, que também não são comparáveis aos seus proprietários, são, em alguma medida, superiores aos serviçais. Do contrário, eles não apareceriam em primeiro plano nas falas do Sr. Woodhouse. O pai de Emma, em nenhum outro momento da obra, denota a mesma preocupação com James, o cocheiro.

– Oh! – interrompeu Emma – Haverá tempo de sobra para falarmos sobre outras coisas. Não é preciso ter pressa. Se decidirmos pela hospedaria, papai, seria muito conveniente para os cavalos. Eles ficarão bem próximos de suas cocheiras.

– Com certeza, minha querida. Isso será um grande arranjo. Não que James tenha reclamado alguma vez, mas é correto pouparmos nossos cavalos a qualquer custo. Se eu tivesse a certeza de que a cocheira é arejada... mas... A Sra. Stokes é confiável? Tenho minhas dúvidas! Não a conheço muito bem, apenas de vista (AUSTEN, 2012, p. 309).

Outras manifestações de afastamento de grupos sociais surgem ao longo de toda a obra. Para o leitor, a sutileza dessa opressão é perceptível, embora, em muitos casos, possa passar despercebida. Jane Austen cumpriu sua promessa quando afirmou que criaria uma heroína a qual ninguém, além dela, iria gostar. O leitor é levado a não gostar de Emma e a considerá-la geniosa. E essa sensação permanece até o final da obra.

Emma vivencia episódios que a conduzem para um casamento – vantajoso, por sinal – com o senhor Knightley. Esta é a união mais óbvia de todo o enredo. Afinal, ambos são tão intimamente ligados pela tradição e pelos bons costumes que são perfeitos um para o outro. A narrativa sugere uma trajetória de amadurecimento. Entretanto, esse aspecto é questionável, pois Emma agiu em vontade própria e, mais uma vez, brincou com os sentimentos da Srta. Smith, que julgava receber afetos do nobre cavalheiro. Emma se mostra irritada com a postura da amiga e decide afastá-la. O motivo da ira de Emma é a ousadia de Harriet se considerar digna de pleitear (note-se: não conquistar, apenas pleitear) os afetos de Knightley. A postura de Emma é em defesa da própria classe e do próprio círculo social. Pensando nisso – e também por estar apaixonada –, ela decide aceitar o pedido de casamento. O Sr. Woodhouse leva certo tempo para se convencer do matrimônio, mas concorda com a união.

A trama se encerra com cada personagem em seu devido lugar na sociedade. Emma se casa com o cavalheiro mais nobre da região – uma mulher nobre para um homem nobre. A Srta. Smith, o que não seria surpresa, rende-se ao fazendeiro Robert Martin. Jane Fairfax e Frank Churchill revelam o noivado e finalmente se unem. Ao

longo da narrativa, espera-se um desfecho diferente em razão das inúmeras reviravoltas ao longo do texto. Embora haja tom de crítica, Austen mantém o romance dentro do que é esperado, ou seja, nada de novo debaixo do sol da Inglaterra do início do século XIX, período em que se passa a narrativa.

Os movimentos de opressão, embora sutis, mantêm cada personagem em seu devido lugar. Talvez seja até exagerado julgar que a história de Emma termine com resignação e arrependimento, uma vez que, ao final do livro, ela demonstre compaixão por Harriet e até se sinta culpada por suas atitudes manipuladoras e mesquinhas. A autora afirmou que ninguém, além dela própria, gostaria da personagem por não manifestar nada de extraordinário.

Emma é um ótimo exemplo de como a literatura é capaz de demonstrar a sutileza da opressão e da exclusão das classes sociais. Mesmo correndo o risco de anacronismo, é evidente que o livro ainda carrega consigo resquícios de variadas formas de opressão e exclusão. Apesar disso, a autora retrata a sociedade inglesa do início século XIX exatamente como ela é: mesquinha, interesseira e opressora. Nenhum de seus membros é capaz de algo genuinamente nobre, e o texto de Jane Austen deixa esse aspecto bem claro.

REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. **Emma**. Trad. Adriana Sales Zardini. São Paulo: Martin Claret, 2012.

BOOTH, Wayne C. **A retórica da ficção**. Trad. Maria Teresa H. Guerreiro. Campo de Santa Clara, Lisboa-Portugal: Arcádia, 1980.

BOTTON, Alain de. **Desejo de status**. Trad. Ryta Vinagre. Porto Alegre, RS: L&PM, 2004.

CASTRO, Fabiana Souza Valadão de. As relações sociais em *Emma*, de Jane Austen. **Revista Ícone**, Goiás, v. 8, jul. 2011.

CHIEREGATTI, A. **Leituras da paratopia criadora de Jane Austen: uma oitocentista contemporânea**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Curso de Letras da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

MIGLIOLI, Jorge. Dominação burguesa nas sociedades modernas. **Crítica Marxista**, São Paulo, 9 nov. 2010.

NASCIMENTO, S. M. do. Uma leitura política dos casamentos no romance *Orgulho e Preconceito* (1813), de Jane Austen, **Linguagem**, São Carlos, v. 19, n. 1, 2012.

SANTOS, Gilayne Ferreira dos. **Emma: uma leitura sobre a ironia e o feminismo**. Paraíba. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Letras – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2008.

Contrapontos entre a poesia marginal de 1970 e a literatura marginal/periférica

Counterpoints between the marginal poetry of 1970 and the marginal/peripheral literature

JULIANA CRISTINE BRANDÃO DA SILVA

Doutoranda em Educação - UFU

E-mail: julianasardella1010@gmail.com

MÁRCIO ROBERTO SARDELA JÚNIOR

Graduando em Letras Português/Inglês - UNIP

E-mail: marciosardella1010@gmail.com

Resumo: O presente trabalho apresenta uma pesquisa bibliográfica realizada com o objetivo de compreender a poesia marginal da década de 1970 e a literatura marginal/periférica, a relevância desses movimentos para o campo literário e social e suas semelhanças e diferenças. Para tanto, foi necessário analisar os processos artísticos desses movimentos, suas características, o contexto histórico e o social que os permeiam, a fim de não os eximir da produção intelectual brasileira, evidenciando sua importância e influência em toda uma geração de escritores. Este trabalho se justifica por proporcionar subsídios para compreender o movimento de poesia marginal da década de 1970, não somente pela ruptura estética e editorial deste movimento, mas também pela contextualização histórica e pela interpretação a partir dos conflitos existentes no momento de suas produções e da literatura marginal/periférica e de seu engajamento social e resistência.

Palavras-chave: Poesia marginal. Literatura marginal/periférica. Resistência.

Abstract: The paper presents a bibliographical research which objectives to understand the marginal poetry of the 1970s and the marginal/peripheral literature, the relevance of these movements to the literary and social field and their similarities and differences. For that, it was necessary to analyze the artistic processes of these movements, their characteristics, the historical and social context that permeate them, in order not to exempt them from the Brazilian intellectual production, evidencing their importance and influence on an entire generation of writers. This paper justifies itself for providing subsidies to understand the marginal poetry movement of the 1970s, not only by the aesthetic and editorial rupture of this movement, but also by contextualizing it historically and by interpreting it from the existing conflicts at the time of its productions and also from marginal/peripheral literature and its social engagement and resistance.

Keywords: Marginal poetry. Marginal/peripheral literature. Resistance.

1 INTRODUÇÃO

A denominada poesia marginal ou geração do mimeógrafo, segundo Nascimento (2016), emerge na década de 1970, em plena ditadura militar, sendo

compreendida como um movimento literário que se contrapunha à cultura vigente no Brasil. Esse movimento foi chamado de marginal por estar à margem do sistema de editoração e de poesia legitimado pela crítica.

O movimento propunha uma poesia bem-humorada, instantânea, comunicativa, crítica e artilosa. O termo geração do mimeógrafo deve-se à independência de sua produção; muitos poetas mimeografavam seus textos e distribuíam de mãos em mãos, gerando uma circulação independente e alternativa.

Ainda de acordo com Nascimento (2016), a primeira edição editorial que reuniu alguns artistas que movimentavam a poesia marginal da década de 70 foi lançada em 1976, pela professora e pesquisadora do movimento, Heloísa Buarque de Hollanda. A obra foi denominada como *26 poetas hoje* e inseriu os poemas marginais no mercado editorial tradicional, na Academia e na crítica literária, o que legitimou e deu embasamento para a ampliação do debate literário sobre o movimento de poesia marginal.

No final da década de 1990, surgiu, novamente, a utilização do termo marginal, para representar um novo grupo de escritores, no entanto, dessa vez, escritores da própria periferia, principalmente a de São Paulo, a partir de temáticas como periferia, cultura *Hip Hop*, problemas sociais enfrentados por eles e pelos moradores de comunidades em geral, dentre outras, tendo como características a linguagem coloquial nas letras de rap e gírias – o termo marginal, aqui, aparece como aqueles que estão à margem da sociedade.

Diante do exposto, este projeto tem por pressuposto destacar a relevância dos dois movimentos, isto é, da poesia marginal ou da “geração do mimeógrafo” e da literatura marginal/periférica, compreendê-los em sua magnitude, assim como o contexto histórico e social que estão inseridos.

Segundo Candido (1980), é imprescindível analisar a literatura relacionando texto e contexto, para assim formar o processo interpretativo. Para entender uma obra, é necessário interpretar o contexto social em que foi escrita, pois os fatos externos são interiorizados pelos escritores, numa relação dialética entre os elementos – o fator social é, portanto, fornecedor de matéria e composição estética: “ [...] não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (CANDIDO, 1980, p. 09).

Este trabalho tem por objetivo geral enfatizar a relevância do movimento de poesia marginal da década de 1970 e do movimento de literatura marginal/periférico. Os objetivos específicos são compreender o contexto histórico e social em que os movimentos estavam/estão inseridos; descrever os principais poetas que faziam/fazem parte dos movimentos e destacar as semelhanças e diferenças entre a poesia marginal e a literatura marginal/periférica.

Considerando o que foi exposto, este trabalho se justifica por proporcionar subsídios para compreender o movimento de poesia marginal da década de 1970, não somente pela ruptura estética e editorial deste movimento, mas também pela contextualização histórica e interpretação a partir dos conflitos existentes no momento de suas produções e da literatura marginal/periférica e de seu engajamento social e resistência.

A relevância deste projeto ainda se dá pelo fato de se propor a analisar os processos artísticos, suas características alternativas e artesanais, ressaltando as questões que fortaleceram e fortalecem os movimentos supracitados não os eximindo da produção intelectual brasileira.

Esta pesquisa tem como pressuposto dialogar, reforçar e complementar a literatura acadêmica sobre esses temas, o que influenciou e influencia toda uma geração de poetas e escritores que veem na escrita uma maneira não somente de existir, mas também de resistir.

Para a realização desta pesquisa, foi feito levantamento de bibliografia, partindo de diferentes materiais publicados e dialogando diferentes autores e dados. Foi uma pesquisa de natureza qualitativa, voltada à problematização e à análise dos dados de conteúdo de fontes tanto primárias quanto secundárias e de documentos e produções científicas realizadas acerca do movimento de poesia marginal de 1970 e da literatura marginal/periférica.

Para Pizzani (2012), a pesquisa bibliográfica é compreendida como uma revisão de literatura das principais teorias que objetivam a pesquisa e/ou trabalho científico, sendo realizada em livros, artigos, periódicos, revistas, sites, entre outras fontes.

De acordo com Minayo (2009), a pesquisa qualitativa ocupa-se de um nível de realidade na qual não pode ser quantificada, trabalhando com um universo de motivos, significados, crenças, atitudes, valores etc., buscando compreender a complexidade de fatos, fenômenos e processos específicos e/ou particulares.

2 DITADURA MILITAR: CENSURA, PERSEGUIÇÃO E O DESPERTAR DA POESIA MARGINAL

De acordo com Nascimento (2015), o golpe militar ocorrido em abril de 1964 transformou completamente o cenário político brasileiro, não se limitando ao instante em que a ditadura foi instalada. O momento mais caótico se deu com a instauração do AI-5 (Ato Institucional número 5), em 1968, em que o processo de censura, o exílio de milhares de pessoas e a repressão aos intelectuais se tornaram mais perceptíveis. Piñon (2014, n. p.), afirma que

[...] a ditadura militar, que se estabeleceu no Brasil a partir de 1964, semeou pela terra tempos obscuros e cruéis. É difícil rastrear os efeitos desta tragédia que se abateu sobre a vida nacional. Uma circunstância que também golpeou os escritores, vítimas dos efeitos produzidos por um sistema que, em defesa de estruturas monolíticas, cerceava a liberdade, cassava direitos, impunha vigilante censura. Era como viver em um exílio que nos privava da rebeldia intelectual inerente ao ato mesmo de refletir, que cancelava o pensamento portador em seu bojo de variações e matizes.

Diante disso, os intelectuais se veem obrigados a filtrar sua arte, a moldá-la ao meio opressor, criando uma barreira à criação, sob o peso de que sua arte não passaria

pela censura. Há nesse movimento dois filtros que retiraram dos artistas sua liberdade de criação. O primeiro é externo e diz respeito à conjuntura política do momento e o segundo é interno, criando uma espécie de autocensura (NASCIMENTO, 2015), como ressalta Santos e Silva (2020, p. 15):

[...] houve resistência da arte literária ao comando das Forças Armadas ao ponto de ser publicado um decreto-lei para sufocar escritas contrárias, discordantes e, assim sendo, resistentes ao regime. Contudo, diante do cenário de repressão, denúncia anônima e censura institucionalizada e abalizada pelas forças repressivas do Estado, muitos escritores passaram a evitar em seus trabalhos abordagens que confrontassem diretamente o momento histórico como estratégia para escapar da censura, da prisão, da tortura ou mesmo da morte.

Em meio a esse cenário surge o movimento de contracultura, que, em síntese, era um caminho alternativo aos anseios dos agentes culturais que viviam sob a noção de que a arte provia de um processo de elaboração e libertação, levando a um distanciamento dos problemas imediatos, direcionando sua produção a um conteúdo mais individualista, como destaca Hollanda *et al.* (2000, p. 64): “a contracultura foi outro dos meios de preencher o vazio cultural, aceitando implicitamente as restrições que a situação geral impunha ao debate mais diretamente voltado para a realidade concreta”.

No início da década de 60, parte da juventude brasileira acreditava em um engajamento intelectual ligado à militância política. Nesse contexto, a produção artística foi compreendida como uma maneira de promover uma inquietação que pudesse contribuir para a transformação social. Essa participação engajada, por parte, deve-se ao contexto gerado pelo governo de Juscelino Kubitschek – JK (1956-1961).

Houve então a ascensão de grupos, a partir da entrada maciça de capital estrangeiro, incapazes de se unirem sob um ideal comum, portanto “mostram-se incapazes de formular uma política autônoma e de fornecer bases próprias para a legitimidade do Estado” (HOLLANDA, 1980, p. 16). Nascimento (2015, p. 135) ressalta:

Nessas circunstâncias em que o poder do Estado está descentralizado, a ideologia de um processo revolucionário vem à tona; como exemplos têm-se, em 1962, o aparecimento do anteprojeto do Manifesto do Centro Popular de Cultura (CPC), cuja meta era promover um engajamento por parte dos intelectuais na política nacional.

Do início do Golpe Militar até a promulgação do AI-5, ainda não havia, de maneira efetiva, perseguições às produções daqueles que se opunham ao governo, no entanto, a partir de sua promulgação, essa oposição começou a sofrer uma severa repressão, como destaca Hollanda (1980, p. 90-91):

No campo da produção cultural a censura torna-se violentíssima, dificultando e impedindo a circulação das manifestações de caráter crítico. Não mais apenas os militantes são violentamente perseguidos, como professores, intelectuais e artistas passam a ser enquadrados à farta na legislação coercitiva do Estado, sendo obrigados, em muitos casos, a abandonar o país.

Como uma alternativa à oposição ao regime militar no campo cultural, “surge uma arte que disfarça as mensagens consideradas pelo governo como subversivas, a esta manifestação denomina-se arte marginal” (NASCIMENTO, 2015, p. 136). É a partir da década de 70 que a literatura marginal emerge no cenário cultural brasileiro, gerando “uma espécie de circuito semimarginal de edição e distribuição” (HOLLANDA, 1980, p. 97).

3 POESIA MARGINAL/GERAÇÃO DO MIMEÓGRAFO

De acordo com Nascimento (2016), a poesia marginal ou “geração do mimeógrafo”, da década de 1970, é compreendida como um movimento literário com o intuito de se contrapor a uma cultura vigente no Brasil, que tinha uma visão até então iluminada e inflexível de poesia, canonizando o vocabulário e a estrutura do texto, o que leva a uma hierarquização do texto e do público literário.

Cabe ressaltar que este movimento foi chamado de marginal por estar “à margem” do sistema tradicional de editoração e de poesia legitimado pela crítica, pela Academia e os intelectuais da época. O objetivo do movimento era de uma poesia “bem humorada”, “instantânea”, “comunicativa” e “ardilosa”, contrapondo-se aos textos com palavras rebuscadas, erudição evidenciada pela subjetivação, o lirismo e a cristalização da escrita (HOLLANDA, 1982).

A expressão “geração do mimeógrafo” refere-se um movimento que transgredia o circuito editorial vigente, colocando-se na “contramão” da indústria cultural com uma produção independente e alternativa, com viés coletivo, e sobrepondo a poesia, que sai do “gabinete”. Tinha como marcas palavras abreviadas, palavrões, gírias, temáticas do sexo, daquilo que é trivial e do cotidiano e era despreocupada com a estética tradicional, com pontuação e a norma culta da língua. Consoante Nascimento (2016, p. 51),

A poesia marginal, por conseguinte, pode ser interpretada como um movimento que se faz no cerne de uma cultura emergente nos anos 1970 no Brasil. Enquanto intencionalidade estratégica, a proposta do “marginal” encontrava expressões no campo artístico: o cinema marginal dava voz a personagens marginalizados na sociedade, como as prostitutas, bandidos, homossexuais e “pervertidos”, apelando para o grotesco e o burlesco, com produções de custos razoavelmente baixos. A imprensa marginal ou nanica atuava de modo alternativo, num

circuito paralelo de menores tiragens e estilo underground.

Neste contexto, a poesia encontrou maneiras de incorporar a proposta marginal e de se posicionar no debate estético, com uma linguagem irônica, versos descompromissados e publicados em materiais alternativos, revelando posicionamentos, leituras e interpretações do momento político no qual estavam inseridos.

O movimento brasileiro de poesia marginal, de 1970, rejeitou o mercado, tornando-se assim à margem das editoras, criando alternativas de produção e circulação de seus produtos, como descreve Hollanda (1979, p. 285-286):

[...] a nova geração, que já surge a partir das construções de canais para manifestações jovens e contestadas, rejeita o mercado e aciona respostas marginalizantes, criando alternativas de produção e circulação dos seus produtos. É exatamente nesse quadro que aparece a nova poesia dos anos 70, como atuação mais típica da opção marginal e que [...] criam seu próprio circuito, não dependem da chancela oficial (seja Estado ou empresas privadas) e enfatizam o caráter grupal e artesanal das suas experiências.

Segundo o poeta e escritor Mattoso (1971), participante do movimento de poesia marginal de 1970, em seu livro “O que é poesia marginal”, defende o movimento como um fenômeno anti-intelectual e anti-literário

Do ponto de vista literário, marginal seria toda a poesia que se afasta dos modelos reconhecidos pelos críticos e professores, pelo público leitor e, conseqüentemente, pelos editores. [...] Tal gênero de poesia seria marginal justamente por representar uma recusa de todos os modelos estéticos rigorosos, sejam eles tradicionais ou de vanguarda, isso é, por ser uma atitude anti-intelectual e portanto antiliterária (MATTOSO, 1971, p. 31-32).

Porém, o movimento começou a se tornar cada vez mais notório e, em meio a inserção dessa literatura nas universidades, nos setores literários e na imprensa, a editora Labor encomendou um trabalho para a professora e pesquisadora Heloísa Buarque de Hollanda, para que ela organizasse uma coletânea dessa geração de poetas. Essa coletânea viria a ser a primeira edição editorial reunindo alguns artistas que movimentavam a poesia marginal da década de 70, lançada em 1976, denominada *26 poetas hoje*, coletânea esta que inseriu os poemas marginais no mercado editorial tradicional, na Academia e na crítica literária (NASCIMENTO, 2016). Nascimento (2016, p. 52) ainda afirma:

A própria organizadora assume uma postura ambígua em relação à publicação da obra, enxergando o aspecto

positivo na possibilidade de divulgação e legitimação institucional que aquece o debate da poesia na crítica literária. Por outro lado, a reunião acabaria por alterar uma das características fundamentais da produção alternativa, sendo agora publicada por uma editora dita tradicional.

A publicação dos *26 poetas hoje* legitimou e deu embasamento para a ampliação do debate literário sobre o movimento de poesia marginal, reunindo não somente as figuras que se movimentaram por meio da venda de “livrinhos” de mão em mão, de publicações em revistas e coleções alternativas, mas também alguns poetas que incorporaram a estética e o discurso do movimento, aderindo à proposta do “marginal”.

4 À MARGEM SOCIAL

Como exposto *a priori*, o termo *marginal* aparece no Brasil na década de 1970, com a Poesia Marginal ou Geração do mimeógrafo, e teve como seus principais representantes Ana Cristine César, Casaco, Paulo Leminski, Francisco Alvim e Chacal, os quais faziam parte da classe média ou alta e eram em sua maioria do Rio de Janeiro. O termo *marginal* utilizado para denominar este movimento literário relaciona-se ao fato de os escritores desse movimento estarem “à margem do circuito editorial, à subversão do poder acadêmico e linguístico e à representação das classes desfavorecidas” (EBLE; LAMAR, 2015, p.194).

Ainda segundo Eble e Lamar (2015), já no final da década de 1990 surgiu, novamente, essa nomenclatura, isto é, *marginal*, para representar um novo grupo de escritores; contudo, dessa vez, escritores da própria periferia, principalmente a de São Paulo, abordavam temáticas como periferia, cultura *Hip Hop*, problemas sociais enfrentados por eles e pelos moradores de comunidades em geral, dentre outras, tendo como características a linguagem coloquial nas letras de rap e gírias.

A escritora Carolina Maria de Jesus é considerada pioneira desse movimento pelos novos autores da denominada Literatura Marginal dos escritores de periferia. O escritor Ferréz, um dos principais representantes deste movimento, afirma que

[...] a primeira autora marginal foi a Carolina de Jesus. Ela era negra, favelada, catava papelão. Escreveu o livro *Quarto de despejo*, que foi publicado em quarenta países, ganhou dinheiro, mas cometeu o erro de ‘entrar para a sociedade’. Ela torrou todo o seu dinheiro e morreu pobre (NASCIMENTO, 2009, p. 6).

A obra

Quarto de Despejo é composta por poemas e narrativas registrados em cadernos, que foram transformados em livro por Dantas. Em 1960, a obra tornou-se um best-seller, vendendo mais de 90.000 exemplares em apenas seis

meses. Com nove edições no Brasil e em várias outras em países estrangeiros (FRAZÃO, 2011, p. 3).

A antropóloga Nascimento (2006) caracteriza dois conjuntos de escritores que utilizam o termo *marginal* para caracterizar suas produções literárias que são literatura marginal dos escritores da periferia e a nova geração de escritores marginais. De acordo com ela, a primeira tem a ver com os “textos produzidos por escritores da periferia dos demais textos publicados nos últimos quinze anos que poderiam ser classificados como ‘literatura marginal’” (NASCIMENTO, 2006, p.18), diferenciando-os do movimento da Poesia Marginal ou Geração do Mimeógrafo da década de 1970. A segunda diz respeito à nova geração de escritores periféricos, que, no início dos anos 2000, apropriaram-se do termo marginal.

5 A LITERATURA MARGINAL/PERIFÉRICA

A definição de literatura marginal, a partir da década de 1990, é associada diretamente ao escritor Ferréz. Foi ele quem retomou o termo associando-o à literatura produzida por ele, caracterizando, posteriormente, autores como Alessandro Buzo, Sacolinha, Santiago Dias, Sérgio Vaz, Jonilson Montalvão, Elizandra Souza, Lutigarde Oliveira, Allan Santos da Rosa, Dinha e Dugueto Shabazz, que também tomaram o termo para caracterizar suas produções, pois consideravam suas produções “[...] à margem da sociedade e da literatura padrão, das características literárias, como a linguagem, entre outros aspectos, da ordem textual e também da sua origem socioeconômica (EBLE; LAMAR, 2015, p. 196).

Dentre os principais escritores da literatura marginal/periférica, podemos encontrar ainda Sérgio Vaz, que

É organizador da Cooperativa Cultural da Periferia (Cooperifa), que atua desde 2001, e um dos criadores do Sarau da Cooperifa que ocorre no bar do Zé Batidão, no bairro do Guarujá, na Zona Sul de São Paulo, com a finalidade de promover a literatura marginal e escritores marginais. Em 2007, organizou a Semana da Arte Moderna da Periferia e escreveu o Manifesto da Antropofagia Periférica, marco na propagação da literatura marginal/periférica e da cultura periférica (EBLE; LAMAR, 2015, p. 196).

No que tange à importância desse movimento, acreditamos que essa literatura está além das funções sociais da literatura canônica ou de entretenimento; é um movimento literário de compromisso, a fim de retratar o social, de maneira engajada, em sua forma e estética, apontando questionamentos da classe social que representam. O movimento de

[..] literatura marginal/periférica tem como proposta ser destinada a espaços, autores, leitores e questões sociais

consideradas marginais, como a periferia e a sua linguagem e cultura, a temas como violência, drogas, entre outros. Sendo assim, também sugere um posicionamento e diversos questionamentos. A literatura marginal retomada por Ferréz, em 1990, é produzida pelas minorias e apresenta temas periféricos. O adjetivo marginal incorporado à literatura remete a sujeitos marginais e a espaços marginais (EBLE; LAMAR, 2015, p. 197).

Como vimos, essa nova geração de escritores marginais não busca essa marginalidade na reprodução de suas obras no que diz respeito à divulgação. A apropriação do termo *marginal* se dá por questões socioeconômicas retratadas nas obras, pelo ambiente periférico no qual os escritores estão inseridos e por estarem à margem da elite literária.

Até então não havia uma literatura vinda das periferias, a não ser a de Maria Carolina de Jesus, mulher pobre, negra, catadora de papel e moradora de favela – isto significa que havia uma elite literária dominante. Em relação a isto, Dalcastagnè (2008, p. 80-81) ressalta:

Aqueles que estão objetivamente excluídos do universo do fazer literário, pelo domínio precário de determinadas formas de expressão, acreditam que seriam também incapazes de produzir literatura. [Entretanto, para o autor,] eles são incapazes de produzir literatura exatamente porque não a produzem: isto é, porque a definição de ‘literatura’ exclui suas formas de expressão.

Assim sendo, de acordo com o autor, a definição predominante de literatura “circunscreve um espaço privilegiado de expressão, que corresponde aos modos de manifestação de alguns grupos, não de outros” (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 81). É justamente isto que o movimento de literatura marginal/periférica vem questionar, mostrando que a literatura não é uma manifestação de poucos grupos privilegiados, mas de todos, a fim de representar aqueles que historicamente sempre tiveram suas “vozes” silenciadas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poesia marginal da década de 1970 trouxe consigo, muitas vezes, a ideia de uma literatura “informal”, “instantânea” e “descompromissada”, desconsiderando todo conteúdo e estética na elaboração de seus poemas, o que, em tese, abriu espaços para um circuito de produção independente – esse estilo coloquial, trivial e alternativo se configurou como estratégia intencional desse movimento.

Essa informalidade e coloquialidade podem ser encontradas também na literatura marginal/periférica, que vem influenciada pelo *rap*, trazendo consigo gírias e a fala presente no cotidiano das periferias – informalidade presente já nos livros da precursora do movimento, Carolina Maria de Jesus, já na década de 1960.

Ambos movimentos, apesar de suas diferenças evidentes, principalmente ao fato de o movimento da década de 1970 ser um movimento de classe média e alta e o de literatura marginal/periférica vir das periferias, de alguma maneira vieram questionar a elite literária e sua estética, a fim de democratizar a literatura e ocupar espaços que antes eram limitados.

O primeiro era marginal por estar à margem das grandes editoras e o segundo por estar à margem da sociedade, mas em ambos podemos considerar que há o questionamento do que é ser *marginal*, palavra tão estigmatizada na sociedade, que, com esses movimentos, ganhou reformulação, afinal estar à margem faz parte do cotidiano de milhares de brasileiros que estão à margem do emprego, da educação, da moradia, da saúde e, por fim, da literatura.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Editora Nacional, 1980.

DALCASTAGNÈ, Regina. Vozes nas sombras: representação e legitimidade na narrativa contemporânea. *In*: DALCASTAGNÈ, Regina (org.). **Ver e imaginar o outro**: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea. Vinhedo: Horizonte, 2008.

EBLE, Taís Aline; LAMAR, Adolfo Ramos. A literatura marginal/periférica: cultura híbrida, contra-hegemônica e a identidade cultural periférica. **Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas**, v. 16, n. 27, jul./dez. 2015, p. 193-212.

FRAZÃO, Idemburgo. Diálogos marginais: as identidades periféricas em João Antônio e Lima Barreto. **XII Congresso Internacional da ABRALIC Centro**, Centros – Ética, Estética. UFPR – Curitiba, Brasil, 2011.

HOLLANDA, Heloísa Buarque *et al.* **Cultura em trânsito**: da repressão à abertura. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000.

HOLLANDA, Heloísa Buarque. A poesia vai à luta. **Alguma Poesia**, Rio de Janeiro, Ano I, n. 2, abr. 1979.

HOLLANDA, Heloísa Buarque. **Impressões de Viagem**: CPC, Vanguarda e Desbunde: 1960/1970. São Paulo: Editora brasiliense, 1980.

HOLLANDA, Heloísa Buarque; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **Poesia jovem Anos 70**. Rio de Janeiro: Abril, 1982.

MATTOSO, Glauco. **O que é poesia marginal**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MINAYO, Maria Cecília Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NASCIMENTO, Alexandre Vinícius Gonçalves. **O hino dos libertinos**: poesia marginal e ditadura no Brasil por meio da antologia “26 poetas hoje”, de 1976. 2016. Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em História, Cuiabá, 2016.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. **Literatura marginal**: os escritores de periferia entram em cena. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

NASCIMENTO, Luís Felipe Gonçalves do. A geração de 70: sobre expressões do amor na sociedade de 1970 no Brasil. **Temporalidades** – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG. v. 7 n. 2 (mai./ago. 2015) – Belo Horizonte: Departamento de História, FAFICH/UFMG, 2015.

PINÕN, Nélida. **Discurso de recepção e posse de Antônio Torres**. Rio de Janeiro: ABL, 2014.

PIZZANI, Luciana *et al.* A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **RDBCI**: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, SP, v. 10, n. 2, p. 53-66, jul./dez. 2012.

SANTOS, Vanusia Amorim Pereira dos; SILVA, Susana Solto. As gavetas nunca estiveram vazias: ditadura militar, escrita e resistência em *Essa Terra de Antônio Torres*. **Revista Entrelaces**, v. 10, n. 22, 2020.

A autonomia da razão e a razoabilidade do dom da fé em Blaise Pascal

The autonomy of reason and the reasonableness of the gift of faith in Blaise Pascal

ROBSON STIGAR

Doutor em Ciência da Religião - PUCSP
E-mail: robsonstigar@hotmail.com

EDENILSON FERNANDO DO NASCIMENTO

Monge Trapista do Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo - Campo do Tenente/PR
E-mail: edenilsonfnascimento@gmail.com

Resumo: O presente trabalho apresenta uma breve reflexão sobre a pessoa de Blaise Pascal em torno da Autonomia da Razão e a Razoabilidade do Dom da Fé. No primeiro momento, enaltecemos sua biografia no aspecto cultural e histórico. Abordamos, na sequência, as razões do coração que a razão ignora, assunto fundamental a partir do qual Pascal desenvolve seus pensamentos. A partir da experiência de Pascal, no terceiro momento, tratamos do ser humano em Deus, oportunidade em que o autor expõe suas brilhantes reflexões e ideias a respeito da Encarnação de Jesus Cristo registrada nos evangelhos. No quarto momento, apresentamos o que realmente pensa Pascal ao desenvolver uma reflexão sobre como o homem pode diluir-se em Deus, levando o ser humano à experiência de Abandono do seu ser em Deus. Por último, tocamos no tema central, a Autonomia da razão e a Razoabilidade do Dom da fé, destacando alguns subtópicos – as verdades eternas e as verdades humanas, o método ideal realiza a “arte de persuadir”, o “esprit de finesse”, o homem é o objeto sobre o qual a filosofia deve refletir, a fé não depende da razão porque é dom de Deus – e encerramos com a reflexão Deus existe ou então não existe? Neste caminho, apresentamos um pouco da pessoa de Pascal. É notória a profundidade de seu pensamento e vale mencionar, com base na sua experiência espiritual intensamente vivida nos poucos anos de sua vida, o toque místico de suas palavras e expressões.

Palavras-chave: Blaise Pascal. Fé. Razão. Transcendência.

Abstract: The present work presents a brief reflection on Blaise Pascal concerning the Autonomy of Reason and the Reasonableness of the Gift of Faith. In the first moment, we praise his biography from a cultural and historical point of view. Then we address the reasons of the heart that reason ignores, a fundamental subject from which Pascal develops his thoughts. From Pascal's experience, in the third moment, we deal with the human being in God, an opportunity in which the author exposes his brilliant reflections and ideas about the Incarnation of Jesus Christ recorded in the Gospels. In the fourth moment, we present what Pascal thinks when he develops a Reflection on how a man can dilute himself in God, leading the human being to the experience of the Abandonment of his being in God. Finally, we touch on the principal theme, the Autonomy of reason and the Reasonableness of the Gift of Faith, highlighting some subtopics: eternal truths and human truths, the ideal method realizes the art of persuading, the esprit de finesse, man is the object on which philosophy must reflect, faith does not depend on reason because it is God's gift; and we close with the reflection God exists or not? On this path, we present a little of Pascal.

The depth of his thought is remarkable, and it is worth mentioning, based on his spiritual experience intensely lived in the few years of his life, the mystical touch of his words and expressions.

Keywords: Blaise Pascal. Faith. Reason. Transcendence.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Blaise Pascal desenvolveu uma reflexão sobre o método ideal, comunicando que o saber científico é autônomo e diferente das verdades de fé. Para Pascal, o ideal do saber é aquele que permite captar a riqueza e a profundidade da vida, ou seja, pelo “*esprit de finesse*”. É o pensamento que torna o homem diferente de todos os outros seres criados. O homem nada mais é que um caniço, o mais fraco da natureza, mas é um caniço pensante. Ao abordar o tema da fé, Pascal defenderá que esta não depende da razão, pois é dom de Deus. A fé nem sequer depende do homem.

Em sua experiência pessoal, Pascal conclui que o homem sem Cristo está no vício e na miséria. Fica o desafio de diluir-se em Deus, isto é, diluir o próprio “eu” no oceano da divindade, como uma pequena gota de água se desfaz e perde na imensidade do oceano. Assim como é possível um “corpo espiritual”, conforme prova o fato da ressurreição de Cristo, assim deve ser possível também o espírito humano se diluir completamente na divindade sem perder a sua consciência individual.

Nesse contexto, o presente artigo objetiva refletir sobre autonomia da razão e a razoabilidade do dom da fé no pensamento de Pascal. Para tanto, abordaremos a vida do autor e o contexto histórico-cultural de sua época; sua teoria sobre a razão; a relação do humano com Deus; o processo da revelação; por fim a teoria das verdades eternas e humanas.

2 DA BIOGRAFIA: CONTEXTO CULTURAL E HISTÓRICO

O filósofo Blaise Pascal nasceu em Clermont-Ferrand, França, a 19 de junho de 1623. É filho de Étienne Pascal, presidente da corte de Apelação, alto magistrado e homem de vasta cultura, dado especialmente aos estudos científicos, matemáticos e físicos, e de Antoinette Bégon.

Segundo Chauí (1979, p. 06), “Pascal revelou desde cedo um espírito extraordinário, não só pelas respostas que dava a certas questões que ele próprio levantava a respeito da natureza das coisas”. Tendo perdido a mãe com apenas três anos de idade e sendo o único filho do sexo masculino, o pai apegou-se demasiadamente a ele e se encarregou de sua instrução, nunca o enviando a colégios. Em 1631, Étienne Pascal, pai de Blaise Pascal, transferiu-se para Paris, com a intenção de cuidar melhor da educação dos filhos, Blaise Pascal estava com sete anos de idade. Para não sufocar sua infância, o pai sabiamente o ocupava de coisas que o julgava capaz de realizá-las, postergando, desse modo, o estudo do Latim para o início de sua adolescência, para que aprendesse com maior facilidade.

O matemático La Pailleur, amigo do pai de Pascal, ficou impressionado com a precoce genialidade do jovem e o introduziu no cenáculo científico (a “*academie*”) do

Padre Marin Mersenne, cenáculo que era frequentado por físicos e matemáticos como Desargues, Roberval, Gassendi e Carcavi.

Em 1652, Pascal passou a se interessar por problemas matemáticos relacionados com os jogos de dados. As pesquisas que fez a esse respeito conduziram-no à formulação do cálculo das probabilidades, que ele denominou Geometria do Acaso. Um dos últimos trabalhos científicos de Pascal nesse período é o Tratado sobre a questão dos “infinitamente pequenos”.

Em 1651, morreu o pai de Pascal. Depois da morte do pai, seu fervor religioso arrefeceu um pouco, iniciando-se o chamado período mundano de Pascal. Em janeiro de 1652, Jacqueline, irmã de Pascal, ingressou em Port-Royal, onde tomou o véu no mês de maio. Ela identificou-se intensamente com a vida religiosa, avançando destacadamente nas etapas de formação. Ela morreu aos trinta e seis anos, depois de ter cumprido as mais difíceis funções.

Em 1655, Pascal transcorreu algumas semanas junto aos “solitaires” de Port-Royal e provavelmente a esse período remonta a *Conversa com o Senhor De Saci sobre Epícteto e Montaigne e outros escritos*. Jacqueline insistiu junto a Antoine Singlin (1607-1664), um dos mais estimados diretores espirituais de Port-Royal, para que guiasse Pascal em seus primeiros passos. Posteriormente, Pascal foi confiado a De Saci (1613-1684), sobrinho de Antoine Arnauld e de Madre Angélica.

O *Manual de Epícteto e uma seleção de discursos* e os *Ensaio de Montaigne* eram livros com os quais Pascal tivera um longo relacionamento. Para Pascal, Epícteto viu a grandeza do homem, mas não a corrupção da natureza humana, ao passo que Montaigne, ao contrário, só viu miséria.

Pascal foi decisivamente marcado por um acontecimento, que determinou a mudança de sua trajetória espiritual: o milagre do Santo Espinho. Como afirma Chauí (1979, p. 8),

[...] foi por esse tempo que aprouve a Deus curar minha filha de uma fístula lacrimal que a afligia há três anos e meio. Essa fístula era maligna e os maiores cirurgiões de Paris a consideravam incurável; e enfim Deus permitiu que ela se curasse tocando o Santo Espinho que existe em Port-Royal, e esse milagre foi atestado por vários cirurgiões e médicos, e reconhecido pelo juízo solene da Igreja.

A cura de sua sobrinha e afilhada repercutiu profundamente em Pascal. Antes de morrer, Pascal quis se confessar e comungar. Deixou de viver precisamente a uma hora de 19 de agosto de 1662. Morreu de tumor abdominal, aos 39 anos e 2 meses.

3 AS RAZÕES DO CORAÇÃO QUE A RAZÃO IGNORA

A maneira como Pascal expressa suas ideias é de uma linguagem fluidamente interior. É que, detrás da cristalina nitidez de pensamentos, alargam-se mundos de infinita grandeza e amplitude, universos em evolução, realidades ainda não plenamente

diferenciadas – como células primitivas, têm as portas abertas para todos os lados, para todos as possibilidades evolutivas, para todos os horizontes de tempo e do espaço.

Pascal é o grande advogado do coração, porque sente intensamente os horizontes infinitos que se alargam para além das extremas barreiras da inteligência. Sabe que inteligência alguma, por mais poderosa e audaz, conseguirá jamais transpor essas fronteiras. Por isso, proclama ele a hegemonia do coração sobre o império do intelecto. O coração, em seu sentido mais panorâmico e integral, é o misterioso órgão pelo qual o infinito se manifesta ao finito; é o “porto de invasão” da Divindade na vida humana; é a antena que apanha as ondas espirituais que percorrem o universo invisível.

A inteligência é como a nossa visão natural, que percebe apenas determinada escala de vibrações etéreas, as que ficam entre o violeta e o vermelho; ao passo que o coração é comparável a uma faculdade visual que percebe as vibrações sutis e infinitesimais que ficam na zona ultravioleta. Por essa razão, proclama Pascal o coração como a mais alta faculdade cognoscitiva, como a síntese e quintessência de todo o conhecimento que o homem possa ter no mundo suprassensível e ultra intelectual. O coração é, para ele, o “organum Dei”, o aparelho que revela a existência de Deus e isto não por um tal ou qual ato de fé intelectual, mas mediante o amor, que é a fé na mais alta potência.

Os “pensées” são o cântico dos cânticos da fé que se manifesta pelo amor. A serviço dessa fé e desse amor coloca Pascal todos os fulgores da sua poderosa inteligência, toda a dinâmica da sua linguagem de beleza e harmonia. Nada mais comovente e encantador do que esse espetáculo, de ver um dos príncipes intelectuais da humanidade imolar a sua razão sobre o altar do coração, a fim de encontrar a Deus, o Deus das suas grandes saudades.

Se houvesse cristão sincero que, com todas as veras do seu ser, procurasse conhecer e possuir a Deus, através do seu enviado Jesus Cristo – então foi Pascal. O racionalismo não lhe perdoará jamais haver proclamado a soberania do coração sobre o imperativo da razão; o dogmatismo teológico não lhe perdoará nunca ter apelado de Roma para Deus – mas todo cristão sincero vê em Pascal o arauto de um cristianismo genuíno e íntegro – cristianismo que, nos séculos vindouros, como esperamos, virá a ser bem comum da humanidade espiritual.

Os grandes antecedem, por séculos e milênios, a história do grosso da humanidade; são como os excelsos píncaros das montanhas que apanham e refletem os raios solares muito antes que a claridade diurna se difunda pelos vales e pelas baixadas. É que o coração tem razões que a razão nada sabe.

4 O SER HUMANO EM DEUS

Em função de Cristo, Pascal estabelece a verdadeira relação entre os dois Testamentos: o antigo revelaria a justiça de Deus, perante a qual todos os homens seriam culpados pela transmissão do pecado original; o Novo revelaria a misericórdia de Deus, que O leva a descer entre os homens por intermédio de seu Filho, cujo sacrifício infunde a graça santificante no coração dos homens e os redime.

A ideia central de Pascal sobre o problema religioso é a de que sem Cristo o homem está no vício e na miséria; com Cristo, está na felicidade, na virtude e na luz. Essa

questão está presente na obra *Oração para pedir a Deus o bom uso das doenças*, na qual se percebe que a culpa feliz a que foram destinadas a Encarnação e a Redenção constituem-se uma resposta de Deus. Tal ponto é central para a visão que Pascal tem do cristianismo, mas, por alguma razão, os seus críticos a substituíram por outro tema, o do Deus escondido, como representante da Apologia de Pascal e do jansenismo (por mais definido que seja) em geral. Implantada nessa observação está uma hipótese sobre a história humana, nomeadamente a Queda, que busca explicar, melhor do que qualquer outra hipótese válida, a infelicidade atual do homem e a sua persistente procura da felicidade.

Parte da infelicidade envolve uma visão do futuro individual depois da morte e da incapacidade do homem, entregue a si próprio, de encontrar qualquer garantia sobre o além. Assim, num sentido fundamental, a primeira metade dá-nos uma imagem da infelicidade humana no presente e oposição às origens humanas no passado mais remoto e ao destino humano num futuro eterno. A hipótese da feliz culpa, um pecado original que afeta todos os homens, ligada a uma redenção eterna, oferecida a todos os homens, mas realmente gozada por alguns, é o modelo cristão correspondente a esta cronologia, e é com ele que Pascal começa a segunda parte da Apologia.

Não simples hipótese, mas registro histórico preservado na Escritura, a revelação cristã para Pascal é única pela sua continuidade, a partir do primeiro homem, e pela sua perpetuidade até ao fim dos tempos. Enquanto mencionava Cristo de vez em quando, na primeira parte, as provas da infelicidade humana eram efetuadas em grande parte no contexto de um criador remoto. Com a revelação da fé, essa imagem, que se podia chamar, razoavelmente, a do Deus escondido, muda completamente, de modo que todo o resto da Apologia é dedicado a uma demonstração de que Cristo enche toda a história humana.

No Antigo Testamento, Cristo está presente nas profecias messiânicas, já no Novo Testamento, pela sua vida, pregação e morte, e depois pela Igreja, o seu corpo. Toda primeira parte depende da premissa da infelicidade humana, toda a segunda parte depende da autenticidade da Escritura como registro verdadeiro e histórico. É essencial, para o argumento de Pascal, que a revelação cristã seja demonstrável pela Escritura e não ser apenas uma mitologia edificante ou uma religião de mistério.

O resultado dessa insistência na Escritura é duplo: leva a uma visão muito precisa da história humana e a uma visão muito precisa do papel de Cristo nessa história. Em termos modernos, Pascal, como a maioria dos seus contemporâneos, era fundamentalista. Acreditava que havia um primeiro homem, Adão, criado em estado de graça, do qual, num momento identificável da história do mundo, saiu pelo pecado.

De outro modo, na opinião de Pascal, o Antigo Testamento é uma fábula e o Novo Testamento nada realiza. Pascal dava grande importância, talvez até demasiada, à tipologia, que ele chamava figuras, e, de fato, a maior parte do tema do Deus escondido deriva deste realce dado à tipologia. Vale a pena insistir que a conversão de Pascal, de modo algum, modificou a sua abordagem científica, o seu respeito pelos fatos e a sua abertura intelectual. O homem, pensava ele, era diferente em gênero e não apenas em grau dos animais, porque tinha uma alma imortal e o poder da razão.

Até este momento não se tinha feito qualquer escolha moral na terra, mas, por mais interpretada que seja, o homem tornou-se a primeira criatura a rebelar-se contra o

criador e o ambiente. Essa rebelião pode ser considerada como uma sensação de afastamento na vida humana, e, para Pascal, era inseparável dos seus efeitos na vida eterna para a qual só o homem, entre todos os animais, tinha sido criado.

Eram essenciais, no esquema de Pascal, a tradição e a religião judaica. Havia também a tradição da Queda e com isso mostrava fé num futuro Messias. Para Pascal, a moralidade existe no mundo a partir da existência do homem, como primeira criatura.

Qualquer que seja a parte de verdade que outras raças e religiões possam ter tido ou ainda tenham, Pascal nunca poderia compreender a única encarnação histórica registrada nos Evangelhos. Essa encarnação, no seu ponto de vista, era verdadeiramente Deus a tornar-se homem. Com a morte e a ressurreição de Cristo, a promessa de vida eterna foi restabelecida, e com ela a possibilidade de vencer a infelicidade na vida do homem na terra. A Queda, Encarnação e Redenção ainda são matéria de fé pura, não de demonstração racional.

Uma das objeções feitas por descrentes é esta: se é certa a revelação de Deus presente nos textos proféticos, depois confirmada nos Evangelhos, como se explica a incapacidade de quase todos os judeus e de muitos gentios a verem?

O coração e a vontade podem ser movidos por impulsos mais elevados ou mais baixos: para baixo, pela concupiscência, tornando-se carnis e grosseiros; para cima, pela caridade, para se tornarem espirituais. Com esse movimento, e não com a concordância intelectual, a religião e a vida espiritual se preocupam. Essa confusão resulta precisamente nessa cegueira de que o Deus escondido é a expressão. Um fragmento em especial resume, em estâncias quase líricas, muitos dos argumentos da Apologia: a distância infinita entre corpo e espírito simboliza a distância infinitamente mais infinita entre espírito e caridade, porque a caridade é sobrenatural.

A grandeza da sabedoria, que não é nada se não vem de Deus, não é visível para as pessoas carnis ou intelectuais. São três ordens diferentes em espécie. A teoria das ordens, a dignidade do pensamento, a insuficiência da natureza dualista do homem, o Deus escondido estão todos ali. O terror solitário no cosmo, a morte solitária ou o ego dominador, todos, têm cura na revelação cristã.

Assim justifica Pascal as afirmações categóricas:

Só conhecemos Deus por Jesus Cristo. Sem este mediador toda a comunicação com Deus se interrompe [...] Não só é impossível como inútil conhecer Deus sem Cristo [...] Só nos conhecemos por Jesus Cristo; só conhecemos a vida e a morte por Jesus Cristo. Fora de Jesus Cristo não podemos conhecer o significado da nossa vida e da nossa morte, de Deus e de nós próprios. Assim, sem Escritura, cujo único objeto é Cristo, nada sabemos, e só podemos ver obscuridade e confusão na natureza de Deus e na própria natureza (PASCAL, 1979, p. 250-252).

Alternativamente, como exprime uma frase num fragmento mais extenso, “Jesus Cristo é o objeto de todas as coisas, o centro para que todas as coisas tendem. Quem o conhece sabe a razão de tudo” (PASCAL, 1979, p. 266). O mesmo fragmento mostra: “Mas sem Cristo o mundo não continuaria a existir, porque ou teria de ser

destruído ou de ser uma espécie de inferno” (PASCAL, 1979, p. 266). Longe de ser um Deus escondido, o Deus revelado em Cristo é um Deus de amor e consolação.

Aqui, finalmente, se pode ver que a ordem da caridade realmente significa para Pascal a ordem do amor divino, sem o qual tudo permanece caótico e hostil para o homem. A consequência fundamental de a aceitar é que o homem pode encontrar uma nova harmonia dentro de si próprio, o corpo e o espírito a trabalhar juntos em vez de estarem em desacordo, em obediência ao coração, governado pelo amor e pela caridade.

O amor perfeito elimina o medo, e o Deus, cuja misericórdia para conosco nos foi mostrada na Encarnação e na Redenção de Cristo, já nos deu o amor, que só temos de aceitar para retribuir. “Como todos somos corruptos e incapazes de amar a Deus, Deus fez-se homem para se unir a nós” (PASCAL, 1979, p. 211).

5 DILUINDO-SE EM DEUS

O analfabeto ou principiante na espiritualidade considera Deus como um ser longínquo, transcendente, que habita para além das nuvens e das estrelas do firmamento. A esse Deus longínquo envia ele, sobretudo quando em apuros, os seus clamores, as suas preces. Assim pensa e age o homem inexperiente.

Da ideia de um Deus transcendente à experiência do Deus imanente vai tão enorme distância, tão profundos abismos, que milhares de homens não conseguem jamais realizar essa jornada da longínqua transcendência a propínqua imanência. Essa viagem, da periferia para o centro, parece mais difícil do que uma subida do Himalaia ou uma expedição ao centro da terra.

O que é mais estranho: muitos têm medo de admitir um Deus que esteja dentro deles. Não lhes parece bastante divino esse Deus. Outros mais felizes, regressando de exaustivas peregrinações periféricas, encontram, enfim, no centro do eu, o Deus imanente de que Jesus falava. Por maior que seja a sua fome de divinização, julgam cometer um como que suicídio do seu eu individual, diluem o seu eu no oceano da divindade, como uma pequena gota de água se desfaz e perde na imensidade do oceano.

Os sinceros bandeirantes da divindade, depois de convertidos da periferia para o centro, receiam que a vida espiritual, que é o início da visão beatífica e da eterna fruição de Deus, seja uma completa e irrevogável absorção do eu por Deus, uma total despersonalização, consistiria na extinção da consciência individual. O ser humano deixaria de existir como tal, como um indivíduo especificamente humano, embora continuassem a existir as suas partes integrantes, dissolvidas e dispersas na interminável vastidão da consciência divina. O certo é que a eterna e perfeita felicidade do homem não pode consistir na definitiva destruição daquilo que é precisamente o característico do seu ser, a sua consciência individual. Esse cristal do eu não pode jamais cristalizar-se nem mesmo a favor do mais poderoso Tu que existe, o Tu divino.

Uma alma inconsciente não seria, em caso algum, uma alma feliz, porquanto seria uma não-alma, um não-Eu humano. Ora, para que um ser possa ser feliz, é necessário que exista especificamente com esse ser. O homem, essencialmente consciente, só pode ser feliz na suprema perfeição da sua consciência individual. Por outro lado, é realmente difícil ao nosso fraco intelecto conceber como possa o Eu humano entregar-se sem reserva ao Tu divino, “perder-se em Deus” (PASCAL, 1979, p. 269).

O mais alto grau da salvação e beatitude humana consiste, pois, na sua “perdição em Deus”. Deve, pois, haver compatibilidade entre a retenção da consciência individual e sua diluição em Deus. O que ao intelecto parece paradoxal e impossível deve ser possível numa zona que ultrapasse as especulações da nossa matemática e filosofia.

Assim como é possível um “corpo espiritual”, conforme prova o fato da ressurreição de Cristo, assim deve ser possível também o espírito humano diluir-se completamente na divindade sem perder a sua consciência individual. Limitemo-nos a encarar o fato inegável de que é a alma, e não o “remédio”, que cura o corpo. O “remédio”, é certo, tem a sua função, que é a de desobstruir o caminho para que a alma possa passar e desempenhar a sua atividade reconstrutora.

Qual menor material for o “remédio”, quanto mais energético e dinâmico, tanto mais se aproxima ele da natureza da alma, e tanto mais seguramente pode agir e desempenhar o seu trabalho de precursor e desobstruidor. Logo o eu humano no oceano imenso do tu divino não produz uma destruição da consciência individual. Antes potencializa a consciência humana pela imersão na consciência divina. Quanto mais profunda e intensamente a alma se “perder” em Deus, tanto mais salvará e aumentará a sua consciência individual.

Para que essa misteriosa diluição em Deus atinja o máximo grau da sua intensidade, na vida presente, uma coisa é necessária e absolutamente indispensável: que a alma se reduza à expressão mais simples, que solva todos os seus complexos e todas as suas complicações mundanas e egoísticas; que revogue todas as ramificações através do mundo profano e anti-divino; que desnaça e que estabeleça dentro de si um grande e silencioso vácuo, uma vasta, profunda e universal nulidade. A alma só poderá fluir livremente para dentro do oceano divino depois de se “desegoficar” e revogar todos os seus compromissos egoísticos, uma vez que essa diluição na divindade é uma espécie de recosmificação e um regresso à primeira fonte de todas as coisas.

Sem amor não há redenção, porque sem amor não há diluição em Deus. Todo egoísmo é desamor e anti-amor-portanto, irredenção. O homem que atingiu o seu centro espiritual e ali encontrou a Deus e o reino do céu é o único homem que pode realmente fazer bem a seus semelhantes. Da periferia não se pode atuar eficazmente sobre a periferia; só do centro é possível uma atuação eficiente sobre a zona periférica.

A capacidade espiritual da alma é, *de per si*, ilimitada. Por outro lado, a abundância das torrentes divinas também é sem limites. No estado presente, apesar da ilimitada capacidade potencial do espírito, não é ainda possível esse enchimento cabal. Em vez duma progressiva beatitude que o crescente fluir da divina torrente deveria produzir no homem espiritual, aumenta nele o sofrimento na razão direta da sua abundância.

Esse sofrimento não é, propriamente, produzido pela torrente considerada em si mesma, mas resulta da crescente pressão que as impetuosas águas da divindade exercem sobre o leito humano em que se lançam e que, por mais largo que seja, é sempre estreito demais para conter em sua humana finitude a infinitude de Deus. Na confluência do divino e do humano reside a dor.

A alma, uma vez liberta do corpo, alargará quase ao infinito os limites da sua capacidade receptiva. Pascal tinha uma noção extraordinariamente clara da necessidade

dessa evacuação do Eu como condição indispensável para o advento da plenitude de Deus. A tal extremo chegou a sua “humildade” – nome comum, que se dá a essa vacuidade – que não admitia homenagem da parte de quem quer que fosse. Qualquer homenagem lhe parecia mentira e insinceridade para consigo mesmo.

6 AUTONOMIA DA RAZÃO E A RAZOABILIDADE DO DOM DA FÉ

A realidade do homem é um “prodígio” complexo, enigmático, contraditório, profundo e rico de infinitos aspectos. E, segundo Pascal, os muitos princípios que dizem respeito à realidade do homem “são apenas entrevistados, são mais sentidos do que vistos” (PASCAL, 1979, p. 187) – e são necessários esforços infinitos para dá-los a entender àqueles que não os entendem sozinhos. Trata-se de coisas tão delicadas e tão numerosas que é necessário um faro muito refinado e preciso para senti-las e julgá-las correta e justamente segundo esse sentimento, sem, muitas vezes, poder demonstrá-las metodicamente, como se faz em geometria. É preciso ver a coisa de golpe, com um só olhar, sem proceder por raciocínio. Por isso, é raro que os geômetras sejam intuitivos e os intuitivos sejam geômetras.

A razão não é um dado de fato; é muito mais um imperativo. Há outros domínios e outras realidades, que o *esprit de géométrie* não pode alcançar, mas que são alcançáveis através do *esprit de finesse*, isto é, através daquela visão verdadeiramente boa, não obnubilada por paixões e desejos. “A ciência das coisas exteriores não me consolará da ignorância da moral no tempo da aflição, mas a ciência dos costumes sempre me consolará da ignorância das coisas exteriores” (PASCAL, 1979, p. 272). Além disso, as verdades ético-religiosas são inteiramente estranhas à investigação científica, mas é precisamente delas que depende nosso destino e a elas, somente a elas, é que está ligado o sentido de nossa existência. Diz Pascal que as verdades divinas não são parte da arte de persuadir, “porque estão infinitamente acima da natureza: só Deus pode infundi-las na alma, e de modo como mais lhe agrada” (PASCAL, 1979, p. 253).

A explicitação da diferença existente entre as verdades de fé e as verdades científicas

[...] deve nos fazer lamentar a cegueira daqueles que, nas ciências físicas, apresentam apenas a autoridade como prova ao invés do raciocínio e das experiências, e devemos ter horror pela malícia daqueles que empregam apenas o raciocínio na teologia ao invés da autoridade das Escrituras e dos Padres (PASCAL, 1979, p. 254).

O saber científico é autônomo e diverso das verdades de fé: estas, além do mais, são imutáveis, ao passo que as verdades científicas estão e devem estar em expansão. Escreve Pascal nos pensamentos: “A fé é diferente da demonstração; esta é humana, a outra é dom de Deus. *Justus ex fide vivit* [...], mas essa fé está no coração e não nos faz dizer sei, e sim creio” (PASCAL, 1979, p. 261). O que é preciso fazer para tornar convincentes nossas demonstrações?

A razão é limitada; a vontade humana é corrupta; o homem se descobre essencialmente indigente e miserável; tenta fugir desse estado mergulhando na confusão do divertimento; mas a diversão revela-se uma miséria ainda maior, pois obstaculiza o caminho da redenção para o homem. E a salvação não é fruto da ciência nem da filosofia: “submissão e reto uso da razão: nisso consiste o verdadeiro cristianismo” (PASCAL, 1979, p. 114).

A razão é impotente diante das verdades éticas e religiosas: “O supremo passo da razão está em reconhecer que há uma infinidade de coisas que a ultrapassam” (PASCAL, 1979, p. 101). A fé, além disso, não só não depende da razão, mas, em última análise, não depende sequer do homem, porque é dom de Deus. Escreve Pascal: “não penseis que dizemos que ela é um dom do raciocínio. As outras religiões não falam assim de sua fé: dão apenas o raciocínio para que se chegue a ela; ele nunca a alcança. A fé é diferente da demonstração: esta é humana, aquela é dom de Deus” (PASCAL, 1979, p. 273).

Se a razão humana não conhece e não sabe avaliar a justiça, por si só ela tampouco pode chegar a Deus. Escreve Pascal:

As provas metafísicas de Deus estão distantes do modo comum de pensar dos homens e são tão confusas que se mostram pouco eficazes. É esse o resultado a que conduz o conhecimento de Jesus Cristo: comunicar-se sem mediações com o Deus que se conheceu sem mediador. Ao passo que aqueles que conheceram Deus pela mediação de um mediador conhecem sua própria miséria [...] O coração – e não a razão – é que sente Deus. E isto é a fé: Deus sensível ao coração e não à razão (PASCAL, 1979, p. 267).

Nossa razão é corrupta e nossa vontade é má. Nenhuma coisa humana pode nos satisfazer. Somente Deus é nossa verdadeira meta. Pois, “para ser verdadeira, uma religião deve ter conhecido nossa natureza. Deve ter conhecido a grandeza e a pequenez, bem como a causa de uma e de outra. E quem a conheceu senão a religião cristã?” (PASCAL, 1979, p. 53). Com efeito, substancialmente, a fé cristã nos ensina apenas estes dois princípios: a corrupção da natureza humana e a obra redentora de Jesus Cristo. O conhecimento da existência de Deus, portanto, é um dom de Deus. O verdadeiro Deus se dá a conhecer por meio de Jesus Cristo. E as verdades de fé não podem ser descobertas e fundamentadas pela razão.

A fé é dom de Deus. Mas a razão pode mostrar pelo menos que essa fé que supera a razão não é contrária à natureza humana. É uma fé que vem ao encontro da miséria humana, explicando-a e resolvendo-a. Consequentemente, se a fé é dom de Deus, então, mais do que procurar aumentar o número das provas da existência de Deus, há necessidade de diminuir nossas paixões.

Em suma, é preciso tornar-se disponível para receber a graça, embora se possa pensar que o próprio esforço moral de quem “busca gemendo” já é fruto de graça: “Nada compreendemos das obras de Deus se não tomarmos por princípio o fato de que ele quis cegar uns e iluminar outros” (PASCAL, 1979, p. 256). A graça é necessária, porque a queda

e a nossa natureza corrupta nos tornaram indignos de Deus. É Deus que se revela, mas o Deus que se revela é, ao mesmo tempo, em Deus *absconditus*:

Ele ficou oculto sob o véu da natureza que o cobre, até a Encarnação. E, quando veio para ele o tempo de se mostrar, ocultou-se ainda mais, cobrindo-se com a humanidade. Ele era bem mais reconhecível quando estava invisível do que quando se tornou visível. E, por fim, [...] decidiu permanecer no mais estranho e incompreensível segredo: as espécies eucarísticas (PASCAL, 1979, p. 84).

Jesus Cristo é a prova de Deus.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho pretendeu analisar sistematicamente o pensamento de Pascal. Esperamos ter colaborado para o processo de formação. Pretendemos com este texto ter enriquecido um pouco mais o leitor que está também nesta busca da vida plena e do amadurecimento da fé.

Podemos concluir que, para os nossos dias, o pensamento de Pascal contribuiu muito para um melhor aprofundamento espiritual e humano. O episódio de seus dois momentos importantes de conversão tem muito a dizer ao ser humano de hoje, repleto de ocupações e ausente de si mesmo. Pascal exorta a necessidade de se cultivar uma espiritualidade autêntica e verdadeira, de ter o foco no coração, definido como sede para um contato autêntico com o Transcendente, que tantas e exaustivas vezes é buscado fora de si, sendo que Ele se deixa encontrar dentro de si.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Ideologia e Educação**. Campinas, SP: Conferência Unicamp, 23/nov. mimeo, 1979.

DURANT, Will. **História da Filosofia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

KRAILSHEIMER, Alban. **Mestres do passado**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.

MAURIAC, François. **O pensamento vivo de Pascal**. São Paulo: Livraria Martins, 1941.

OLIVA, Luiz C. G. **Graça e livre arbítrio em Blaise Pascal**. São Paulo: USP, 1999.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. São Paulo: Paulus, 2005. v. 4.

RHODEN, Humberto. **Pascal**. São Paulo: União cultural, 1949.

Resenha

O fim do Brasil

ROBERTO CARLOS DOS SANTOS

Mestre em História Social - UFU

E-mail: profrcsantos@yahoo.com.br

MEDEIROS, Lívio Soares de. **O fim do Brasil**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2020.



O fim do Brasil (2020) é a oitava publicação em livro do escritor Lívio Soares de Medeiros e compõe-se de 84 poemas distribuídos em cerca de 130 páginas. A leitura da obra é impactante na medida em que os poemas dissecam a desastrosa conjuntura política instalada no país, desde o tempestuoso momento em que o Brasil dobrou à direita, em 2016, com um golpe de Estado *sui generis* em desfavor da presidente eleita democraticamente, Dilma Rousseff. Os bastidores desse evento traumático para a democracia brasileira foram articulados sob a liderança do próprio vice-presidente da República, Michel Temer. Nessa atmosfera política soturna e tenebrosa, foram gestadas as condições necessárias para a extrema direita, “capitaneada” por Jair Bolsonaro, vencer as eleições de 2018, numa crescente onda de retrocesso democrático e degradação política. Desde o fatídico golpe à brasileira de 2016, empreendeu-se uma cruzada contra os direitos das classes trabalhadoras. Bolsonaro, a partir de 2019, adota como método de um governo obscurantista o assédio institucional. Os poemas de Lívio Soares de Medeiros perpassam todo esse contexto melancólico do Brasil contemporâneo e ajudam no entendimento sobre o bolsonarismo como movimento e suas respectivas representações e como forma de governo cujos mecanismos restringiram sobremaneira a participação política da sociedade civil. A leitura de *O fim do Brasil* auxilia na compreensão de um momento político profundamente perigoso para a democracia brasileira. Pode-se enumerar uma infinidade de situações que diagnosticam os efeitos catastróficos do autoritarismo bolsonarista e da nova direita filo-fascista no Brasil sobre a coletividade e mesmo sobre os projetos existenciais de cada um de nós. Nesse sentido,

citaremos algumas evidências que refletem a desconstrução das práticas democráticas em andamento no país: os movimentos sociais sofrem inflexões inimagináveis, os direitos humanos são conspurcados diariamente, a política externa apresenta-se como uma forma rudimentar de diálogo no concerto das nações, a religião foi apropriada e instrumentalizada por uma retórica governamental populista e neoconservadora, a liberdade de expressão da imprensa é reprimida, a agenda econômica neoliberal é reforçada, políticas públicas educacionais, trabalhistas e previdenciárias são desmontadas, as Forças Armadas retornam à política ocupando mais de seis mil cargos no governo, os precariados¹ e os “nanoempreendedores de si mesmos” proliferam pelo país, a política é negada como ação coletiva pela retórica bolsonarista, há uma romantização do passado da monarquia e da ditadura civil-militar criando uma enorme insegurança existencial nos setores mais intelectualizados e críticos do país, a difusão de narrativas de uma suposta hegemonia esquerdista com pautas identitárias é encampada por pastores evangélicos e católicos reacionários, usa-se cotidianamente a contrapublicidade ou “performatividade disruptiva” para chocar de forma intencional o público-alvo, promove-se a disseminação de *fake news* e mensagens negacionistas por atacado visando a interferir na opinião pública e a desestabilizar instituições e valores democráticos vigentes no país etc.

A variedade temática dos poemas, elaborados sem a preocupação com as amarras da métrica, revela um autor interessado nos grandes temas do Brasil. O racismo, a reflexão sobre a mitologia do caráter nacional brasileiro, os autoritarismos institucional e privado, a construção da identidade nacional e a perpetuação de posturas conservadoras e reacionárias no país são objetos privilegiados em uma poética crítica e profundamente engajada com os grandes dilemas da sociedade brasileira contemporânea.

O fim do Brasil repercute uma poesia reflexiva, questionadora e com relances de experimentalismo sobre violência digital, *fake news*, pós-verdade, precarização das condições de trabalho na contemporaneidade, eugenia, aceleração desenfreada do cotidiano, misoginia, sexualidade, questões ambientais, preconceitos raciais, aporofobia², violência doméstica, disciplina militar, despolitização, entre outros. Essa variedade de assuntos torna a leitura agradável e revela um poeta lutador, consciente e lúcido, apesar das temporalidades fugidias e líquidas. Com o refinamento da palavra em

¹ Precariado é um conceito do intelectual canadense Guy Standing (*O precariado e a nova classe perigosa*, 2013), que Ricardo Antunes (*O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*, 2018) retoma e reatualiza de forma crítica como apenas uma parcela do proletariado contemporâneo.

² Aporofobia é o medo e o ódio aos pobres, excluídos, sem-lugar, marginalizados e estigmatizados, segundo Adela Cortina. A autora verticaliza as reflexões sobre a invisibilidade dos pobres como patologia social, os discursos e crimes de ódio ao pobre, a xenofobia, a consciência sobre a miséria e a caridade, os caminhos para erradicar a pobreza e a hospitalidade cosmopolita como exigência ética do acolhimento.

forma de poesia, o autor interroga a “sociedade do cansaço”³ como sujeito histórico e como intelectual.

Em seu conjunto, o livro revela uma profunda reflexão sobre a condição humana, as agruras existenciais dos brasileiros e a resistência ao obscurantismo nefasto da era Bolsonaro. Os poemas são dispositivos de enfrentamento dessa onda de alta voltagem conservadora e, muitas vezes, reacionária. As sinucas do cotidiano dos trabalhadores brasileiros requerem um enfrentamento sistemático pela linguagem e por todas as outras formas possíveis de luta, contado com a sinergia de todos os sujeitos marginalizados, como mulheres, estudantes, negros, indígenas, comunidade 2SLGBTQQIA+⁴, imigrantes etc. Assim, a poesia performática, o grito de revolta e a forma direta e incisiva como o autor apresenta suas mensagens políticas tanto na superfície quanto no âmago dos seus poemas permitem-nos enxergar uma relação dialógica com a poesia feminina contemporânea:

Nesse contexto, o corpo e sua fala ganham terreno progressivamente: o corpo – seus direitos, seus sentidos, seu alcance – se expressa sem muitas voltas, numa dicção direta, talvez, até agressiva, mas sempre procurando novos instrumentos de linguagem, métodos criativos, a garganta profunda da poesia (HOLLANDA, 2021, p. 27).

Lívio Soares de Medeiros tem o mérito de perpetuar a tradição de grandes poetas na cidade de Patos de Minas (MG), como Altino Caixeta de Castro (Leão de Formosa), Maria Esther Maciel, Ricardo Rodrigues Marques, Wilson Pereira e Agenor Gonzaga. O autor apresenta uma poesia moderna, destituída da preocupação com a métrica e com a rima. Todavia, os textos caracterizam-se pela sonoridade, cadência e ritmo. Explora-se também a valorização das metáforas com imagens impactantes e a transmissão de mensagens concisas. O domínio pleno da linguagem e dos recursos da escrita poética permite que o autor elabore textos capazes de atizar a imaginação de quem lê. É uma poesia escancarada que não se esconde subliminarmente na fluidez ou na flutuação. Alguns poemas são construídos com imagens e ambiências corriqueiras e familiares, o que facilita sobretudo o entendimento do leitor. São poesias que podem ser

³ Sociedade do cansaço é um conceito elaborado por Byung-Chul Han, que revela, neste início do século XXI, homens e mulheres reféns da disciplina organizacional e tecnológica degradante. Nesse sentido, a ideologia da positividade (“*Yes, we can*”) introjeta nas pessoas a autovigilância e autopunição resultando em doenças como *burnout*, depressão, transtornos de personalidade etc (HAN, 2015).

⁴ 2SLGBTQQIA+ apareceu nas redes sociais do primeiro-ministro canadense Just Trudeau, em 4/10/2021. O significado das letras é o seguinte: 2S: Dois espíritos; L: Lésbicas; G: Gays; B: Bissexuais; T: Transexuais; Q: Pessoas que estão se Questionando; Q: Queer; I: Intersexo; A: Assexual; +: Outros. Dois espíritos é uma expressão que alguns grupos indígenas da América do Norte usam para se referir à população LGBT. “Eles dizem que os LGBT têm dois espíritos, o espírito de homem e o de mulher; isso não é algo que foi discutido pela comunidade, é algo local”, diz Renato Viterbo - vice-presidente da Associação Parada LGBT+ de São Paulo. Disponível: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/10/07/novas-letras-conheca-a-sigla-2slgbtqqia-que-justin-trudeau-do-canada-usa-em-seus-textos.ghtml>. Acesso em: 15.10.2021.

faladas, compostas por um fluxo ágil, porém reflexivo. Há poemas capazes de deixar o leitor desconcertado pela sinceridade de uma escrita que rejeita exposições ambíguas e apresenta corajosamente uma realidade para ser lida, ainda que desconfortável.

O livro compõe-se de textos combativos e engajados numa clara proposta de questionamento político-institucional. É uma poesia do tempo presente intrigada com a política brasileira, buscando descodificar as alianças que sustentam o governo escatológico de Bolsonaro, marcado por suas aproximações ideológicas com o integralismo brasileiro. Há, no Brasil, uma tradição do uso da poesia como resistência ao autoritarismo. Durante a ditadura civil-militar (1964-1985), era comum a distribuição e venda de poesias mimeografadas ou impressas artesanalmente em prensas rudimentares, em barzinhos, em filas de cinemas e teatros, em universidades, em praças e em eventos culturais. Lívio Soares de Medeiros flerta com essa poesia marginal⁵. Entre piscadelas, aproximações e distanciamentos, é possível reconhecer na sua escrita alguns atributos do estilo da geração mimeógrafo: eco da voz das minorias, humor, ironia, produção artística “fora do sistema”, linguagem espontânea e com traços de oralidade, sarcasmo, gírias, inconformismo com censura e repressão, proposta inovadora e contrária à rigidez das convenções artísticas etc. São textos de resistência, empatia com grupos de maiorias minorizadas e luta pela salvação da vida que se degrada online, em rede. Há nos poemas uma assertiva interpelação ao mundo, aos equívocos da sociedade contemporânea, aos ressentimentos e recalques da nação brasileira, de onde o autor extrai a robustez de sua poesia. Alguns poemas convidam o leitor a escutar a paisagem sonora do seu entorno e a atentar para o acúmulo de temporalidades nos sobressaltos diários. A obra em análise apresenta uma tendência a se colocar como mediadora entre o sujeito e o mundo, voltada mais para o presente do que para o passado ou para o futuro.

A leitura de *O fim do Brasil* evidencia uma infinidade de representações da aceleração cotidiana, sem perspectiva de se reduzir essa velocidade inebriante. O livro revela o quanto o ritmo vertiginoso da sociedade contemporânea impede a nossa compreensão sobre o sentido das coisas ou dos acontecimentos. A nossa condição de peregrinos atentos aos caminhos ou de caçadores que observam detalhadamente pistas e sinais foi substituída pela condição de um turista insano, preocupado apenas com as fotografias para as redes sociais e com os *souvenirs* decorativos. Essa postura cria uma espécie de vácuo desconectado do passado e do futuro. Não é possível produzirem-se e reverenciarem-se memórias, elaborarem-se projetos pessoais de desaceleração ou criar-se um outro tempo alternativo. Nada tem conclusão. Nesse frenesi, tanto no ambiente de trabalho quanto no tempo de lazer, somos acossados ininterruptamente pelo mundo do desempenho, das metas, da produtividade, da remuneração variável e das nossas próprias cobranças e inquietações.

⁵ Geração Mimeógrafo ou Poesia Marginal foi um movimento artístico (literatura, música, cinema, teatro e artes plásticas) brasileiro, iniciado na década de 1970, inspirado na ideia da contracultura para enfrentar a censura e a atmosfera repressiva da ditadura civil-militar (1964-1985). Os textos eram produzidos artesanalmente, em regra, em mimeógrafos e negociados em universidades, cinemas, teatros etc. Esse movimento possibilitou o surgimento de grandes poetas como Chacal, Cacaso, Paulo Leminski, José Agripino de Paula, Waly Salomão, Francisco Alvim, Ana Cristina César e Torquato Neto.

O poema “Contagem” (p. 9-34) abre o livro *O fim do Brasil* como um manifesto de repulsa às conspirações odiosas à verdade propagadas nas redes sociais e apropriadas pelos processos políticos reacionários como instrumentos partidários e ideológicos. O autor utiliza a famosa frase do ministro da propaganda de Hitler, Joseph Goebbels (1897-1945), “uma mentira contada mil vezes torna-se verdade” como referência para manifestar seu desconforto com a proliferação das *fake news* ou *hoaxes*. O impacto das notícias falsas recai sobre as pessoas, produzindo riscos à saúde, interferência em eleições e desinformação geral a respeito da ciência. No período da pandemia, a disseminação de *fake news* tornou-se uma “infodemia”, segundo Tedros Adhanom (OMS). Atualmente, o volume e a velocidade de propagação das notícias falsas são avassaladores, independentemente dos assuntos. Segundo a reconhecida jornalista Patrícia Campos Mello,

[...] fake news circulam com muito mais velocidade que as notícias verdadeiras. Segundo um estudo do Massachusetts Institute of Technology, notícias falsas têm probabilidade 70% maior de serem retuitadas do que as verdadeiras. E as notícias verdadeiras levam seis vezes mais tempo que as fake news para atingir o número-padrão de 1500 pessoas. Ou seja, desmentir notícias falsas é enxugar gelo. Como fazer a checagem de fatos viralizar tão rápido quanto as notícias falsas é a pergunta de 1 milhão de dólares, diz Cristina Tardáguila, diretora-adjunta da Rede Internacional de Checagem de Fatos. Os checadores estão testando diversas estratégias para tornar as correções de boatos mais viralizáveis. Quando um influenciador digital compartilha uma checagem, por exemplo, viraliza muito; também estamos tentando novos formatos, não dá para a checagem ser só em texto, estamos usando áudios, cartuns e vídeos, ela contou (MELLO, 2020, p. 239).

No poema “A invasão” (p. 35), o autor apresenta a subversão à lógica do descobrimento oficial do Brasil e, diante desse encobrimento, sugere que deixemos os povos originários contarem as suas histórias. Aqui, já se percebe a ideia de violência simbólica que irá trespassar boa parte da obra. A reflexão sobre o conceito de violência precisa ser atualizada continuamente, diante de novas perguntas, novos objetos e novas abordagens das nossas experiências.

O autor identifica e aponta a irracionalidade e a escatologia brasileiras em alguns poemas, logo no início do livro. Em “Um” (p. 36) e em “Azul e amarelo” (p. 37), a lista de atitudes irracionais dos integrantes do governo federal aproxima-os da escatologia e da psicose. No país, perderam-se as noções de sensatez e pudor. A ideia do absurdo é recuperada para além de uma estética acolhedora em termos de potencialização do imaginário. O absurdo, aqui e agora, é a antiarte, a anticiência e o antifeto. Dissemina-se o ódio ao pensamento, redimensiona-se o campo de atuação do sujeito e tenta-se expurgar quaisquer formas de resistência. O poema “Onde o país?” (p.

38) recupera o debate sobre o patrimonialismo que confunde os interesses públicos e privados. Como disse Sérgio Buarque de Holanda, somos uns desterrados em nossa própria terra. Somos incapazes de alterar o nosso destino. No lugar da idílica *Cocanha*, apenas a *Nau dos insensatos*. Em “A besta” (p. 39), o Brasil aparece como um barco desgovernado, que partiu, mas não consegue chegar a lugar nenhum. Um país que foi inventado pelos europeus, mas carece de uma mitologia fundadora democrática. No poema “Hino” (p. 40-41), o texto ironiza as falsas narrativas ufanistas que, desde o “encobrimento” de 1500, insistem em dissimular a história, a pobreza e a educação. Uma suposta ideia de identidade nacional serve como dispositivo para o falseamento das inconsistências socioeconômicas brasileiras em nome de uma harmonia descolada de uma realidade repleta de contradições. Em “Lex” (p. 51), o autor ironiza o Poder Judiciário que legitima as desigualdades sociais brasileiras, permitindo um *establishment* marcadamente alheio à ideia de justiça. A crítica aos paradigmas da justiça togada reaparece em “Convicção” (p. 62).

Elementos da retórica bolsonarista como apologia das armas, censura às artes, disciplina cívico-militar e descaso com a memória nacional são relevantes em *O fim do Brasil*. Em “Espocos” (p. 43), critica-se o fetiche pelas armas de fogo, aspecto reluzente da ideologia bolsonarista, e remete-nos ao Princípio da Precaução, de Hans Jonas, que nos alerta sobre qual mundo será o nosso legado às gerações futuras. “Biologia e psicanálise” (p. 44) apresenta um ambiente emoldurado pela vigilância, pela repressão às liberdades individuais, enfim, pela censura de conotações fascistas. Quando repórteres e criadores de charges, por exemplo, são acuados por milícias digitais instigadas pelo presidente da República, pode-se ter a certeza de que a decadência da expertise e do saber culturalmente estabelecido está sob sérios riscos de desaparecimento. Já em “Nudez” (p. 45), o olhar da vigilância e perseguição atenta sobre as manifestações artísticas, que podem sofrer censura, desqualificação das reputações dos artistas ou juízos depreciativos fundados no obscurantismo. A crítica à disciplina militar surge em “Outro perfil” (p. 47-48), que expõe o caráter odioso da retórica bolsonarista. O autor alerta sobre o risco que uma sociedade corre quando parcela dos oprimidos alia-se aos opressores. Tal fenômeno remete-nos ao *Paradoxo do senhor e do escravo*, de Hegel, à *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire, e à *Síndrome de Estocolmo*, do criminólogo e psicólogo Nils Bejerot. Em “A fogueira” (p. 49-50), Lívio Soares de Medeiros elenca atos obscurantistas, de intolerância e inquisitoriais da era Bolsonaro, que vão desde a falta de cautela na custódia da memória nacional, o preconceito contra nordestinos e misoginia até a destruição inconsequente dos biomas do Cerrado, Pantanal e Amazônia. A questão ambiental irá aparecer também com intensidade no poema “Ecológico” (p. 56).

Em “Construção” (p. 52), há uma espécie de olhar estrangeiro sobre o Brasil para denunciar as nossas representações internas como distorcidas e reprodutoras de estereótipos e mitologias de cunho autoritário. O poema “Poderes” (p. 54) é assertivo ao mostrar as perdas de todos com o Brasil estacionado na condição de pária no concerto das nações. O texto de “Reciprocidade” (p. 57) é uma reflexão sobre a fragilidade do comportamento ético dos cidadãos e cidadãs brasileiros. O poema “Odebrecht” (p. 58) diz o seguinte: “O Brasil / é um país / em desconstrução. // (Desde 1500)”. Historicamente, pode-se recorrer à *Carta de achamento do Brasil*, que termina com uma

solicitação de favor do escrivão ao Rei de Portugal, D. Manuel I (1469-1521), O Venturoso:

E pois que, Senhor, é certo que tanto neste cargo que levo como em qualquer outra coisa a vosso serviço, Vossa Alteza há de ser de mim muito bem servida. Ao Senhor peço, que por me fazer singular mercê, mande vir da ilha de São Tomé a Jorge Osório, meu genro, o que receberei como grande mercê (CAMINHA, 2021, p. 116-117).

“Alice” (p. 77) é um texto sarcástico e com uma ironia mordaz, que condena a hipocrisia da caridade feita pelos defensores da máxima *bandido bom é bandido morto*. Trata-se de uma profunda reflexão que nos remete à ideia do caráter nacional do brasileiro (Dante Moreira Leite), às limitações das sínteses elaboradas por grandes ensaístas e intérpretes do Brasil (Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Darcy Ribeiro, Carlos Guilherme Mota, Raymundo Faoro, Maria Sylvia de Carvalho Franco e outros) e à tentativa de enxergar na sociedade brasileira um *tipo ideal* weberiano.

“Urbano” (p. 60) é um dos poemas mais instigantes de *O fim do Brasil*. O texto evidencia referências na música “Construção”, de Chico Buarque, e na personagem Macabéa, do romance *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. O urbano é um frenesi em que traquitanas e geringonças tecnológicas imprimem tensões desnecessárias à vida, uma vertigem asfíxiante, tanto na casa quanto na rua. Os ritmos desvairados e alucinantes dos automóveis provocam tragédias cotidianas, como acidentes e atropelamentos. Em “Trânsito” (p. 71), o aspecto da violência é retomado. “Das capacidades” (p. 66) recobra o tema da violência e da estupidez, e o autor faz referência à ideia de *linchamento*. Sabe-se que o Brasil é um dos países que mais praticam o justicamento de rua no mundo, o que é um terrível espetáculo de loucura coletiva.

O poema “Chique” (p. 63) faz menção à presença de Chico Buarque na cidade natal do autor, fato ocorrido em 23 de maio de 1968, quando os músicos Chico e Toquinho e o humorista Golias se apresentaram no estádio de futebol da União Recreativa dos Trabalhadores (URT), situado entre as avenidas Paranaíba e Brasil.

“Discurso” (p. 67) é um belíssimo texto que reclama por uma paideia grega ou uma cultura civilizatória de bases iluministas, capaz de oferecer espaços para a realização das virtudes, da beleza, da paz, da gentileza, das potencialidades do intelecto e da leitura.

Em “Ana e Alessandro” (p. 80) temos: “Ana é bela. / É recatada. / É do lar. / É religiosa. / Alessandro, o amante, concorda”. Aqui, o poeta Lívio Soares de Medeiros reverbera sobre o tema da infidelidade, que, desde a *Odisseia*, com a paradigmática Penélope, até Nelson Rodrigues, com a recalcada Engraçadinha, exerce um fascínio e paradoxalmente amedronta as pessoas autodeclaradas conservadoras, temerosas sobretudo da traição. Segundo HAN (2021, p. 39), a declaração de amor é uma promessa que produz uma duração, uma *clareira* no tempo. A fidelidade é ela mesma uma forma de conclusão, que introduz uma eternidade no tempo. Ela é a inclusão [*Einschluss*] da eternidade.

“Haicais” (p. 89-97) é uma série de 26 poemas com posições bastante críticas em relação a algumas lideranças políticas e personalidades brasileiras de direita e extrema direita filofascista, como Mourão, Moro, Malafaia, Bolsonaro, Madero e Dória. Há uma exposição dos efeitos deletérios da necropolítica bolsonarista, cuja sordidez, ignorância e obscurantismo conduzem o Brasil para o matadouro.

O poema “Crenças” (p. 106) remete o leitor à noção de pós-verdade, essa epidemia que torna os fatos pouco atraentes. O esfacelamento da verdade por meio de *fake news* é pressuposto para a consolidação dos regimes autoritários e totalitários. O declínio da verdade fragiliza o papel social dos fatos e permite a proliferação de negacionistas da ciência, revisionistas da história, *anti-vaxxers* etc. Tais relativismos abrem campo para a expansão de uma direita populista, ideólogos do criacionismo e negacionistas climáticos, por exemplo. A defesa do direito à verdade é, em última instância, a defesa da própria democracia.

O súdito ideal do governo totalitário não é o nazista convicto nem o comunista convicto, mas aquele para quem já não existe a diferença entre fato e a ficção (isto é, a realidade da experiência) e a diferença entre o verdadeiro e o falso (isto é, os critérios de pensamento). (ARENDR, 2000, p. 526).

As relações perigosas entre religião e a política institucionalizada surgem em passagens de alguns poemas. Em “Ora, ora” (p. 120), o autor expõe a contradição entre o ato sublime de rezar e a defesa insensata da violência. Em “O vírus” (p. 121), o texto conduz-nos a um cenário de charlatanismo e de vulgarização religiosa, em que pastores visam a atingir frontalmente a verdade do pensamento científico. “Mandamentos” (p. 122) retoma o debate sobre a relação entre política e igrejas, na qual fiéis com formação educacional precária ficam reféns de um ambiente à espera do milagre, embriagados pela malícia e astúcia dos pastores.

“Eficácia” (p. 123) é uma súplica pelo corpo honesto, desassistido e marginalizado, em regra, vítima da eficácia da indecência e dos indecentes, que são responsáveis por forjar a história, segundo o autor. Em “Sufixo” (p. 124), a inventividade do poeta reveste-se de um jogo de palavras indagando a força do discurso e o poder da narrativa em tempos de relativismo cultural. Busca-se questionar os ataques de ódio, as *fake news* e todo tipo de violência com o humor e a acidez da sátira.

“Corpo histórico” (p. 126) é outro poema bastante denso de argumentações sobre o poder da palavra. Esta redimensiona os corpos, historiciza-os, dá-lhes possibilidades de exercerem protagonismos. É a palavra inteligente e, às vezes, silenciosa, que nos salva a todos do berro da ignorância.

“Brasília” (p. 127) é o retrato da assimetria de poderes que se destaca em um espaço cuja simetria arquitetônica e urbanística é o símbolo da racionalidade modernista. A capital do Brasil surge como espaço para a contenção de homens e mulheres comuns, edificada simbolicamente “para o povo” e não “pelo povo”.

Os cinco últimos poemas do livro encaminham o leitor da condição de estranhamento para a certeza de que é necessária a resistência, pela luta, pela poesia ou

pelo silêncio ruidoso. Em “Civil” (p. 128), há um susto com a cidadania que subitamente surge, mas, talvez, não se complete como civilidade. “Entranha” (p. 129-130) mostra o cotidiano comprometido pela melancolia, pelas ausências, por aquilo que não se tem ou não se é permitido ter. Apesar do desalento, a superação é diária, e nessa intermitência das lutas de classes é que se adquire o preparo necessário para o combate final. Em “Robusta clausura” (p. 131), o autor reitera a ideia de que o recolhimento no claustro, o tempo da recomposição, oxigena-nos para o prosseguimento da luta cotidiana. “Desobediência” (p. 132) é um hino à poesia, um metapoema que assinala a importância do tempo do estio e da maturidade. Com a poesia, resiste-se com mais vigor, com mais astúcia e por mais tempo. O último poema do livro “Palavra e silêncio” (p. 133) propõe uma tomada de fôlego, uma respiração silenciosa e, depois, resta-nos a todos aguardar o ressurgimento da resistência em palavras ruidosas.

O fim do Brasil é uma obra de fôlego, crítica da sociedade contemporânea e determinada ao enfrentamento do obscurantismo da extrema direita. A leitura do livro é bastante agradável e sedutora, permitindo ao leitor a identificação e a avaliação de problemas nevrálgicos e crônicos da sociedade brasileira. De resto, congratulo-me com Waly Salomão que dizia impiedosamente que a crítica literária acadêmica confunde alhos com torresmos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta de achamento do Brasil**. Introdução e modernização do texto: Sheila Hue. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2021.

CORTINA, Adela. **Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **As 29 poetas hoje**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

STANDING, Guy. **O precariado: a nova classe perigosa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

Resenha

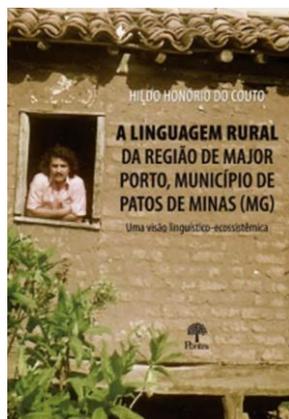
A linguagem rural da região de Major Porto, município de Patos de Minas (MG): uma visão linguístico-ecossistêmica

ERICK SAMUEL SILVA THOMAS

Graduado em Letras - UFG

E-mail: thomaserick98@gmail.com

COUTO, Hildo Honório do. **A Linguagem rural da região de Major Porto, município de Patos de Minas (MG): uma visão linguístico-ecossistêmica**. Campinas, SP: Pontes, 2021.



O livro *A linguagem da região de Major Porto, município de Patos de Minas (MG): uma visão linguístico-ecossistêmica*, de Hildo Honório do Couto, é uma grande contribuição para duas áreas dos estudos linguísticos, o que já está indicado no próprio título, e para a teoria e aplicação da versão da Ecolinguística chamada de Linguística Ecossistêmica no Brasil.

A obra é fruto de esforços, debates, orientações e reflexões acerca de uma visão holística da linguagem. Em sua introdução, Hildo Honório apresenta algumas considerações de vital importância, como trabalhos já desenvolvidos e o que será discutido no livro. Nesse momento, o leitor depara-se com os objetivos da escrita do livro, que é apresentar a versão brasileira da Ecolinguística e seus pressupostos fundamentais, aplicando-os na descrição e na análise de vários aspectos da linguagem da região de Major Porto (MG).

O livro conta com um prefácio e um posfácio. O prefácio (Prólogo) é escrito pela escritora e ecolinguista espanhola da Galiza, Teresa Moure (Universidade de Santiago de Compostela). A certa altura ela diz que O posfácio (Epílogo) foi escrito pelo também habitante “Hildo Honório do Couto descreve uma fala parcialmente perdida, uma fala que tende ao desaparecimento nesta voragem de homogeneização que o nosso mundo

padece”. Um pouco mais à frente acrescenta que “quem isto escreve [Teresa Moure - ESST] mora no outro lado do oceano, na Galiza, o país em que nasceu a variedade linguística que agrupa a fala descrita pelo professor Hildo Honório do Couto e a minha própria, para além de outras muitas. A variedade que eu falo, o galego, inteligível para uma pessoa do Major Porto e, em simultâneo, diferente, tem problemas de reconhecimento” (MOURE, 2021 *apud* COUTO, 2021, p. 12 - 13), ou seja, é discriminada.

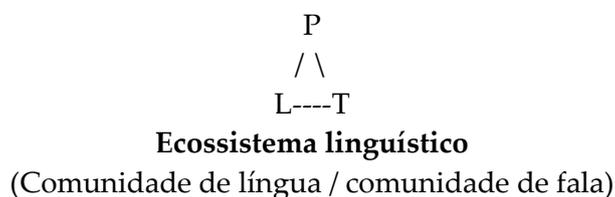
O posfácio (Epílogo) foi escrito pelo também habitante de uma província da Espanha, a Catalunha, ou seja, Pere Comellas-Casanova, da Universidade de Barcelona. O interessante deste epílogo é que ele foi escrito em catalão, sendo que parte dele foi reproduzida em português na quarta capa do livro. Vale a pena reproduzir toda esta quarta capa.

Este livro não é um exercício de nostalgia. O Dr. Hildo Honório do Couto explica-o na Introdução, o que, na verdade não era necessário. Nostalgia é o contrário da visão ecolinguística e diversófila em que ele se baseia. Nostalgia é estática, pois pretende congelar, mumificar e manter ao abrigo da vida uma situação mitificada e falsamente idílica. A proposta de **A linguagem rural da região de Major Porto, município de Patos de Minas: uma visão linguístico-ecossistêmica** implica reconhecer e celebrar a diversidade, quer dizer, a mudança, a surpreendente capacidade dos seres humanos de adaptar-se, de criar cultura local, o que implica língua local. As práticas linguísticas dos habitantes da atual Major Porto (ex-Capelinha do Chumbo) são resultado da interação interpessoal que se dá no contexto do território. Estes são os três elementos básicos da Linguística Ecolinguística: interação (língua) interpessoal (povo) em um lugar (território), entendendo língua não como “código” ou “instrumento”, mas como a dinâmica da própria interação. Os textos de Couto que formam este livro já implicam o valor desta interação, única e localizada em uma comunidade linguística maior, ao mesmo tempo produto e produtora de uma cultura que perdura porque evolui. Esta reivindicação, que é a reivindicação da diversidade, da possibilidade da diferença, vai contra as forças homogeneizadoras da ideologia padrão e do estado-nação. Vai contra a mentalidade uniformizadora que considera as línguas como códigos civis (ou penais) com seus artigos prescritivos e seus anátemas: ‘isto não é correto’, ‘você não sabe falar’, ‘esta expressão é própria de ignorantes’. Conceber a língua como interação é compreender a dinâmica da vida (COMELLAS-CASANOVA, 2021 *apud* COUTO, 2021, p. 141).

No primeiro capítulo, intitulado “Bases Teóricas”, o autor conceitua a Ecolinguística como sendo o estudo das relações entre língua e meio ambiente (COUTO,

2007), ressaltando que atualmente se prefere defini-la como estudo das interações verbais que se dão no interior do ecossistema linguístico, que pode ser entendido como uma comunidade de língua ou comunidade de fala. Ainda neste capítulo, o autor discute os princípios da Linguística Ecológica, que possui esse nome por partir do conceito central da Ecologia, que é o ecossistema.

Por meio da figura de um tripé, Hildo afirma que o ecossistema linguístico consta de uma população, povo ou pessoas (P), vivendo em seu território (T) e seus membros interagindo entre si por meio do modo tradicional de interagir, que é sua língua ou linguagem (L) (COUTO, 2021). Utilizando como exemplo a região que constitui seu material de pesquisa, Couto diz que as pessoas com nomes próprios devem ser representadas por P. Essas pessoas convivem no território (T) em que Major Porto está situada. Por fim, o modo pelo qual essas pessoas interagem entre si é a sua linguagem (L). Isso está representado no tripé teórico do ecossistema linguístico reproduzido na figura logo a seguir.



No capítulo 2, intitulado “A comunidade de fala fazenda Capivarinha”, Hildo retoma, de modo mais extensivo, os conceitos de comunidade de língua e comunidade de fala. Ele os define assim:

[...] a comunidade de língua portuguesa compreende Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste, independentemente de a língua estar sendo usada no momento ou não. [...] A comunidade de fala (CF) já não é tão fixa como a comunidade de língua. [...] O linguista pode delimitar o Brasil todo como a CF que irá investigar para, por exemplo, estabelecer o atlas linguístico do Brasil. Pode delimitar só Minas Gerais, ou só o município de Patos de Minas, ou só Major Porto. Pode até mesmo delimitar o bairro majorportense de Catiara ou a avenida José de Souza Rego (COUTO, 2021, p. 25).

No fim desse capítulo, há uma definição de língua e linguagem dentro dos princípios da Linguística Ecológica. Para essa perspectiva de estudo, a linguagem é um fenômeno biopsicossocial. O autor acrescenta que o conceito de comunidade de fala exemplificado com a fazenda Capivarinha é uma espécie de síntese de todo o livro. Ele acrescenta que

[...] uma vez delimitada a comunidade de fala permite um tratamento científico preciso, inclusive nos termos do

estruturalismo. O pesquisador tem que se ater a ela, considerando-a holisticamente, sem deixar de lado nenhum de seus componentes. Ele pode averiguar todas as interações que se dão em seu interior, na medida do possível (COUTO, 2021, p. 32).

Por meio da Interação Comunicativa, o autor descreve o fluxo interlocucional entre sujeitos da fazenda Capivarinha, no contexto da Ecologia da Interação Comunicativa (EIC). Acrescenta que para uma interação comunicativa ser eficaz é necessário que os interlocutores estejam em comunhão.

No capítulo 3, “Nomes de lugares: a microtoponímia na interação pessoa-pessoa e pessoa-mundo”, Couto aborda questões relacionadas à interação pela microtoponímia que diz respeito a denominações de acidentes e fenômenos existentes em territórios de pequenas dimensões. Esse capítulo é de fundamental relevância, uma vez que trata dos seguintes conceitos: toponímia, microtoponímia e etnotoponímia. Uma conclusão interessante é que os microtopônimos geralmente são conhecidos apenas pelos membros da comunidade de fala, uma vez que eles existem para as pessoas se orientarem no espaço. Vale dizer, eles existem para as pessoas comunicarem entre si sobre seu meio ambiente natural.

Durante o capítulo 4, “Nomes de pessoas: apelidos”, o autor discute como as pessoas se dão nomes e apelidos através da interação e de inúmeros exemplos que justificam essa discussão. Nota-se que o nome real das pessoas no local são os apelidos, não os nomes oficiais, “de registro”, o que de certa forma contribui para a identidade e coesão do grupo. Aliás, Couto ressalta que essa prática é muito comum em qualquer comunidade pequena do interior do Brasil e até em cidades como Cláudio, como se pode ver no artigo de Hildo Couto na revista *Humanidades* da UnB (n. 11, 1986/1987, p. 65-70).

O próximo capítulo, “Nomes de animais domésticos”, diz respeito à necessidade de nomear os animais domésticos, pois há uma intensa interação dos habitantes de fazendas tradicionais com eles. Os animais ali presentes eram cavalos, galinhas e porcos, entre outros. É interessante notar que há sons específicos para se comunicar com cada uma dessas espécies de animais. O registro aqui feito desse tipo de comunicação é importante, uma vez que ele está desaparecendo com a globalização.

Seguindo nesse eixo temático, o capítulo 6, “Nomes de plantas e a Etnomedicina”, trata da nomeação de plantas silvestres e domesticadas, bem como de ervas medicinais. Ao longo do capítulo, o autor argumenta sobre o conhecimento dessas plantas por parte dos moradores das fazendas. As questões presentes nos capítulos anteriores são discutidas, ressaltando a visão ecológica de mundo e o ecossistema linguístico analisado. De um modo geral, esse tipo de nomeação segue os mesmos princípios da nomeação de lugares (cap. 3), de pessoas (cap. 4) e de animais (cap. 5). Para se comunicar entre si sobre seu entorno, os membros da comunidade precisam dar nome ao que existe nele.

Em seguida vem o capítulo 7, “Comunicação humano-animal numa fazenda”, que complementa o que foi dito no capítulo 5 sobre os nomes de animais domésticos. Na comunicação com eles lá mencionada, os humanos dão ordens, e o animal obedece, quando/se o faz. Nesse capítulo, o professor Hildo afirma que a Linguística

Ecossistêmica não se restringe à comunicação entre humanos, mas inclui também a comunicação entre humanos e animais.

O capítulo 8, “A memória e a existência da comunidade”, aborda um tema de vital importância, ou seja, a memória, para a existência da comunidade. Na verdade, uma comunidade só existe enquanto seus membros existirem e enquanto tiverem memória do território (T), do povo (P) que ocupa e sua história, inclusive sua linguagem (L). A “A comunidade de fala da fazenda Capivarinha”, estudada no capítulo 2, por exemplo, não existe mais, pois todos seus membros já faleceram ou se mudaram para outros lugares. O que ainda existe é o espaço, embora dividido de modo diferente do que era durante a existência da comunidade, logo não é exatamente o mesmo espaço que constituía o lado T da comunidade.

No último capítulo (o nono), o autor fala sobre as “Narrativas orais”, presentes nas regiões rurais estudadas. Ele discute a concepção de língua como interação e, ainda, apresenta um exemplo de análise das narrativas pela ótica da Linguística Ecossistêmica. Trata-se de uma mininarrativa, mas, segundo o autor, o que se diz dela em princípio vale também para narrativas maiores. Um fato interessante apontado é que, mesmo quando o narrador omite várias coisas, pospõe ou antecipa fatos, o ouvinte de sua comunidade entende tudo. Isso mostra que há uma espécie de contrato tácito entre eles de que aquilo que o narrador efetivamente diz, mesmo que aparentemente desconjuntado na estrutura superficial, corresponde a uma estrutura profunda lógica, que só não é seguida à risca por motivos de economia, de conhecimentos compartilhados etc.

Por fim, temos as conclusões do livro, em que o autor procurou apresentar uma visão geral da linguagem rural na região de Major Porto em Minas Gerais. É importante mencionar que o livro *A Linguagem rural da região de Major Porto, município de Patos de Minas (MG): uma visão linguístico-ecossistêmica* é realmente importante por apresentar não só uma linguagem que está desaparecendo com o avassalador processo de globalização, mas também a teoria ecolinguística da Linguística Ecossistêmica, proposta teórica do próprio autor do livro.

Com uma linguagem simples e objetiva, Hildo Honório do Couto, precursor da Ecolinguística no Brasil, nos apresenta essa obra de vital relevância para o desenvolvimento da Ecolinguística e da Linguística Ecossistêmica nos ambientes acadêmicos, além de dar uma visão geral da linguagem da região de Major Porto (MG). É uma obra que influencia o desenvolvimento de pesquisas, como trabalhos de curso, dissertações e teses que investigam fenômenos sociais a partir dos diversos ecossistemas linguísticos, concebendo a língua como um fenômeno biopsicossocial.

REFERÊNCIAS

COUTO, Hildo Honório do. **A Linguagem rural da região de Major Porto, município de Patos de Minas (MG): uma visão linguístico-ecossistêmica**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

COUTO, Hildo Honório do. **Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente**. Brasília - DF: Thesaurus, 2007.